



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO  
EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

**DIONE CLEY BENTO DE ABREU**

**MEIOS DE VIDA E RESISTÊNCIA À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO: OS  
QUINTAIS PRODUTIVOS COMO GARANTIA DA TERRITORIALIZAÇÃO DAS  
FAMÍLIAS DO BAIXÃO DOS COCOS EM DARCIÓPOLIS - TO**

Araguaína-TO  
2024

**DIONE CLEY BENTO DE ABREU**

**MEIOS DE VIDA E RESISTÊNCIA À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO: OS  
QUINTAIS PRODUTIVOS COMO GARANTIA DA TERRITORIALIZAÇÃO DAS  
FAMÍLIAS DO BAIXÃO DOS COCOS EM DARCINÓPOLIS - TO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult da Universidade Federal do Norte do Tocantins, campus de Araguaína, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Linha de pesquisa: Paisagens, Narrativas e Linguagens.

Orientadora: Professora Doutora Renata Rauta Petarly

Coorientador: Professor Doutor Dernival Venâncio Ramos Junior

Araguaína-TO  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

A162m ABREU, DIONE CLEY BENTO DE .

MEIOS DE VIDA E RESISTÊNCIA À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO: OS QUINTAIS PRODUTIVOS COMO GARANTIA DA TERRITORIALIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS DO BAIXÃO DOS COCOS EM DARCINÓPOLIS - TO / DIONE CLEY BENTO DE ABREU. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.

1 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: RENATA RAUTA PETARLY .

Coorientador: DERNIVAL VENÂNCIO RAMOS JÚNIOR.

**CDD 301.09**

1. Os quintais produtivos . 2. agronegócio. 3. Baixão dos Cocos .

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dione Cley Bento de Abreu

**MEIOS DE VIDA E RESISTÊNCIA À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO: OS  
QUINTAIS PRODUTIVOS COMO GARANTIA DA TERRITORIALIZAÇÃO DAS  
FAMÍLIAS DO BAIXÃO DOS COCOS EM DARCINÓPOLIS - TO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult, foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura e Território e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 19/12/2024

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

**RENATA RAUTA PETARLY**  
Data: 19/12/2024 16:04:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Rauta Petarly (Orientadora)**  
Doutora em Desenvolvimento Regional, pela Universidade Federal do Tocantins



Documento assinado digitalmente

**DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR**  
Data: 19/12/2024 16:34:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Dernival Venâncio Ramos Junior (Coorientador)**  
Doutor em História, pela Universidade de Brasília



Documento assinado digitalmente

**KENIA GONCALVES COSTA**  
Data: 26/12/2024 14:51:54-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kênia Gonçalves Costa - Membro interno (UFNT)**  
Doutora em Geografia, pela Universidade Federal de Goiás



Documento assinado digitalmente

**CLEITON SILVA FERREIRA MILAGRES**  
Data: 19/12/2024 16:07:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Cleiton Silva Ferreira Milagres - Membro externo (UFT)**  
Doutor em Desenvolvimento Regional, pela Universidade Federal do Tocantins

## RESUMO

Os quintais produtivos apresentam-se, em regiões do cerrado brasileiro, como uma importante estratégia de cultivo e diversificação alimentar. Para as famílias que fazem manejo nos quintais na região do Baixão dos Cocos no município de Darcinópolis-TO, essas zonas no entorno da casa, constituídas de interações de seus componentes, são utilizadas como ambientes de produção agroecológica e reprodução cultural dos saberes e modos de vida local. O uso desses espaços tem tomado consistência no território tocantinense e, o manejo agroecológico dos quintais, passou a ter um significado cultural, social e econômico para as famílias que vivem nessa região. O crescimento do agronegócio pode resultar na expansão de grandes fazendas e na adoção de práticas intensivas de produção, o que impacta negativamente os pequenos agricultores e as comunidades tradicionais. E isso pode ocorrer por meio da concentração de terras, uso extensivo de agrotóxicos e monoculturas; deslocamento de comunidades locais e redução da diversidade agrícola. Nesse sentido, este trabalho buscou, compreender, como os quintais produtivos têm garantido a territorialização das famílias frente à expansão do agronegócio, considerando os processos de estruturação produtiva, social e ambiental. Por meio desta pesquisa, busca-se fortalecer a visibilidade da cultura local com enfoque na questão ambiental, visando a promoção do desenvolvimento sustentável em consonância da convivência com o cerrado e a promoção da conservação do ambiente. A dissertação está orientada pela pesquisa qualitativa. As técnicas de coleta de dados tiveram como eixos fundamentais o processo de entrevistas semiestruturada, escutas, diálogos e trocas de informações como forma de compreender fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Esses recursos metodológicos foram empregados com o objetivo de construir uma narrativa compartilhada e aprofundada sobre os temas investigados, valorizando a interação e o contexto dos participantes como elementos centrais do processo investigativo. Os resultados apontaram que os quintais produtivos têm se apresentado como uma importante alternativa para a conservação ambiental, desempenhando um papel crucial na preservação da diversidade agrícola e na manutenção e continuidade das tradições locais. Portanto, a partir das informações apresentadas, pode-se identificar as mudanças ocorridas no contexto social, econômico e cultural das famílias envolvidas na pesquisa e a permanência delas com as práticas nos quintais mesmo com a presença da expansão do agronegócio. Apesar das mudanças significativas causadas por esse modelo de produção em larga escala, é notável a resistência e a permanência das práticas tradicionais nos quintais familiares que desempenham um papel crucial na manutenção do modo de vida e da segurança alimentar dessas famílias.

**Palavras-chave:** Território. Reprodução social rural. Agricultura familiar. Tocantins.

## ABSTRACT

In regions of the Brazilian Cerrado, productive backyards are an important strategy for cultivation and food diversification. For families who manage their backyards in the Baixão dos Cocos region in the municipality of Darcinópolis-TO, these areas around their homes, made up of interactions between their members, are used as environments for agroecological production and cultural reproduction of local knowledge and ways of life. The use of these spaces has become consistent in the Tocantins region, and the agroecological management of backyards has come to have cultural, social and economic significance for families living in this region. The growth of agribusiness can result in the expansion of large farms and the adoption of intensive production practices, which negatively impacts small farmers and traditional communities. This can occur through land concentration, extensive use of pesticides and monocultures; displacement of local communities and reduction of agricultural diversity. In this sense, this work sought to understand how productive backyards have ensured the territorialization of families in the face of the expansion of agribusiness, considering the processes of productive, social and environmental structuring. Through this research, we seek to strengthen the visibility of local culture with a focus on environmental issues, aiming to promote sustainable development in line with coexistence with the cerrado and the promotion of environmental conservation. The dissertation is guided by qualitative research. The data collection techniques had as fundamental axes the process of semi-structured interviews, listening, dialogues and exchange of information as a way of understanding phenomena from the perspective of the subjects involved. These methodological resources were used with the objective of constructing a shared and in-depth narrative about the themes investigated, valuing the interaction and context of the participants as central elements of the investigative process. The results indicated that productive backyards have presented themselves as an important alternative for environmental conservation, playing a crucial role in the preservation of agricultural diversity and in the maintenance and continuity of local traditions. Therefore, based on the information presented, it is possible to identify the changes that have occurred in the social, economic and cultural context of the families involved in the research and their continued practice in their backyards even with the expansion of agribusiness. Despite the significant changes caused by this large-scale production model, the resilience and persistence of traditional practices in family backyards is notable, as they play a crucial role in maintaining the way of life and food security of these families.

**Keywords:** Territory. Rural social reproduction. Family farming. Tocantins.

## LISTA DE SIGLAS

<b>ADM</b> - Archer Daniels Midland Company.....	17
<b>MATOIIBA</b> - Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.....	18
<b>CONAB</b> - Companhia Nacional de Abastecimento.....	19
<b>CAPES</b> - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.....	37
<b>MMC</b> - Movimento de Mulheres Camponesas.....	48
<b>IBGE</b> - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	52

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Lista de Quadros

<b>Quadro 1</b> - Cultivo e representação das plantas e árvores do quintal produtivo da Sr. <sup>a</sup> Tereza.....	80
--	----

### Lista de Figuras

<b>Figura 1</b> – Safra da soja na Região Norte do Brasil 2021/22 e 2022/23.....	17
<b>Figura 2</b> - Quintais localizados em propriedades cercadas pelas grandes plantações de soja e outros grãos.....	58
<b>Figura 3</b> - Representação de mapa (croqui) de uma propriedade familiar realizado pela Sr. <sup>a</sup> Tereza.....	68
<b>Figura 4</b> - Representação de mapa (croqui) de uma propriedade familiar realizado pela Dona Antônia .....	75
<b>Figura 5</b> - Propriedades onde os quintais estão inseridos.....	79
<b>Figura 6</b> - Família Torrando farinha de mandioca.....	86

### Lista de Mapas

<b>Mapa 01</b> – Darcinópolis e os quintais das famílias entrevistadas estudadas na pesquisa.....	48
---	----

## Sumário

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I: O AGRONEGÓCIO E OS MEIOS DE VIDA TOCANTINENSE.....</b>	<b>15</b>
1.2 CAMPESINATO VERSUS AGROBUSINESS .....	15
1.3 TERRITORIALIDADE E RURALIDADE: OS MEIOS DE VIDA NO RURAL TOCANTINENSE.....	23
1.4 A POLÍTICA DO AGRONEGÓCIO COMO AGENTE DESTRUIDOR DOS MEIOS DE VIDA TRADICIONAIS .....	27
<b>CAPÍTULO II: OS QUINTAIS PRODUTIVOS COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DOS MEIOS DE VIDA .....</b>	<b>34</b>
2.1 O QUE SÃO OS QUINTAIS .....	34
2.2 O QUE SE ESTUDA SOBRE OS QUINTAIS .....	38
2.3 O QUINTAL AFETIVO .....	41
2.4 O QUINTAL PRODUTIVO.....	44
2.5 AS MULHERES E OS QUINTAIS .....	48
<b>CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>49</b>
3.1- A REGIÃO .....	54
3.2- APRESENTAÇÃO DO CAMPO .....	57
<b>CAPÍTULO IV - OS QUINTAIS PRODUTIVOS PARA AS FAMÍLIAS ENVOLVIDAS.....</b>	<b>61</b>
4.1 – A FAMÍLIA DE LUIZ E TEREZA.....	59
4.2 – A FAMÍLIA DE LEONARDO E ANTÔNIA.....	71
4.1 DESCREVENDO OS QUINTAIS E QUEM FAZ O QUÊ.....	84
5.0- QUINTAL COMO RESISTÊNCIA CAMPONESA: VENDER PARA NÃO VENDER.....	90
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

A partir do lugar é possível compreender as mais diversas escalas geográficas entre o mundo e o indivíduo. Tendo em vista a relevância das pesquisas direcionadas aos estudos dos quintais produtivos na condição de expandir o conhecimento, desenvolver teorias, elaborar políticas públicas baseadas em evidências e melhorar a qualidade de vida da população, os espaços não são apenas locais caracterizados por fenômenos biológicos, mas também, por questões sociais e culturais que mobilizam significados e uso para as famílias. Desse modo, efetiva-se a necessidade de pesquisar e identificar o lugar como forma de compreender as implicações existentes nesses ambientes e conhecer as relações espaciais estabelecidas pelas famílias.

O lugar é caracterizado pelo espaço social e pelo próprio ser, e por tratar-se de algo sentimental, é marcado pela profundidade dessa importância. Não existe um meio gostar, está ligado até o inconsciente, são as circunstâncias que vão gerar esses sentimentos, “[...] as experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser [...]” (Tuan, 1983, p. 151). As experiências pessoais, os lugares familiares, são os lugares onde se encontram carinho e onde as necessidades fundamentais são levadas em consideração e que merecem atenção (Tuan, 1983). São essas as circunstâncias que tornam importantes as terras, casas e quintais que passam a ter maior significação imaterial para quem vive ali.

Os quintais são espaços multifuncionais que incorporam técnicas agrícolas diversificadas para otimizar a produção. São zonas produtivas, nas imediações de casas, com produção diversificada. E são compreendidas como contribuintes na construção de um desenvolvimento rural que procura minimizar os impactos negativos ocorridos pelo uso de tecnologias que levam à degradação da biodiversidade e dos ecossistemas naturais e, até mesmo, à desestruturação cultural de populações tradicionais e de seus costumes (Pinilla e Oliveira, 2020).

Os quintais são esses espaços de conhecimento sobre a natureza. Além de suas múltiplas funcionalidades, destacam-se por serem lugares onde se manifestam forças mágicas e míticas por meio das quais, a capacidade transformacional é central e orienta o proceder de humanos e não humanos, isto é, instigam a preocupação e cuidados com o que se planta e se cria nesses espaços. Buscando a sustentabilidade em suas diversas dimensões, ambiental, social, econômica, política, cultural e de inclusão de gênero (Silva & Silva, 2022).

Diante deste cenário, buscamos identificar os aspectos voltados às atividades produtivas dessas famílias elaboradas nos quintais na área estudada, permitindo contribuir para uma discussão das relações com o lugar vivido. Culturalmente, os quintais produtivos são espaços

vistos como extensão da casa e, por isso, área de influência e trabalho das mulheres donas de casa (Pinilla e Oliveira, 2019). Nesse contexto, abordaremos os quintais produtivos a partir da percepção das famílias sobre esses espaços.

A análise detalhada do papel dos quintais produtivos como uma estratégia de resistência frente à expansão do agronegócio, revela não apenas sua importância econômica, mas também seu impacto crucial na preservação da identidade cultural e dos meios de vida das comunidades locais. Ao explorar suas práticas e entender seus impactos socioeconômicos, este estudo reforça a essencialidade desses espaços na garantia da territorialização das famílias, enfatizando a sua contribuição fundamental para a sustentabilidade e a continuidade das tradições locais. A preservação e valorização dos quintais produtivos emergem, assim, como uma via significativa para assegurar não apenas a diversidade agrícola, mas também a preservação da identidade e da autonomia das comunidades frente aos desafios impostos pela expansão do agronegócio.

Para Silva (2023), os quintais produtivos desempenham um papel crucial na preservação da diversidade agrícola e na manutenção das tradições locais. Além disso, esses quintais são importantes para garantir a autonomia das comunidades, proporcionando uma fonte de alimentos frescos e saudáveis, reduzindo a dependência de grandes sistemas de produção. Ao preservar e valorizar esses espaços, as comunidades conseguem manter sua identidade cultural e sua conexão com práticas agrícolas sustentáveis, mesmo diante dos desafios apresentados pela intensificação do agronegócio.

Segundo Silva (2017), os impactos provocados pelo agronegócio de monoculturas é o principal fator das mudanças ocorridas no ambiente onde está inserido como: o assoreamento de córregos, desaparecimento de animais silvestres e de árvores típicas da localidade. Com uso de agrotóxicos nas lavouras, o equilíbrio do ecossistema é alterado impactando a vida das famílias e comunidades com territórios inseridos nesse contexto. A contaminação de alimentos por resíduos de agrotóxicos, por exemplo, representa um risco para a segurança alimentar, afetando a qualidade dos produtos agrícolas consumidos pelas famílias.

Os quintais produtivos têm uma relação estreita com a territorialização, pois se referem à prática de cultivo de alimentos e plantas em espaços rurais, sendo uma atividade não apenas para proporcionar uma alimentação saudável, mas também para promover o uso sustentável dos recursos naturais e estão associados a práticas culturais e saberes locais. Assim, buscamos responder ao seguinte questionamento “como os quintais produtivos têm garantido a territorialização das famílias frente à expansão do agronegócio na área do Baixão dos Cocos em Darcinópolis - TO?”

A pesquisa está sendo desenvolvida na área denominada de Baixão dos cocos, localizada no município de Darcinópolis - TO. A partir da construção da rodovia Belém/Brasília, os primeiros moradores chegaram ao local, onde hoje é a sede do município, e firmaram moradias. Ser filho dessa área, filho de uma das famílias que manejam os quintais produtivos e ter vivência no lugar estudado, foi o que despertou em mim o desejo pela pesquisa; por estudar e pesquisar a localidade e as famílias que residem nesta localidade. E isso, uma vez que cresci junto aos fazeres diários realizados, principalmente pelas mulheres, onde uma delas é minha mãe.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o papel dos quintais produtivos como estratégia de resistência frente à expansão do agronegócio e como garantia da territorialização das famílias, explorando suas práticas, impactos socioeconômicos e culturais. Diante disto, temos como objetivos específicos: a) identificar como os membros das famílias percebem e utilizam o espaço dos quintais ao seu redor; b) identificar a territorialização das famílias por meios de seus quintais, utilizando a cartografia social para uma compreensão mais completa da dinâmica espacial e social das famílias; c) investigar como a expansão do agronegócio afeta as famílias locais, incluindo questões como acesso à terra, impactos na agricultura familiar, relações de trabalho entre outros aspectos sociais.

Ao abordar o conceito de quintais produtivos, utilizamos os trabalhos de Oliveira (2018), Peixe e Canônica (2020), Ramos Júnior e Silva (2022), Silva e Silva (2022), entre outros pesquisadores que trazem considerações importantes sobre os quintais como espaços de vivências; das tarefas e encontros; dos afetos; do alimento cultivado para a família; das relações com o ambiente; das flores que trazem encanto para o quintal; dos detalhes em cada fruta cultivada; das pequenas delicadezas; dos pequenos animais; do cantar do galo e da imagem que enxergam ao acordar e começar o dia.

A pesquisa foi conduzida utilizando a Cartografia Social como metodologia da pesquisa. Esta metodologia é uma forma de produção cartográfica que busca a valorização da participação e o conhecimento dos sujeitos sociais na produção dos mapas, buscando assim, compreender a percepção dos atores sobre os ambientes desenhados. Entende-se também que a produção dos croquis permite o reconhecimento territorial das relações sociais tecidas ali.

De acordo com as palavras de Abreu e Silva e Castrogiovanni (2021):

Assim, entendemos que a Cartografia Social tem como princípio a autorrepresentação do sujeito que se apropria da complexidade local e ali representa a sua identidade, ou seja, o seu lugar. Esse processo envolve percepção, concepção e representação. Por que é social? Por não se restringir a localizar e distribuir os elementos do espaço representado, mas sim expressar, por meio da representação, a teia de relações

conflituosas que são tecidas processualmente e dão vida ao território (Abreu e Silva e Castrogiovanni, 2021, p.7).

Em seguida, partimos para a pesquisa de campo, utilizando a técnica de entrevista, possibilitando a escuta e coleta de testemunhos orais das famílias em estudo. Outros instrumentos de pesquisas também poderão ser inseridos no decorrer da pesquisa para qualificar os procedimentos necessários para levantar as informações que contemplem os objetivos da pesquisa. O contato com os envolvidos nos permite ver e ouvir diversos momentos e histórias particulares de cada família e o modo como são realizadas as atividades cotidianas no seu lugar. O que permite, assim, construir uma relação de proximidade com esses envolvidos.

É importante evidenciar que o autor é filho dessa área, filho do Sr. Luiz Abreu e da Sr.<sup>a</sup> Tereza, uma das famílias que manejam os quintais produtivos. Dessa forma, ter vivência no lugar estudado despertou o desejo pela pesquisa e por estudar e pesquisar a localidade e as famílias que residem nesta localidade, tendo crescido junto aos fazeres diários realizados dentro dos quintais com cuidados e manejo das plantas e dos pequenos animais, onde essa lida é uma atividade desenvolvida principalmente pelas mulheres com a ajuda dos filhos e maridos.

Problematizamos no I capítulo, as discussões acerca do agronegócio e sua expansão abordado por Nascimento (2012); o campesinato associado à agricultura familiar, a produção e o manejo alicerçada no trabalho familiar elencado por Oliveira (2014); o conceito de território por Haesbaert (2004); onde expõe que, o território está ligado ao poder, não somente ao poder político, mas ao poder no sentido mais concreto, e dominação, no sentido simbólico, de apropriação. Soares (2009), aborda os meios de vida rural no estado do Tocantins e as mudanças ocorridas no espaço rural com a expansão do agronegócio de monocultura, o qual utilizamos para justificar certas implicações que tivemos no decorrer da escrita.

No capítulo II, nossa proposta foi analisar os quintais produtivos como estratégia de manutenção dos meios de vida por meio da problematização das práticas e a representação dos quintais para as famílias, estudo dos quais (Oliveira, 2018; Heredia, 2013; Strate e Costa, 2018) refletem sobre o papel e importância que esses espaços possuem para a agricultura familiar e os conhecimentos ancestrais que representam. Nessa parte do trabalho, discutimos o que se estuda sobre os quintais e como os moradores utilizam as áreas ao redor de suas casas para cultivar alimentos, criar animais e desenvolver atividades produtivas. Discutimos ainda os quintais como autonomia das mulheres por possuírem um papel de destaque, constituindo a maior força de trabalho e cuidado em seus cultivos.

No terceiro e último capítulo, que tem como título “Os quintais produtivos no Baixão dos Cocos” abordamos os procedimentos metodológicos como as etapas da pesquisa que

constituíram um processo de troca de informações entre as famílias que manejam os quintais e o pesquisador. Na sequência, elaboramos a apresentação do campo localizando a área, o município e a cidade onde as famílias em estudo estão inseridas. Descrevemos os quintais e sua composição, quem são as pessoas protagonistas nesses saberes e no manejo dos quintais e como as famílias têm lidado com os impactos ambientais como poluição dos córregos e o desmatamento, oriundos da expansão do agronegócio.

## **1.1 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA**

O presente trabalho se justifica pela necessidade de compreender como os quintais produtivos das famílias que vivem na área Baixão dos Cocos em Darcinópolis – TO, têm garantido a territorialização e a permanência das famílias que fazem manejo dos quintais frente à expansão do agronegócio e a monocultura da soja. Pensar a realidade dos camponeses a partir de formas próprias de reprodução da cultura e saberes desenvolvidos, pode contribuir para a compreensão de como as práticas registram-se como resistências territoriais frente a matriz da colonialidade, do poder presente na formação histórica colonial da América Latina e na formação socioespacial do Tocantins.

Posto isso, essa investigação ateu-se à hipótese de que as práticas culturais e formas de uso e apropriação dos espaços rurais por meio do manejo realizado nos quintais produtivos, demonstram o fortalecimento comunitário e das identidades locais diante dos desafios advindos do agronegócio. Entender a trajetória, onde estão localizados e quem são os atores envolvidos na discussão sobre a temática dos quintais, pode auxiliar na visibilidade da cultura local, na valorização dos saberes, na importância da cultura camponesa, nos instrumentos e políticas públicas voltadas para esse véis. Nesse contexto, esta pesquisa buscou, por meio da literatura, das pesquisas de campo e das narrativas, apresentar estudos referentes ao eixo escolhido, a fim de compreender como as famílias da região em estudo apresentam-se neste cenário.

Torna-se importante destacar que os camponeses que ocupam a região pesquisada possuem uma riqueza de saberes acumulados ao longo de gerações e que são reproduzidos no cotidiano das famílias. A pesquisa valoriza e sistematiza esse conhecimento essencial para práticas agrícolas sustentáveis, garantindo a preservação ambiental e a segurança alimentar, podendo identificar também, problemas específicos enfrentados pelas comunidades rurais, permitindo o desenvolvimento de soluções adaptadas às suas realidades. A pesquisa possibilita que suas perspectivas e necessidades, sejam ouvidas e integradas em políticas e práticas.

Ao ter, na sua estratégia de resistência territorial, o fortalecimento das práticas culturais, cultivo nos quintais produtivos locais e a produção agroecológica, há uma redução da dependência de insumos vinculados ao mercado capitalista, favorecendo a autonomia e a geração de renda das famílias camponesas. Desse modo, consideramos que tal pesquisa, além de contribuir para a visibilidade do trabalho desempenhado pelas famílias rurais, favorece o fortalecimento sociocultural e a preservação da cultura que, passadas por gerações entre as famílias, reforçam o aspecto de segurança e da soberania alimentar das comunidades.

## **CAPÍTULO I: O AGRONEGÓCIO E OS MEIOS DE VIDA TOCANTINENSES**

### **1.2 CAMPESINATO VERSUS AGROBUSINESS**

Nas palavras de Oliveira (2014), o campesinato, muitas vezes, associado à agricultura de subsistência, é frequentemente caracterizado por relações sociais e econômicas específicas. Dessa forma, não pode ser visto como um segmento da economia capitalista nos espaços rurais ou até mesmo uma simples organização de produção. Portanto, o campesinato é um termo relevante na compreensão dos processos políticos, sociais, econômicos e culturais contraditórios existentes em meio à sociedade e o campo. O campesinato é uma forma de organização da produção e do manejo alicerçado no trabalho familiar e pensando em uma economia baseada no valor de uso e consumo da produção pelo próprio grupo familiar, articulando com as relações do modo de vida e forma de produção exercida nos espaços rurais.

Um conjunto de saberes e práticas profundamente enraizados na relação harmoniosa entre o homem, a terra e a natureza, são valores que movem o sujeito social camponês, com destaque para dois elementos centrais: a continuidade de reprodução social das famílias em todas as formas e o uso sustentável dos recursos da natureza. O lucro não é o que move a reprodução social dos camponeses, mas a possibilidade crescente de uma vida melhor e melhores condições de trabalho da família (Via Campesina, 2004).

A compreensão do que seja um campesinato no Brasil continua a ser objeto de um amplo debate e de acirradas disputas políticas, que envolve, entre outros, pesquisadores acadêmicos, formuladores de política e os distintos movimentos sociais. Está em questão o lugar social destes agricultores, que se expressa por meio do significado que se atribui às categorias “campesinato”, “agricultura familiar” e “agronegócio” (Wanderley, 2015 pag. 6).

O campesinato está pautado nos sujeitos sociais cujo movimento histórico baseia-se pelos

modos de ser e de viver próprios, não inseridos no contexto capitalista, ainda que inserido na economia capitalista. As práticas e saberes desses camponeses têm sofrido mudanças nas interações e concepções de mundo, nas relações com a produção científica e tecnológica e com a cultura hegemônica das sociedades capitalistas. Tais mudanças, ocasionadas pelas interações, apresentam diferentes intensidades, podendo criar adequações das inovações geradas pelos poderes dominantes para que os próprios camponeses se adaptem à sua racionalidade (Via Campesina, 2004).

Para Conceição (2015), o modo de viver do camponês vai contra as formas capitalistas de organização e valores da modernidade, uma vez que, os elementos centrais da vida camponesa se constituem em alguns componentes como: a terra utilizada como meio de produção e sustento da família e, portanto, usada de forma sustentável; o trabalho que é realizado pelos membros familiares formados pela mulher, o marido e os filhos e os valores éticos e de reciprocidade nos modos de vida de cada família.

As múltiplas formas de apropriação e ocupação da natureza ligada, historicamente e socialmente, com as manifestações de resistência em oposição a sua exclusão social para a reprodução social das comunidades e de uso dos recursos naturais, deu origem ao modelo de diversidade camponesa existente atualmente. Assim, tais multiplicidades de vivências e de formas existentes de viver correspondem às diversas culturas, religiosidades, valores éticos e sociais, maneiras variadas de socialização, identidades e autoidentidades, relações de poder e expectativas sociais diversas (Via Campesina, 2004).

As mudanças ocorridas no meio rural brasileiro até o final dos anos 70, estão articuladas com o processo de expansão do capitalismo e domínio sobre o campo, levando a população a deixar as áreas rurais e ocuparem os bairros periféricos e pobres dos pequenos centros urbanos. Porém, a permanência dos camponeses demonstra a resistência e luta contra o avanço desse sistema e pela defesa das suas terras e, conseqüentemente, de seus modos de vida como patrimônio que tem sido transmitido (Oliveira, 2014).

Ainda nas palavras de Oliveira (2014), o conceito de camponês assume um papel de destaque nas ciências sociais brasileiras em meados dos anos 1950. Simultaneamente, estes sujeitos assumem suas identidades políticas enraizadas nas histórias de luta de uma classe social. A concentração de terras pelos grandes latifundiários e as desigualdades sociais emergem como problemas na questão agrária brasileira.

As famílias que manejam os quintais produtivos diferente do latifúndio, que possui suas pautas no capitalismo, usam as diferentes relações de trabalho e uso da terra como ferramenta

de luta e resistência da classe trabalhadora do campo. O trabalho do camponês é voltado para o sustento familiar e produção na terra com técnicas sustentáveis que oportunizam a visibilidade da relação do homem com a natureza usada de forma sustentável. Atualmente, esse grupo minoritário resiste à expansão do agronegócio que ameaça sua existência e seu modo de vida<sup>1</sup>.

Em 2023, a Comissão Pastoral da Terra divulgou o relatório de notificação das ocorrências de conflitos por terras ocorridos no ano de 2022 nas regiões brasileiras. Na região Norte do Brasil, foram 626 registros de conflitos onde, registraram-se 61 no Estado do Tocantins.

Durante o século XX, através do acelerado ritmo de desenvolvimento do capitalismo industrial, um acervo de inovações tecnológicas organizacionais surge como aplicações no espaço agrário, causando a junção da agricultura ao processo geral de industrialização. O progresso técnico-científico fomentou o acúmulo de riquezas no campo, sobretudo pela elevação da produtividade e fabricação de produtos agrícolas. Porém, ampliou as desigualdades relacionadas à distribuição de renda, produzida a partir da relação com a terra, realizadas pelos operadores do capital, uma vez que uma fração significativa dos recursos econômicos dos produtores rurais passou a ser escoado e direcionado entre vários fragmentos, como: melhoramentos nas terras com edificações e benfeitorias, capital monetário, conjunto de ativos que movimentam a economia e o capital agroindustrial; constituídos em diversas escalas de atuação e domínio, local, regional, nacional e internacional (Gonçalves, 2011).

Desse modo, a emergência de novas formas de produção, de distribuição e de consumo determinaram a reestruturação da agricultura, que se organizou sob um novo modelo de desenvolvimento técnico, econômico e social. Cada vez mais moderna, a agricultura contemporânea seria aquela baseada (Gonçalves, 2011 p. 3).

Segundo Gonçalves (2011), a partir de 1950, a agricultura capitalista avançou com atribuições cada vez mais vilã e submissa às empresas industriais e comerciais, empréstimos bancários e incentivos fiscais. A relação entre os setores ocorreu em virtude das modificações dos meios técnicos de produção, como, por exemplo, a implementação de máquinas, equipamentos e insumos diversos. No processo produtivo, destacam-se as mudanças nas relações sociais de produção; uma agricultura que busca sempre o lucro e acumulação de capital, bem como, a substituição dos policultivos para a monocultura.

---

<sup>1</sup> São as terras tradicionalmente ocupadas o novo alvo dos grandes interesses econômicos do agronegócio. As comunidades que as ocupam passam a ser objeto de investidas para sua deslegitimação, assim como de esforços destinados a isolá-las das demais forças sociais e políticas (Acsegrad, 2015).

A partir da segunda metade da década de 1970, a noção de agribusiness começa a ser utilizada com mais frequência na esfera pública brasileira. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, podem-se perceber dois ramos principais de sua mobilização: um com aceção positiva e outro com características críticas (Ribeiro Neto, 2018 pag. 117).

A produção agrícola é um processo que se diversificou com o desenvolvimento dos novos meios tecnológicos. As grandes forças produtivas para a atuação na agricultura, são constantemente utilizadas como, por exemplo, os elementos proporcionados pelo avanço da genética, como o melhoramento das sementes, a produção de fertilizantes, adubos e agroquímicos, técnicas, mecânica, como também, da difusão das lavouras e a clonagem de animais e plantas. A relação destes com a agricultura facilitaram o processo e tornaram os ambientes favoráveis para produção agrícola, como a irrigação de áreas desérticas que, conseqüentemente, aumentou a produção e a produtividade. (Gonçalves, 2011).

Para Graziano da Silva (1998), o longo processo de modernização resulta na própria industrialização da agricultura. Tal processo culmina na subordinação da Natureza ao capital que, aos poucos, liberta o método de produção agropecuária das condições naturais dadas, indo para a fabricação quando necessário. Dessa forma, quando há um período de estiagem, irriga-se; se não houver solos férteis, aduba-se; se existem pragas, usa-se defensivos químicos ou biológicos, se haver ameaças de inundações, estarão preparados para realizar a drenagem ou contenção.

Para Mendonça (2015), tanto na atualidade quanto historicamente a agricultura tem uma posição relevante nas relações internacionais. Após a Segunda Guerra Mundial, o processo de expansão do comércio agrícola mundial vem avançando impulsionado pelos Estados Unidos seguindo a aceleração da industrialização da agricultura e pela propagação internacional do sistema de produção denominado agronegócio.

O termo agronegócio no Brasil, justifica-se pela criação das chamadas cadeias produtivas, com propósito de agrupar outras atividades como as agroquímicas, as industriais e os cálculos econômicos da agricultura. As características de domínio da terra voltada preferencialmente para o mercado externo não são novas (Santos, 2011).

Segundo Mendonça (2015), a política agrícola brasileira desde o período colonial busca priorizar a exportação de commodities agrícolas. O conceito de agronegócio baseia-se na perspectiva de uma ideia de desenvolvimento e progresso tecnológico. Essa mesma visão está inserida na definição de cadeia produtiva. Junto ao agronegócio vem sendo usadas técnicas de controle de pragas, como o uso de inseticidas entre outros agrotóxicos.

Consideram-se agrotóxicos e afins, conforme a definição do artigo 2º da Lei nº 7.802/89, (Brasil, 1989):

Produtos e os agentes de processos físicos, químicos ou biológicos, destinados ao uso nos setores de produção, no armazenamento e beneficiamento de produtos agrícolas, nas pastagens, na proteção de florestas, nativas ou implantadas, e de outros ecossistemas e também de ambientes urbanos, hídricos e industriais, cuja finalidade seja alterar a composição da flora ou da fauna, a fim de preservá-las da ação danosa de seres vivos considerados nocivos; substâncias e produtos, empregados como desfolhantes, desseccantes, estimuladores e inibidores de crescimento (Brasil, 1989)

O uso de técnicas de adubação orgânicas foi substituído por uso de insumos industriais com uso de maquinários agrícolas para a produção do agronegócio. Essa mudança no uso de técnicas de adubação reflete uma transição significativa na agricultura. O uso de adubos orgânicos tem vantagens, como melhorar a qualidade do solo a longo prazo, reduzir a dependência de produtos químicos e promover práticas mais sustentáveis. No entanto, a introdução de insumos industriais e maquinários agrícolas também trouxe benefícios, como aumento da eficiência na produção, maior produtividade e, em alguns casos, redução de custos operacionais. A mecanização em grande escala ocorreu a partir de 1960 nas plantações de soja (Mendonça, 2015).

A inserção do capital na agricultura altera as relações de produção camponesa, uma vez que, ações hegemônicas que são dominantes, liderança de um grupo sobre outros, podem modificar as atividades desempenhadas pelos camponeses, tornando-os trabalhadores assalariados, alterando assim, as relações de trabalho e subjuga-os a sua lógica, também este processo é revelador da dominação exercida sobre a terra, seja por meio do arrendamento ou da compra. A partir de tal contexto, a terra passa de um valor de uso para um valor de troca.

No contexto de uma sociedade, o valor de uso refere-se à utilidade que a terra oferece, como sua capacidade de produzir alimentos, abrigar a biodiversidade ou servir como espaço para atividades humanas. Já o valor de troca, está relacionado ao quanto essa terra pode ser vendida ou trocada no mercado, refletindo aspectos como localização, demanda e potencial de desenvolvimento. Visto que, as terras disponíveis em que são utilizadas por um grupo hegemônico como os latifundiários para fins acumulativos que se configuram por meio de relações verticalizadas, inserem novas formas técnicas e científicas na paisagem geográfica dos determinados lugares, acarretando a subalternização do camponês ao capital. A terra passa de subsistência familiar para uma dimensão mercadológica globalizada (Conceição, 2015).

Nesta lógica, as empresas multinacionais que atuam nesses territórios, caracterizam domínios globais e nacionais do agronegócio exercendo grandes influências no campo de atuação, tomando relações com mercados que controlam o território e aceleram a circulação de mercadorias. Os grandes grupos econômicos no Brasil dominam o setor de grãos, como por exemplo, a Cargill, Bunge e a ADM a nível internacional e a Amaggi e a Caramuru na escala

nacional. Essa dominação do território ocorre também no setor de sementes, onde as empresas Monsanto e Syngenta possuem monopólios da agricultura globalizada. As multinacionais são exportadoras de grãos que se apropriam do território, que no agronegócio, a soja passa a ser o produto agrícola de grande importância no cenário nacional e internacional (Conceição, 2015).

Essa ocupação por grandes produtores rurais ligados à produção de monoculturas para exportação, pode ter impactos significativos no meio ambiente e na sociedade local. O desmatamento de grandes áreas para a plantação de soja, por exemplo, provoca a diminuição nas águas dos córregos existentes nessa região. Outro impacto ocasionado pela expansão do agronegócio é a grande quantidade de agrotóxicos usados para controle de pragas que podem poluir os córregos e afetar as famílias que vivem na região da ribeira. A exposição direta ou indireta a agrotóxicos pode causar problemas de saúde nas populações locais, incluindo doenças respiratórias, dermatológicas e até doenças mais graves, como câncer. As famílias que vivem nas proximidades das plantações estão especialmente vulneráveis. Silva (2017), aponta alguns impactos ambientais e sociais causados na região com a expansão do agronegócio. Os danos causados pelas grandes obras de infraestrutura deixam marcas permanentes e perceptíveis, diferentemente do agronegócio que tem seus danos ainda camuflados, mesmo sendo mais corrosivos, pois agride diretamente uma característica típica dos moradores dessa região, que são o manejo com a terra, ou seja, o uso da terra para sua vivência (Silva, 2017).

Para Nascimento (2012), a primazia para o agronegócio, para a produção de *comodities*, para exportação e produção mineradora, tornou a vida camponesa enfraquecida e com poucas possibilidades de geração de renda, de produção e de aumento da produtividade com o trabalho realizado pelas unidades familiares produtivas. Neste caso, as desigualdades regionais e locais existentes são reatualizadas com o processo de acumulação do capital baseado no agronegócio. Na ocorrência desse fato, algumas regiões passam a ser apenas espaços de desenvolvimento da economia necessária ao grande capital.

Análogo a isso, temos a região norte do Brasil, em específico, o estado do Tocantins, inserido no bioma cerrado, que se destaca pela tamanha importância no cenário agroexportador na produção de commodities. A região denominada MATOPIBA inclui os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, sendo o Tocantins, a última fronteira agrícola. A mais nova fronteira agrícola também pode ser vista além da expansão da produção para novas áreas, uma expansão de população de impactos ambientais e sociais. Esta expansão da fronteira agrícola está relacionada com as necessidades do mercado (Pereira e Pauli, 2016).

O Estado do Tocantins é tido pelo governo federal como uma das “últimas fronteira agrícolas” do país, de modo que esse discurso desenvolvimentista incentiva e

patrocina a ocupação por latifundiários ligados à produção de monoculturas para a exportação. Esses “investidores” se estabelecem na região vindo de áreas muito populosas e já saturadas pelo agronegócio em busca de terras mais baratas, o que acaba por sufocar os pequenos agricultores, que são obrigados a migrar para as cidades, deixando para trás um patrimônio histórico-cultural riquíssimo (Silva, 2017, p. 91 grifo do autor).

De acordo com Izá Pereira (2019), foi por meio do Decreto Presidencial n. 8.447, de 06 de maio de 2015, que ocorreu a regionalização e a institucionalização do MATOPIBA.

O MATOPIBA foi oficializado com 73.173.485 hectares, sendo 23.982.346 hectares (33%) do Maranhão, 27.772.052 hectares (38%) do Tocantins, 8.204.588 hectares (11%) do Piauí e 13.214.499 hectares (18%) da Bahia, abrangendo 337 municípios. O MATOPIBA não é composto por terras marginais, como é abordado pelo discurso do Banco Mundial (2011), mas sim por diferentes territórios e territorialidades camponesas, quilombolas, indígenas e por dezenas de outras comunidades tradicionais que além de lutar pela terra em relação a ofensiva do capital, especialmente financeiro e especulativo, lutam pela preservação dos recursos, lutam por seus territórios de vida (Izá Pereira, 2019, p. 14).

O Tocantins é um dos Estados que tem contribuído para que cada dia mais a produção de eucalipto, soja e outros grãos aumente. O Estado do Tocantins possui um solo rico e fértil, porém ainda com a necessidade de adubação e correção da acidez do solo.

A soja é uma cultura de grande importância em todo o mundo e vem se tornando cada vez mais crescente no estado do Tocantins. Atualmente, a grande produção de soja tem crescido no Brasil e no mundo, ocupando uma posição de destaque na produção desta oleaginosa, estando em maior categoria na produção desse grão. A companhia Nacional de Abastecimento - CONAB, realiza o acompanhamento constante da safra de grãos, monitorando as condições de desenvolvimento das principais culturas do país, abrangendo diversos produtos como o algodão, feijão, sorgo, trigo e a soja.

De acordo com a Conab, a perspectiva na produção de soja no ano de 2023 apontou um cenário recorde com 150,36 milhões de toneladas de soja para a temporada. Os preços dos grãos estão atrativos, já que a oferta e demanda da oleaginosa continuam ajustadas, com crescimento de 3,5% de área para o cultivo, podendo chegar a 42,4 milhões de hectares. A produtividade do ciclo 2022/2023 apresentou melhores condições em relação as safras anteriores. Com essa estimativa da Conab, espera-se que a maior disponibilidade do grão deve propiciar exportações na ordem de 92 milhões de toneladas, aumento de 22,2% em relação à safra de 2021/2022. Mesmo com o aumento dos embarques, os estoques também devem crescer.

A produção de soja no Tocantins, segundo a Conab, demonstrou potencial altamente produtivo no ano de 2023 em todas as regiões do Estado, A expectativa para a colheita foi de aproximadamente 4 milhões de toneladas de grãos de soja, com crescimento de 2,5% na

produção. A área plantada da soja também aumentou expressivamente, saindo de 1,15 milhão de hectares para 1,25 milhão de hectares com aumento de área plantada de 9,3% a mais em relação à safra passada. A soja, em relação aos outros grãos no Tocantins, é de 66,8% em área de plantio, e na produção é de 59,8 em toneladas de grãos (CONAB, 2023).

A produção de soja na localidade Norte do Brasil tem apresentado crescimento significativo nos últimos anos, devido a fatores como, a disponibilidade de terras, investimentos em tecnologia agrícola e políticas de incentivo à produção. Essa expansão tem contribuído para o aumento da participação da área na produção nacional de soja, podendo ser observado na figura a seguir.

**Figura 1** – Safra da soja na Região Norte do Brasil 2021/22 e 2022/23.

REGIÃO/UF	Soja – Safras 2021/22 e 2022/23								
	Comparativo de área, produtividade e produção								
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 21/22	Previsão 22/23	VAR. %	Safra 21/22	Previsão 2022/23	VAR. %	Safra 21/22	Previsão 2022/23	VAR. %
(a)	(c)	(c/a)	(e)	(g)	(g/e)	(i)	(k)	(k/i)	
<b>NORTE</b>	<b>2.571,0</b>	<b>2.826,2</b>	<b>9,9</b>	<b>3.253,6</b>	<b>3.160,7</b>	<b>(2,9)</b>	<b>8.365,0</b>	<b>8.932,6</b>	<b>6,8</b>
RR	95,0	120,0	26,3	3.000,0	3.000,0	-	285,0	360,0	26,3
RO	491,7	586,9	19,4	3.394,0	3.441,2	1,4	1.668,8	2.019,6	21,0
AC	6,1	6,1	-	3.344,0	2.876,0	(14,0)	20,4	17,5	(14,0)
AM	4,5	4,5	-	3.000,0	3.000,0	-	13,5	13,5	-
AP	6,5	6,5	-	2.650,0	2.708,0	2,2	17,2	17,6	2,3
PA	829,2	926,5	11,7	3.015,0	3.015,0	-	2.500,0	2.793,4	11,7
TO	1.138,0	1.175,7	3,3	3.392,0	3.156,4	(6,9)	3.860,1	3.710,9	(3,9)

Fonte: CONAB, (2023).

Apesar da grande força que os grandes produtores exercem na localidade como, as tentativas de compra das terras dos pequenos produtores ou arrendamentos, as famílias que usam suas terras para produzir seus alimentos mantêm suas atividades como resistência e meio de sobrevivência. A continuidade do modo de vida e dos saberes é algo que está sendo afetado com a expansão dessa grande produção de grãos.<sup>2</sup>

No avanço do agronegócio sobre o território, destroem-se memórias, experiências e perde-se a chance de perceber por outra ótica a relação entre o homem e a natureza. Por isso, chamamos a atenção para o viver dos sertanejos da Ribeira, no qual emerge a poética do equilíbrio, da moral alimentar, do não consumismo e brotam elementos

<sup>2</sup> Ao se tratar do estado brasileiro mais novo, podemos lembrar o antigo Norte Goiano, atual estado do Tocantins, que em meados do século XVIII (1730) iniciou seu povoamento com o ciclo do ouro, onde foi marcado por diversas etapas: período aurífero que ocorreu no século XVIII, agropecuário tradicional entre os séculos XIX E XX, nas primeiras décadas do século XX a colonização espontânea em zonas pioneiras, tal como os garimpos de cristal que na primeira metade do século XX deram origem a várias cidades no Norte, como Cristalândia, Pium e Dueré. Outros agentes colaboraram também para o surgimento de algumas cidades, como: presídios militares e aldeamentos (Santos, 2020).

que fazem forte oposição ao nosso atual sistema e modo de vida capitalista (Silva, 2017, p. 109).

Diante dessa contextualização, percebe-se que existem muitos fatores que podem levar à transformação desse modo de vida. Para Marques et. al. (2014), algumas formas de trabalho nas grandes fazendas estão sendo modificadas, algumas já estão fazendo uso de maquinários necessários para evitar queimadas no preparo da terra para o plantio, ao se modernizar, também trazem consigo outros problemas que são o maior alcance de agrotóxicos por serem hoje aplicados através de pequenos aviões.

Segundo Santos (2020), os incentivos político-econômicos juntamente com os avanços tecnológicos e as condições físico-climáticas tornaram o cerrado, um espaço adequado e de interesse do agronegócio. A sua localização também é outro fator que fez com que essa área recebesse tantos investimentos voltados ao agronegócio. Com isso, é possível observar como a paisagem tem passado por mudanças, uma delas são as situações conflituosas dos camponeses das pequenas propriedades que migram para centros urbanos, e a expansão dos grandes latifundiários e suas extensas plantações de soja e outros grãos, que passaram a ocupar e dominar o cerrado brasileiro.

### **1.3 TERRITORIALIDADE E RURALIDADE: OS MEIOS DE VIDA NO RURAL TOCANTINENSE**

Segundo Haesbaert (2004), o conceito de território está ligado a poder, não somente ao poder político, mas ao poder no sentido mais concreto, e dominação, no sentido simbólico, de apropriação. Assim, o território destaca-se nas relações de dominação e apropriação sociedade-espaço, perpassando por uma dominação político-econômica à apropriação mais subjetiva e cultural-simbólica. Ao falar de território e territorialidade, o autor expõe que todo território possui relações em diferentes combinações, funcional e simbólica, uma vez que exercemos no espaço o domínio para realizar atribuições como produção de significados.

Dessa forma, o território pode ser visto como recurso, seja como moradia e abrigo, seja como espaço de matérias-primas que mudam os significados conforme a sociedade. É importante destacar a historicidade do território, as mudanças ocorridas de acordo com o contexto histórico e geográfico (Haesbaert, 2004).

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio

de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (Haesbaert, 2004, p. 1).

As mudanças territoriais ocorridas no Brasil nos últimos séculos estão em estreita ligação com os processos de expansão de fronteiras, e a expansão das fronteiras no Brasil é uma história territorial, já que os grupos sociais com suas relações territoriais vivenciam conflitos com as territorialidades dos grupos que residem na área. Quando as terras de um grupo estão sendo invadidas surgem a conduta territorial, em uma dinâmica onde a defesa do território passa a ser um elemento de união entre o grupo e, externamente a imposição exercida por outros grupos ou governo marcam e impõem outras maneiras de domínios territoriais (Little, 2002).

Ainda nas palavras de Little (2002), ao abordar sobre os processos de expansão de fronteiras no Brasil colonial e imperial, percorre-se os vários períodos, como a colonização do litoral no século XVI; a ocupação do interior pelos bandeirantes; a escravização dos indígenas no processo de ocupação da Amazônia nos séculos XVII e XVIII; as açucareiras e algodozeiras no Nordeste com a utilização da mão de obra de pessoas africanas escravizadas; a expansão da criação de gado nas grandes fazendas no Sertão do Nordeste e Centro-Oeste e as frentes de mineração em Minas Gerais, todas a partir do século XVIII; a expansão da produção de café no Sudeste nos séculos XVIII e XIX. Como dito anteriormente, na região Norte, mais especificamente no Tocantins, a última fronteira agrícola vem ocorrendo com a expansão da produção de grãos. Cada frente de expansão provocava um leque de choques territoriais, surgindo novas ondas de territorialização pelos povos indígenas e africanos escravizados.

Quinhentos anos de lutas, guerras, confrontos, extinções, expulsões e reagrupamento étnico envolvendo diversas etnias e invasões pelos portugueses, espanhóis, franceses, holandeses representam a resistência ativa às tentativas e ocupações no território brasileiro e, também, a história da expansão de fronteiras. Esses vários e complexos processos deram origem aos territórios dos diferentes grupos sociais e afirmam como a resistência cultural e constituição de um grupo social são dois lados de um mesmo processo. Dessa maneira, entende-se que o território de um determinado grupo social, com suas dinâmicas territoriais, pode mudar ao longo do tempo das pressões exercidas sobre ele no processo histórico (Little, 2002).

Um elemento fundamental dos territórios sociais são os vínculos simbólicos e rituais que diferentes povos e grupos mantêm com os lugares e ambientes naturais. As discussões sobre as populações rurais que os cientistas sociais desenvolveram recentemente, buscam superar tradicionais concepções sobre os espaços rurais e urbanos, atribuindo características e visibilizando os espaços rurais e suas populações como, produções orgânicas e sustentáveis, relações e representações simbólicas com o território, as representações dos povos e grupos

através da sua identidade social (Schneider, 2009).

De acordo com as palavras de Schneider (2009), podemos destacar pelo menos três concepções significativas para definição conceitual da ruralidade nos últimos anos com repercussões significativas nos estudos contemporâneos. A primeira delas, trata da definição de ruralidade com foco nas mudanças socioeconômicas e demográficas, buscando entender as relações existentes entre os povos e grupos sociais com a economia e as mudanças ocorridas nesse processo.

A segunda perspectiva argumenta pelo viés cultural e da representação, tratando o espaço rural além das formas paisagistas e de uso dos recursos naturais, busca desvincular o rural da sua base físico-espacial, justificando que a ruralidade é uma forma de representação e percepção ligadas diretamente à cultura e identidade dos povos e atores. Já a terceira perspectiva analisa a ruralidade pela ótica das mudanças que os processos sociais e econômicos geram impactos e reconfigurações nos espaços regionais.

Para Oliveira (2016), o espaço rural tem sido ocupado e usado por diversos atores como, famílias, comunidades, ambientalistas, esportistas, agricultores, assim é necessário levar em consideração a heterogeneidade de atribuições e uso que cada um destes grupos e atores possuem e atribuem ao espaço rural. Isto remete ao cotidiano e as vivências que as populações rurais desenvolvem. Portanto, nos territórios rurais, os atores estabelecem relações por meio da interação, da proximidade e laços de afetividade e confiança com aqueles que usam a terra como forma de cooperação e lugar de vivência, construção de saberes e trocas, o que lhes permite designar normas e convenções aceitas e legitimada por todos.

A moderna heterogeneidade é uma característica marcante na sociedade brasileira entre as várias regiões e localidades, os espaços rurais, os setores industriais, as áreas urbanas e as classes sociais. De forma mais explícitas que outros estados, o Tocantins aponta uma contradição entre modernização econômica e um certo atraso das relações sociais e das políticas. No espaço rural essa contradição se revela por meio do agronegócio, que ocupa grande parte do território com uso de modernas tecnologias no cultivo da soja para exportação, disputando o espaço com inúmeras famílias camponesas, que, por falta de suporte, incentivo e, na grande maioria, pela afetividade com o lugar vivido e seus modos de vida, persistem na agricultura de subsistência, com dificuldade de ingresso no mercado formal (Oliveira, 2016).

Ainda para esse mesmo autor, a origem das desigualdades na formação social brasileira consiste na distribuição desigual de terras, concentração de renda, oportunidades e de poder. A

persistência das formas sociais e políticas durante o século XIX no rural brasileiro, o coronelismo, os grandes proprietários de extensas terras, que também são os chefes políticos perpetuam a pobreza e exclusão social. O processo de ocupação do território tocantinense vem ocorrendo articulado aos diferentes interesses da sociedade nacional e grupos dominantes, com início na colonização pelos europeus e na atualidade por aqueles que exploram os mais pobres, negando direitos e acessos a condições mínimas de existência.

Para Soares (2009), o processo de ocupação do Estado do Tocantins e a formação do campesinato está atrelado ao processo de colonização idealizado pelos europeus e, conseqüentemente, resultantes das desigualdades sociais e das classes subalternas no Brasil.

A terra, associada ao trabalho familiar, é o recurso chave para a compreensão das estratégias de reprodução social e econômica da população mestiça que resulta do processo de colonização engendrado por Portugal, em território brasileiro. Nesta perspectiva, entender os mecanismos socioeconômicos e legais que cerceiam o acesso das famílias a este recurso e, em contrapartida, os mecanismos construídos pelas famílias para acessá-lo, significa entender as raízes das desigualdades brasileiras e, também o princípio dos caminhos traçados pelas famílias camponesas que resultam na ocupação do Tocantins (Soares, 2009 p. 53).

Neste contexto, o processo colonizador ocorrido no Tocantins tem provocado tensões, sobretudo nas últimas décadas do século XX, visto que, esse período foi marcado pela expansão da fronteira agrícola no Cerrado Brasileiro, bioma predominante na localidade. Como já explicado anteriormente, o agronegócio se intensificou nessa área em decorrência dos investimentos, dos avanços tecnológicos que possibilitaram uma maior exploração do solo. Esses avanços foram marcados principalmente na produção de soja, uma vez que, só poderiam de fato conseguir alavancar a produção com o acesso a extensas terras agricultáveis. Assim, a desocupação das terras foi alicerçada nas promessas de modernidade e desenvolvimento, com argumento que tais produções chegariam para superar o atraso presente nesta área do país (Tavares; Bispo; Silva, 2017).

Os conflitos existentes entre as populações rurais e os projetos desenvolvimentistas requerem uma reflexão sobre as influências políticas modernizadoras que alteram o modo de vida dos sujeitos que vivem em uma cultura tradicional com costumes e práticas que são desenvolvidas e estabelecidas no campo. As famílias e comunidades que vivem no rural tocantinense buscam permanecer com suas práticas sociais tradicionais e heranças culturais expressadas no cotidiano, tornando seu modo de vida uma resistência frente a imposta modernidade.

Em decorrência dos interesses econômicos e políticos, a desterritorialização dos camponeses ainda é um processo devastador que atinge os valores materiais e simbólicos de

um povo, os quais, no viés do desenvolvimento pregado pelos interesses hegemônicos, não haveria reprodução. Dessa forma, toda cultura na lógica desenvolvimentista deixaria de possuir uma relevância, permitindo uma expansão de uma perspectiva reducionista sobre a diversidade cultural e sua importância para a humanidade. Os impactos da desterritorialização provocada pelo agronegócio aos camponeses será o tema do próximo tópico deste capítulo.

#### **1.4 A POLÍTICA DO AGRONEGÓCIO COMO AGENTE DESTRUIDOR DOS MEIOS DE VIDA TRADICIONAIS**

Para dar início a essa discussão, Sousa (2022) destaca a diferença entre a produção camponesa e o agronegócio, onde boa parte da mídia determina ser a mesma coisa, no entanto, são antagônicas, principalmente na sua forma de produção. De um lado o camponês com todos seus conhecimentos e saberes ancestrais e técnicas de utilização da terra que valorizam a agrobiodiversidade, com uma variedade no cultivo e de semente. Em outro, o agronegócio com uma alta utilização de tecnologias adquiridas de maneira comercial e com técnicas que tendem a querer dominar a natureza. Outro ponto relevante e positivo é que o consumo da produção é realizado, prioritariamente, pelas famílias locais, construindo vínculos, fortalecendo a segurança alimentar e a economia local, gerando produtos sustentáveis.

Essas características são provenientes do período conhecido como a Revolução Verde, forte impulsionadora do agronegócio. Esse movimento começou na metade do século XX e foi caracterizado pelo desenvolvimento e adoção de tecnologias agrícolas intensivas, como novas variedades de sementes modificadas, uso de fertilizantes, pesticidas e modernização dos métodos de cultivo.

As mudanças e transformações industriais na agricultura ocorreram através de apropriações descontínuas do trabalho rural e dos processos de produção com a utilização de máquinas, fertilizantes, sementes híbridas, produtos químicos e biotecnologias, aliadas ao desenvolvimento industrial para a substituição dos produtos rurais. Esse movimento é representado pela emergência da agroindústria em fornecer insumos agrícolas, pela diversidade ofertada para as fazendas, o processamento e distribuição dos alimentos e produtos (Graziano da Silva, 1998).

Agentes destruidores do meio ambiente são as políticas públicas adotadas pelos governos dos estados, uma vez que, estes, são responsáveis por grandes empreendimentos com impactos socioambientais significativos e principalmente por possuir poder de decidir e executar políticas que, os eventuais governos, entendem como relevante e de interesse público. Assim, os

interesses de grupos econômicos privados poderosos, aliados aos interesses públicos, atingem diretamente as populações carentes economicamente que, dificilmente, conseguem defender seus ideais e seus direitos ao território e ao modo de vida com seus saberes tradicionais vivenciados na terra (Lisboa, 2009).

O Tocantins é um estado localizado no centro-norte do Brasil, essa posição geográfica pode ser vista como vantagem para projetos de desenvolvimento do agronegócio, significando expansão econômica para os grandes produtores com cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizante inorgânico, controle químico de pragas, que formam a espinha dorsal da agricultura moderna. Para as comunidades e famílias camponesas, esse formato de produção provoca danos ambientais e sociais em seus territórios (Dutra e Souza, 2017).

As políticas nacionais e estaduais incluem o território do Tocantins como pertencente a área de fronteira e, assim, locais propícios a projetos tidos como desenvolvimentistas territoriais. O modelo de disposição territorial do agronegócio no Estado é consequência de várias ações estatais que oportunizaram construção e consolidação do atual modelo de negócio no Tocantins. A expansão da fronteira agrícola no Brasil está pautada nas relações econômicas e sociais que envolveram a hegemonia de novos atores no Estado do Tocantins, onde encontra-se lugar propício de reprodução nesse espaço (Cerqueira, 2018).

A expansão do agronegócio, centrado no discurso de integrar terras com solos pobres ou elevação da produção e da produtividade mediante inserção técnico e tecnológico, atravessa os limites da crescente degradação dos recursos naturais e atinge as populações que produzem a maioria dos produtos agropecuários, de forma sustentável. Dessa maneira, os camponeses que trabalham na terra, presenciam as mazelas sociais e ambientais ocasionadas pela monocultura da soja e outros grãos.

A crescente produção e produtividade de grãos no país, precisamente nas áreas anteriormente cobertas pela vegetação de Cerrados, não coaduna com a miséria e a fome alarmantes na sociedade brasileira, especificamente, na área da pesquisa. O discurso da modernização da agricultura é cada vez mais forte, porém frágil, na medida em que não aponta soluções viáveis para milhares de trabalhadores desterritorializados no país. É frequente o trabalhador colher feijão, laranja, café etc. Durante semanas, meses e não ter sequer o direito de se alimentar dos produtos que colhe. Em suas casas, não se come feijão todos os dias, tampouco café e laranja, pois são novidades para os momentos ocasionais (Mendonça, 2004 p. 79).

Atualmente o cerrado é uma preocupação, isso, da parte dos movimentos sociais, de Universidades e de ONGs que buscam, por meio de reflexões e pesquisas, promover ações voltadas à preservação e conservação ambiental, como é exposto nos trabalhos de Bispo (2015) e Motter (2010). O processo de degradação do bioma cerrado se acelera, assim como os diversos

males sociais oriundos da apropriação e exploração das terras a partir da expansão do agronegócio. Os debates e reflexões entorno das experiências e permanência dos povos e comunidades no Cerrado brasileiro, seja em Universidades ou poder público permite a compreensão, inserção e valorização dos saberes e dos fazeres dos grupos sociais excluídos e tidos como atrasados e sem conhecimento científico.

Para Mendonça (2004), essas questões em pauta possibilitam vislumbrar novos olhares para o nosso chão, para as raízes e para o tradicional que permeia a vida cotidiana dos camponeses. De acordo com as abordagens geográficas relacionadas ao cerrado, supõe uma inter-relação das teses, quando identificam como relevante as reflexões aprofundadas das questões sociais e ambientais discutidas pelos povos que vivem nesse ambiente, revelando a luta pelo território como meio de assegurar a existência no cerrado e suas práticas na terra.

A luta pelo território, pelos povos e comunidades que vivem em área de cerrado, é pautada não somente na busca pela permanência no espaço físico, mas para assegurar sua existência cultural, social e econômica. Contudo, os espaços de debates e discussões políticas que ouvem os anseios desses grupos sociais através de espaços garantidos pela legislação não atendem de forma efetiva.

Segundo Lisboa (2009), a legislação brasileira de licenciamento ambiental dispõe de espaços para questionamentos e diálogos para os grupos sociais que se sentem prejudicados por empreendimento, por meio de Audiências Públicas, mas isso não altera a correlação de forças altamente desfavoráveis a esses movimentos sociais que, na melhor hipótese, podem denunciar a violência social em que estão inseridos. No entanto, tais Audiências Públicas, são realizadas em locais de difícil acesso para os envolvidos, com linguagem inibidoras e discursos alheios à cultura local. Por fim, quando os protestos se intensificam, é provável a suspensão da audiência considerando-a como realizada para efeitos da lei.

As disparidades entre as forças e os recursos do Estado na implantação de obras e no fortalecimento do agronegócio, para Lisboa (2009), são atividades prejudiciais ao ambiente e aos sujeitos atingidos, como populações indígenas e tradicionais, remanescentes de quilombos, ribeirinhos, agricultores familiares e camponeses que desenvolvem ou consolidam suas identidades por meio de associações, redes e lideranças. Para o autor, essas articulações são fundamentais para romper o isolamento territorial em que se encontram, fortalecendo as formas tradicionais de sobrevivência no enfrentamento aos poderosos interesses econômicos e políticos dominantes (Lisboa, 2009).

Para Bispo (2015), os discursos elaborados pelo agronegócio colocam as áreas de cerrado

como chapadas improdutivas e que somente os investimentos e preparação do solo o torna capaz de produzir e gerar lucro e produtividade, excluindo a importância primordial que as mesmas têm para as famílias produtoras e todos os povos que utilizam as chapadas com os seus modos de vida. Os sujeitos que vivem no rural tocantinense, são esquecidos ou considerados como invisíveis, pois o que é mostrado é capacidade de produzir e gerar lucros nas empresas, deixando de lado as formas tradicionais de produção executada pela população rural. Dessa maneira, o enfrentamento à expansão do agronegócio no Tocantins pelos camponeses se faz presente e marca uma luta pela permanência na terra, nas suas vivências e experiências construídas ao longo do tempo e que perpassam gerações (Bispo, 2015).

Segundo Paiva (2022), o agronegócio pode se apresentar economicamente sólido e capaz de promover o desenvolvimento, mas não deixa de trazer as mazelas socioambientais geradas pelo modelo exercido nos espaços rurais. A monocultura da soja, por exemplo, não é um objeto natural ou preexistente, que foi revelado ao passar do tempo, foi e segue sendo construído pela hegemonia no modelo das políticas públicas com suas influências em diversas áreas.

Os impactos provocados pelo agronegócio ficam evidentes na fala de Silva (2017), quando aponta o agronegócio de monoculturas como fator principal de assoreamento de córregos, desaparecimento de animais silvestres e árvores típicas da localidade em estudo. Outro problema decorrente do agronegócio, são os agrotóxicos utilizados nas lavouras que modifica o equilíbrio do ecossistema, poluem os córregos, eliminam espécies, impactam e transformam a vida das famílias e comunidades com territórios inseridos nesse contexto.

No avanço do agronegócio sobre o território, destroem-se memórias, experiências e perde-se a chance de perceber por outra ótica a relação entre o homem e a natureza. Por isso, chamamos a atenção para o viver dos sertanejos da Ribeira, no qual emerge a poética do equilíbrio, da moral alimentar, do não consumismo e brotam elementos que fazem forte oposição ao nosso atual sistema e modo de vida capitalista (Silva, 2017 p. 109).

O crescimento do agronegócio pode resultar na expansão de grandes fazendas e na adoção de práticas intensivas de produção, o que impacta negativamente os pequenos agricultores e as comunidades tradicionais. Isso pode ocorrer por meio da concentração de terras, uso extensivo de agrotóxicos e monoculturas, deslocamento de comunidades locais e redução da diversidade agrícola. Além disso, as políticas voltadas para o agronegócio, muitas vezes, privilegiam a exportação e a produção em larga escala em detrimento da agricultura familiar e dos métodos de cultivo tradicionais, o que pode minar a segurança alimentar e a resiliência das comunidades locais (Delgado, 2012).

Essa forma de inserção do agronegócio traz uma consequência e mudanças no território, o que antes era utilizado para a produção de alimentos com técnicas sustentáveis, passam pela

transformação e os territórios são destinados a monocultura de alta intensidade, colocando em risco o equilíbrio natural e ambiental e comprometendo todo ecossistema. O Tocantins tem vislumbrado, por parte do capital, como oportunidade para o cultivo de *commodities*. As principais atividades agrícolas desenvolvidas no Tocantins pelo agronegócio é o cultivo da soja, fazendo com que esse território assuma um patamar elevado de desenvolvimento de uma agricultura com alta produtividade formulando novas estratégias de acumulação do capital pela classe dominante (Bispo, 2015).

O uso crescente de agroquímicos na agricultura, especialmente no agronegócio, tem sido uma preocupação para as famílias camponesas devido aos impactos que eles podem causar ao meio ambiente, à saúde humana e à biodiversidade. O uso excessivo de agroquímicos, como pesticidas e fertilizantes, pode resultar na contaminação do solo, da água e do ar e alterar a qualidade dos alimentos produzidos nos quintais. Isso deve afetar, negativamente, a saúde dos ecossistemas, reduzir a diversidade biológica e prejudicar a fauna e a flora locais. Além disso, pode haver consequências para a saúde humana, já que resíduos de agroquímicos podem permanecer nos alimentos que consumimos.

Mendonça (2004), destaca a relação entre o agronegócio e a questão agrária no Brasil como algo complexo. Enquanto o agronegócio impulsiona a economia do país, gera empregos e contribui para a produção de alimentos em grande escala, também levanta questões sobre a concentração de terras, impactos ambientais e sociais, entre outros. É importante reconhecer que o foco excessivo no agronegócio pode, em alguns casos, obscurecer os problemas subjacentes da questão agrária brasileira, como a distribuição desigual de terras, os conflitos pela posse da terra e as condições de trabalho dos pequenos agricultores.

Para Petarly (2021), os espaços que sempre foram ocupados por grandes pecuaristas sempre negligenciaram a presença dos agricultores familiares, expressando a estrutura de desigualdade entre as pequenas propriedades da agricultura familiar e seu modo de vida, dos grandes proprietários terras da agropecuária. A negligência em reconhecer a importância e a presença dos agricultores familiares pode ter várias origens, incluindo políticas que favorecem grandes proprietários de terras, falta de apoio governamental para redistribuição de terras de forma mais equitativa ou simplesmente uma cultura arraigada que prioriza certos interesses em detrimento de outros.

Ao pensar uma política agrícola, na tentativa de geração de empregos no campo com emprego de técnicas e modernização da agricultura, como foi implementada pelas grandes empresas, significa não levar em conta que essas condições atendem somente aos interesses dos

empresários e poderosos, jamais significará uma busca por soluções para os graves problemas que os camponeses enfrentam na luta pela terra, tampouco, para as questões relacionadas ao meio ambiente. As atividades realizadas pelas empresas rurais modernas com uso de tecnologias não levaram melhores condições de vida para os camponeses, haja vista o aumento da precarização do trabalho e a transformações nas relações sociais (Mendonça 2004).

As mudanças tecnológicas no setor rural realmente trouxeram uma série de impactos, e nem todos foram positivos para os camponeses que desempenham seus fazeres e saberes nos espaços de cultivos e práticas cotidianas. Enquanto a introdução de tecnologias pode aumentar a eficiência na produção, ela também pode levar à precarização do trabalho e no modo de vida das famílias rurais e mudanças nas relações sociais. Além disso, as transformações tecnológicas podem mudar as relações sociais dentro das comunidades rurais. Por exemplo, a adoção de técnicas mais intensivas em capital pode favorecer grandes empresas e corporações em detrimento dos pequenos produtores, alterando a dinâmica de poder e influência na área rural (Matheus, 2023).

Passos et al., (2019), pesquisou a expansão da fronteira agrícola no cerrado, os impactos sobre as comunidades locais numa Unidade de Conservação no oeste da Bahia e concluiu que as comunidades sofreram com o esgotamento dos recursos hídricos, a intensificação do desmatamento, a falta de fiscalização ambiental sobre uso de água e de agroquímicos, e suas diversas consequências para a saúde, segurança alimentar e destruição irreversível de ecossistemas. Em sua pesquisa, os participantes citam os impactos ambientais que incluem a perda de plantios dos roçados pelas aplicações de herbicidas, a destruição da vegetação nativa, o secamento das veredas, a contaminação dos corpos d'água, incluindo as nascentes, canal dos rios e lençóis freáticos, os prejuízos à saúde dos seres humanos e animais, dentre outros.

Do mesmo modo, os autores Araújo e Oliveira (2016), concluíram que o fortalecimento do agronegócio, como modelo de modernização, ocasionou grandes problemas de saúde para os consumidores de alimentos contaminados, moradores do entorno de áreas de produção agrícola, comunidades atingidas por resíduos de pulverização aérea e famílias produtoras expostas. Esses mesmos autores destacam os problemas que o agronegócio vem ocasionando no rural do Nordeste brasileiro, tanto relacionados à saúde da população como questões relacionadas à posse da terra e distribuição desigual que afetam os pequenos agricultores.

A pesquisa de Braga (2010), revelou o reflexo do agronegócio nas comunidades camponesas, evidenciou na prática, para quem é e como vem se expandindo essa agricultura moderna, que demonstra ser insustentavelmente ecológica e socialmente injusta, mas

economicamente viável somente para os grandes proprietários de terras. Com isso, a expansão do agronegócio apontado pela autora tem conduzido a um processo de desterritorialização e reterritorialização, deslocando famílias e comunidades tradicionais, reduzindo a biodiversidade natural com intenso desmatamento.

A desterritorialização refere-se ao deslocamento de pessoas de suas terras tradicionais, muitas vezes, devido à expansão das atividades agrícolas. Isso pode resultar na perda de meios de subsistência, tradições culturais e laços com o ambiente natural. Ao mesmo tempo, a reterritorialização envolve a ocupação de novas áreas ou a reorganização das existentes para acomodar as mudanças causadas pela expansão do agronegócio. A busca por práticas agrícolas sustentáveis e a promoção de políticas que equilibrem o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental, são desafios importantes para lidar com os impactos negativos da expansão do agronegócio. Ressaltamos aqui que apenas iniciamos a problematização sobre as estratégias de manutenção dos meios de vida das famílias que manejam os quintais produtivos, visto que, no segundo capítulo, iremos analisar como esses espaços são constituídos, quem são os sujeitos e como percebem as próprias paisagens e como tais espaços são locais de autonomia das mulheres.

Na pesquisa de Haesbaert (1997), a territorialização se inscreve como processo de poder e apropriação além do sentido físico e material, como fronteiras, mas também imaterial, simbólica. A territorialização dos diversos atores sociais, sejam indivíduos, grupos ou famílias estabelecem relações de domínio sobre o território. Nesse sentido, territorialização não é apenas a ocupação física de um território, mas também um processo que implica a imposição de significados, práticas e normas sobre aquele espaço. Isso envolve a marcação simbólica e material do território, muitas vezes através de estratégias como a demarcação de fronteiras, a implementação de políticas públicas específicas, entre outros mecanismos.

Ainda na perspectiva de Haesbaert (1997), a territorialização não é um fenômeno imparcial, mas sim um espaço de lutas e disputas pelo poder. Podendo ser utilizada como uma ferramenta para consolidar interesses de determinados grupos ou instituições em detrimento de outros. Portanto, o processo de territorialização está intrinsecamente ligado às dinâmicas de poder, influência e controle sobre os recursos naturais, econômicos e políticos de um determinado território.

Nessa concepção galgamos para o entendimento das relações sociais e espaciais contemporâneas, especialmente em contextos em que há conflitos territoriais, disputas por recursos naturais e questões relacionadas à identidade e pertencimento territorial, como nos

espaços onde há territorialização dos camponeses. Refletir sobre a questão agrária vai além do sucesso econômico do agronegócio, envolve considerar como garantir a sustentabilidade ambiental, a justiça social e a inclusão dos pequenos produtores rurais, além de buscar soluções para a questão da terra e promover políticas que beneficiem todos os atores envolvidos no setor agrícola.

## **CAPÍTULO II: OS QUINTAIS PRODUTIVOS COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DOS MEIOS DE VIDA**

### **2.1 O QUE SÃO OS QUINTAIS**

Os quintais produtivos, tema em torno dos quais diversas pesquisadoras como (Oliveira, 2018; Strate e Costa, 2018; Heredia, 2013), refletem sobre a importância que estes possuem para a agricultura familiar e os conhecimentos ancestrais que representam. Os quintais estão em espaços a céu aberto, é um microcosmo físico, biológico, cognitivo. Lugar de conhecimento e ensinamentos, lugar de vivências e resistência. Local de construção de saberes, produção de informações que ultrapassam os saberes tecno-científicos, uma vez que tais processamentos emergem das observações marcadas pela intimidade com as plantas, as pragas, o clima e as desordens ecológicas (Silva e Silva, 2022).

Para Flores (2018), os quintais são sistemas de insumos alimentares desenvolvidos ao longo das regiões de clima tropical que abrangem modos de vida específicos, que permanecem culturalmente na história de um povo, resistem e retomam a memória da relação entre os fatores culturais e biológicos conservando o sistema tradicional de conhecimentos. Esses espaços geralmente contêm uma diversidade de cultivos, incluindo frutas, vegetais, ervas medicinais e árvores que oferecem sombra e alimentos. Os quintais são adaptados aos modos de vida locais e, muitas vezes, refletem práticas agrícolas tradicionais e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Esses sistemas são valiosos para a segurança alimentar das comunidades, fornecendo uma fonte diversificada e sustentável de alimentos.

A tradição do manejo dos quintais produtivos com produção frutas e espécies típicas da produção nas roças de tocos<sup>3</sup>, como por exemplo, a mandioca, demonstra a relação simbiótica entre as famílias e o cultivo na terra, a riqueza alimentar que esses alimentos fornecem.

---

<sup>3</sup> Roça de toco consiste na derrubada e queima de uma área para o cultivo, que após dois ou três anos de plantio é deixada em pousio para que recomponha, naturalmente, a sua fertilidade.

Desempenha um papel essencial não apenas em nossas necessidades físicas, mas também tem uma dimensão social significativa. Cultivam e produzem alimentos, fortalece-se a identidade camponesa oportunizando melhores condições de vida. Em nível social, a comida é muito mais do que simples nutrição. Ela é central em celebrações, rituais, tradições e na construção de comunidades. Reuniões familiares, festividades culturais e eventos sociais frequentemente giram em torno da comida. Ela pode ser uma forma de expressar amor, cuidado e hospitalidade, além de ser um meio de compartilhar histórias e culturas e nos quintais produtivos esses elementos estão sempre presentes (Oliveira, 2018).

Segundo Oliveira (2018), dentre tantas possibilidades, neste contexto, ainda são nos quintais com os saberes tradicionais e práticas culturais da agricultura de subsistência por meio das relações próprias das famílias camponesas com a terra, que indicam a demanda pela ocupação e permanência no território para continuar com o modo de vida. Quando há urgência em assegurar o território para essas práticas, pode ser necessário buscar apoio legal, documentação adequada ou até mesmo a mobilização comunitária para defender os direitos territoriais.

De acordo com Pinilla e Oliveira (2020), as áreas rurais do Brasil desempenham um papel essencial nas atividades não comerciais, com foco no autoconsumo. Nas pequenas propriedades rurais, os quintais não apenas fornecem subsistência, mas também sustentam as práticas cotidianas, integrando-se à dinâmica da vida rural. Nos locais rurais do Brasil, o quintal, muitas vezes, é fundamental para as atividades cotidianas das pequenas propriedades. É comum que esse espaço seja usado para cultivar alimentos para autoconsumo, como hortaliças, frutas e ervas medicinais. Além disso, o quintal pode abrigar criações de animais menores, como galinhas, porcos ou cabras, que fornecem carne, ovos e leite para a família.

Nessa perspectiva, o quintal é um espaço caracterizado por fenômenos biológicos, sociais e culturais baseado nas necessidades e vivências de um grupo ou de uma família. Sendo assim, o quintal é um espaço não apenas caracterizado por fenômenos biológicos, mas também sociais e culturais, que refletirão as necessidades e interesses contingentes a um grupo. O quintal pode ser muito mais do que apenas um espaço físico em propriedades rurais ou casas de famílias agricultoras. Para muitas dessas famílias, o quintal é um espaço multifuncional que representa uma conexão profunda com a terra, a natureza e suas tradições (Pinilla e Oliveira 2020).

O quintal pode servir como um local de encontro para a comunidade local. É onde trocam-se experiências, saberes, sementes e até mesmo ajudam uns aos outros nas colheitas ou em atividades agrícolas. Esse espaço promove a coesão social e a solidariedade entre os

membros da comunidade. O quintal também pode ser um local onde as histórias da família são preservadas. Árvores antigas, marcos, estruturas específicas podem representar memórias e identidades culturais, servindo como um espaço onde as tradições são mantidas vivas.

Além das comunidades tradicionais que dominam a utilização das plantas medicinais, as famílias que possuem seus quintais produtivos também fazem dele de fonte fitoterápica, alimentícia, ornamental e cultivam para suprir, por muitas vezes, a falta de acesso a outro tipo de recurso. Esses conhecimentos são passados entre as gerações, comum entre as famílias que vivem na zona rural e que não estão somente vinculados aos costumes, crenças e valores culturais de uma comunidade, mas também à sustentabilidade (Ferreira, 2018).

Para Ramos Júnior e Silva (2022), os quintais são estruturas com papéis importantes nas relações familiares, comunitárias e ainda nas fronteiras entre sociedade e natureza, dessa maneira os autores salientam que:

Como é característico das estratégias de reprodução social da unidade familiar camponesa, o quintal fornece ainda, em alguns casos, elementos que podem vir a ser comercializados, embora de maneira não contínua ou sistemática. Outra vez, o caráter não sistemático da escolha por comercializar produtos do quintal não parece ser uma insuficiência de organização, mas uma decorrência do arranjo conjunto no qual o recurso à renda gerada pela troca de mercado compõe a reprodução social, embora não a oriente (Ramos Júnior e Silva, 2022, p.25).

As considerações desses autores acerca dos quintais produtivos permitem observar que a particularidade, as estruturas, assim como, os processos de reprodução camponesa dessas áreas é um fator determinante na conceituação de quintais produtivos. Tal conceito evidencia aspectos que, comumente, são vistos nas pesquisas sobre os grupos camponeses, onde as famílias, os meios, os materiais e as formas de reprodução são exercidos e manejados de maneira semelhante. As famílias garantem sua sobrevivência através da terra e da força de trabalho.

De acordo com Oakley (2004), a tarefa de manejo dos quintais, constitui-se em uma importante atividade desenvolvida que garante o acesso das famílias a uma alimentação saudável e seguindo as tradições locais. O manejo realizado pelas mulheres garante a conservação da agrobiodiversidade através do cultivo de plantas em variedades e de forma que os quintais se tornam laboratórios de experiências para a adaptação de variedades cultivadas nesses espaços. A prática de cultivos de frutas diversificadas nos quintais e ervas medicinais são utilizadas também no tratamento de enfermidades, para alimentar os animais. Algumas plantas são utilizadas como ornamentação, e ainda o cultivo de hortaliças como: cheiro verde, alface, couve e outras espécies.

Nas palavras de Pinilla e Oliveira (2020), os quintais possuem elementos diferentes de

acordo com a região que está inserido. O mesmo pode ser exposto ao se tratar da vivência e das experiências nas práticas culturais de cada família nesses quintais. Os quintais, muitas vezes, servem como espaços onde essas práticas culturais são cultivadas e transmitidas de geração em geração. Eles podem ser como um palco onde valores, tradições, histórias e conhecimentos são compartilhados e vivenciados. São nesses espaços que as famílias aprendem novas técnicas de cultivo, desenvolvem o que aprenderam com seus ancestrais, produzem saberes e preservam a natureza. Também é uma aproximação dos jovens e crianças com o modo de viver da vida no espaço rural.

A cosmologia, ou seja, a forma como diferentes culturas e regiões interpretam e compreendem o universo, influencia profundamente a maneira como vemos e interagimos com os quintais rurais. Esses espaços são mais do que simples áreas de cultivo, carregam significados culturais, simbólicos e históricos que variam conforme as crenças, tradições e valores de cada comunidade. Essas diferenças na cosmologia moldam não apenas a aparência física dos quintais, mas também as práticas, rituais e relações sociais associadas a esses espaços em diferentes regiões e territórios (Pinilla e Oliveira, 2020).

Nesse contexto, os quintais têm recebido uma atenção especial do movimento feminista que está articulado na construção do movimento agroecológico no Brasil nos últimos anos. Ao apontar a constituição do espaço rural e dos agroecossistemas como crivados por relações de poder, as feministas chamam atenção para como as mulheres rurais são invisibilizadas nas análises e no acesso às políticas públicas (Panilla e Oliveira, 2020 p. 128).

As feministas e estudiosas da questão de gênero, têm apontado para a invisibilidade das mulheres rurais em diversas esferas, inclusive nas análises sobre o espaço rural e nos programas de políticas públicas voltados para esse contexto. Historicamente, as mulheres que vivem e trabalham no campo têm desempenhado papéis fundamentais na agricultura, na produção de alimentos e no desenvolvimento rural, porém, frequentemente, são marginalizadas e suas contribuições são subestimadas. As relações de poder desempenham um papel significativo nessa invisibilidade, já que as estruturas sociais, políticas e econômicas, muitas vezes, marginalizam as mulheres rurais, limitando seu acesso a recursos, terra, crédito, educação e serviços de saúde, entre outros. Isso as coloca em desvantagem e reforça desigualdades de gênero no campo (Filipak, 2017).

As experiências produtivas realizadas socialmente pelas mulheres do campo nos quintais produtivos buscam ocupar espaços de produtividade que se misturam com os cuidados domésticos e que historicamente e socialmente são delegados a elas. À medida que as políticas

públicas incidem sobre o manejo nos quintais produtivos, revela a complexidade das relações de gênero existentes dentro das unidades de produção familiar, para as características e elementos do trabalho e fazeres das mulheres e os riscos de fomentar propostas de geração de renda para elas, mas podendo incidir alguns problemas dentro do sistema capitalista (Filipak, 2017).

Apesar da importância do trabalho das mulheres nos quintais produtivos, as desigualdades de gênero se expressam nas relações de trabalho em que as atividades realizadas pelas mulheres são reconhecidas simplesmente como “ajuda” decorrente do exercício do papel de esposa. Ao valorizar os quintais como espaços produtivos modifica-se relativamente o papel social que as mulheres assumem nas unidades familiares de produção (Leal et al. 2020, p. 8).

O modelo de produção baseado na agricultura familiar de autoconsumo e produção tradicional ainda resiste no meio rural, os quintais produtivos estão inseridos dentro deste modo de produção que é uma prática milenar, atualmente passou a ser uma alternativa para as mulheres rurais de baixa renda. Nos quintais produtivos, acontece a combinação no cultivo em pequenos espaços, como o plantio de árvores frutíferas, verduras e legumes, criação de pequenos animais bem como plantas ornamentais que deixa a casa mais bela. Porém, os quintais com toda sua produção têm uma alta dependência do uso da água, o que tem se tornado um desafio com a monocultura da soja e o uso de agrotóxicos, que vai desde a contaminação de fontes de água até a escassez (Santos e Brito, 2018).

Vieira (2021), aponta a contribuição dos quintais rurais para o fortalecimento dos saberes das famílias e para um desenvolvimento equitativo, considerando esses espaços como lugares de práticas agrícolas e conhecimentos tradicionais. Com o manejo nos quintais com uso de insumos na produção realizada pela família, esses espaços podem ser denominados como sistema de produção complementar às diversas formas de uso da terra destinado às necessidades de consumo da família, cultivo de alimentos para consumo próprio, incluindo vegetais, frutas, grãos, ervas e até criação de animais para carne, leite ou ovos.

## **2.2 O QUE SE ESTUDA SOBRE OS QUINTAIS**

Os quintais produtivos rurais são espaços onde os moradores utilizam áreas ao redor de suas casas para cultivar alimentos, criar animais e desenvolver atividades produtivas. Existem diversos estudos e pesquisas como Wanderley (2004); Oakley (2004); Oliveira (2018); Vieira (2021), que exploram esses quintais e seu potencial em diferentes contextos. Tais estudos, analisam a contribuição dos quintais para a resiliência das comunidades rurais, especialmente em

termos de adaptação às mudanças nos territórios em decorrência da expansão do agronegócio e a capacidade de enfrentar crises alimentares.

Desses estudos, temos a autora Oliveira (2018), com abordagens sobre as práticas realizadas nos quintais das famílias. Em sua dissertação de mestrado a autora traz os “Tipos de Ervas Medicinais Cultivadas em Quintais Quilombolas da Comunidade Dona Juscelina na Interface Urbano/Rural, em Muricilândia- TO”. Em sua pesquisa a autora identifica, aproximadamente, as últimas terras ancestrais que ainda são de remanescentes de quilombolas, que foram adquiridas por compra de título ou herança de família. E permanecem na área urbanizada com práticas sociais e resquícios do modo de vida rural, para exemplificar a produção de quintais verdes, na área rural o Projeto Cinturão Verde que contempla quilombolas.

Wanderley (2004), permite um debate acerca das discussões sobre a agricultura familiar e a vida camponesa com reprodução pura e simples do modo de vida e práticas desenvolvidas nos quintais. O agricultor familiar se apresenta, em tal pacto, como aquele que conhece de modo especial e detalhado a terra, as plantas e os animais que são seus, e que, por esta razão, sente-se comprometido com o respeito e a preservação da natureza.

No trabalho de Vieira (2021), os quintais produtivos perpassam as funções econômicas, consideradas de extrema importância para a reprodução material da unidade familiar, existem outros benefícios mais difíceis de serem mensurados e com uma relevância não menos significativa. Versa sobre funções ambientais, sociais e culturais que colaboram da mesma maneira para a qualidade de vida no meio rural. Assim, o quintal é espaço de sociabilização, onde a família se reúne, descansa, recebe os amigos, trabalha e entra em contato com a natureza. Geralmente, as atividades desenvolvidas nesse âmbito promovem o status da mulher e valoriza o legado cultural da agricultura familiar, já que o manejo dos quintais está estritamente relacionado aos seus gostos e costumes.

Oakley (2004), perpassa os estudos nacionais e pesquisa os quintais domésticos como uma responsabilidade cultural e destaca os diversos estudos provenientes da Ásia, África e América Latina e conclui que os quintais são lugares de experiências para as famílias que seguem seus costumes e tradições. A pesquisadora identifica os quintais como reservas de agrobiodiversidade em comunidades rurais mundo afora. Em várias culturas, essa tarefa cotidiana de cuidar dos quintais são de responsabilidades das mulheres da casa passando a ser uma importante atividade doméstica.

No dia 05 de janeiro de 2024, ao pesquisar na literatura já existente sobre os quintais produtivos para compreender o que existe sobre a temática e as publicações, utilizou-se a

plataforma Periódicos CAPES, observando apenas os trabalhos de Periódicos revisados por pares e a busca foi realizada por meio do termo “Quintais Produtivos” como título. Ao revisar a literatura existente sobre esse tema, foi possível encontrar uma variedade de publicações, estudos e artigos em todas as regiões brasileiras em que abordam diferentes aspectos dos quintais produtivos, destacando principalmente a importância desses quintais na promoção de interações sociais e comunitárias, compartilhamento de conhecimento e fortalecimento de laços entre vizinhos e comunidades. E como eles podem ser uma ferramenta para preservar a diversidade de espécies vegetais, ajudando na conservação de variedades locais e tradicionais.

Foram encontrados 46 estudos realizados e publicados que utilizaram o termo “quintais produtivos” no título de suas pesquisas. Dentre estes, no estado do Tocantins, na Região Norte do Brasil, destaca-se um estudo encontrado em tal pesquisa: 1) Da reprodução social da unidade familiar camponesa: um estudo de caso no vale do Tocantins. Escrito por Dernival Ramos Junior e Harley Silva, o estudo busca discutir sobre uma unidade familiar camponesa que possuem práticas e manejo no quintal produtivo e vivenciam a expansão da produção de soja em monocultura, além de chamar a atenção para a capacidade que o grupo mobiliza os recursos naturais renováveis na área, bem como os resultados do trabalho da família.

Durante o processo de análise dos trabalhos identificados nessa busca, foi possível observar os quintais sendo abordados de diferentes maneiras. Treze trabalhos analisam os quintais enquanto estratégia de manutenção da biodiversidade, alegando que os mesmos fazem parte das práticas sustentáveis para a agricultura familiar e suas produções, como nos trabalhos de Santos, Correia, Shinaigger (2019) intitulado “Diagnóstico socioambiental e econômico dos quintais produtivos para agricultura familiar na Amazônia: estudo de caso em Fordlândia, Aveiro (PA)”, e trinta e dois trabalhos nacionais, como Práticas sustentáveis e agricultura familiar no Rio Grande do Norte (Silva e Torres, 2019), que debatem sobre a importância desses espaços para as famílias.

Nesses estudos, destacaram-se dezessete trabalhos, onde trazem reflexões sobre a contribuição dos quintais produtivos para a segurança alimentar das famílias, fornecendo uma fonte local e acessível de alimentos frescos e nutritivos. Dentre esses estudos, destaco dois: “Quintais sustentáveis e segurança alimentar (Guimarães e Gonçalves, 2020)” e “Quintais multifuncionais: a diversidade de práticas produtivas e alimentares desenvolvidas pelas famílias da comunidade quilombola do Baixo Acaraqui, Abaetetuba, Pará (Nascimento e Guerra, 2016)”.

Dez trabalhos analisam os quintais enquanto empoderamento e autonomia econômica das mulheres rurais, afirmando que essa prática possibilita que as mulheres formem espaços de

relação entre as famílias e os sistemas produtivos que ficam em torno das residências, tendo assim, um local de diversas experiências, pois esses territórios são utilizados para plantar hortaliças, frutas, plantas, e criar animais. Constatou-se nos trabalhos analisados que esses quintais são espaços de resistência e territórios de trocas afetivas entre as mulheres, demonstrando uma relação de bem-viver, nas experiências de organização, formação, produção e manejo dos quintais produtivos como nos trabalhos de (Santos; Marques e Leandrini 2023). Strate e Costa (2018), dialoga com mulheres rurais, para avaliar os quintais produtivos e sua contribuição para a segurança alimentar e nutricional. Santos (2023), trata sobre os quintais produtivos, e os efeitos do trabalho dessas mulheres nesses espaços de produção. Bernardo e Almeida (2023), trata do trabalho de manutenção dos quintais produtivos realizados pelas mulheres e suas contribuições na economia familiar.

Além disso, esses espaços, muitas vezes, desempenham um papel crucial na preservação da biodiversidade local, na conservação de sementes tradicionais e na promoção de práticas agrícolas sustentáveis. Isso pode ser observado em 10 pesquisas, um exemplo, é a pesquisa Etnosaberes e culturas tradicionais afro-brasileiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do vale do Jequitinhonha- MG (Diniz, 2020), que busca analisar os dados e informações a respeito dos múltiplos usos da biodiversidade.

Outro ponto relevante nos estudos encontrados, foram as pontuações a respeito dos aspectos econômicos, já que os quintais produtivos, muitas vezes, geram excedentes que podem ser comercializados, contribuindo para a renda familiar e para a economia local. Além disso, esses espaços ajudam na redução do impacto ambiental, já que diminuem a necessidade de transporte de alimentos e incentivam práticas agrícolas mais sustentáveis. Neste viés temos 5 trabalhos destacando os aspectos econômicos, um deles é a Caracterização socioeconômica e ambiental de quintais urbanos em Marituba estado do Pará (Silva et al., 2022).

### **2.3 O QUINTAL AFETIVO**

Entendemos a vida de cada família, com suas trajetórias cheias de significados e marcadas por histórias, acontecimentos e as relações com o lugar vivido como prática e reprodução própria e peculiar de cada uma. O modo de vida destas famílias, desvenda ligações de dependência com a natureza, com a terra, com os laços criados, prezando os conhecimentos ancestrais e a cultura fortalecida pelo trabalho da mulher nos quintais produtivos.

O lugar é marcado pelo espaço social-geográfico e pelo nosso próprio ser, e por tratar-se de algo sentimental é marcado pelo profundo, não existe um meio gostar, está ligado até o inconsciente, são as circunstâncias que vão gerar esses sentimentos (Pereira Neto, 2018, p. 16).

Para Tuan (1983), o lugar pode ser entendido de várias maneiras. Uma delas é o lugar como objeto estável que prende nossa atenção, uma vez que olhamos uma determinada cena panorâmica, nossos olhos buscam pontos de interesse. Cada olhar em um ponto cria uma imagem de lugar que em nossa opinião, naquele momento parece ser maior. A duração desse olhar pode ser curta e de interesse tão fugaz, que podemos até não perceber que prendemos nossa atenção em algo particular. Acredita-se que se observa uma cena em geral.

O mesmo autor também descreve que diversos lugares altamente significantes para muitos indivíduos e grupos, possuem pouca notoriedade visual. Esses lugares são vistos pelos olhos sentimentais, e não críticos, de quem os vivenciam. Em síntese, os lugares que para uns são muito queridos não são necessariamente visíveis, seja para nós mesmos, seja para outros, são lugares que se fazem visíveis por meio de alguns elementos como: conflitos com outros lugares, rivalidades, entre outros. Os lugares alcançam suas identidades através da necessidade e ritmos funcionais da vida pessoal e de grupo (Tuan, 1983).

A relação que a comunidade tem com o lugar pode ser observado em diversas formas e analisada pela maneira como executam suas atividades ou mesmo seus feitos diários, respeitando e conservando o ambiente evitando assim a desestruturação dele. Dessa maneira, lugar é compreendido pelas famílias como um local de afeto, de apego, construções e relações estabelecidas no dia a dia.

Apresentar a relação de proximidade das pessoas e grupos, proporciona uma abordagem das experiências individuais íntimas com os lugares (Tuan, 1983). Por conseguinte, é importante ressaltarmos que o lugar está relacionado com algo nosso, está próximo dos nossos sentimentos mais profundos que vêm do nosso inconsciente e, assim, “quando o espaço nos é familiar, torna-se lugar [...]” (Tuan, 1983, p. 83). Nesse sentido, o lugar pode ser qualquer universo do espaço geográfico, sendo definido pelos sentimentos, as relações de afetividades que são colocadas sobre ele por diferentes interlocutores, eles se transformam à medida em que obtém uma definição e interpretação (Tuan, 1983).

Esses espaços possuem importância que vão além das questões econômicas e práticas relacionadas aos quintais, uma representação como símbolo de identidade cultural. Os quintais estão engendrados na memória das famílias como local de acolhimento, de alegria, de vivências, de troca de conhecimento entre vizinhos, de reunião da família, de contato com a natureza e de descanso. É ali que se senta debaixo de uma sombra e se come uma fruta fresca, recém tirada do pé, onde se escuta os cantos dos passarinhos. Lugar cheio de significado, que registra festejos, brincadeiras e lembranças de uma vida inteira, que não obstante às dificuldades e se

mostra repleta de valores.

O lugar é caracterizado pelo espaço social e pelo nosso próprio ser, e por tratar-se de algo sentimental é marcado pelo profundo, não existe um meio gostar, está ligado até o inconsciente, são as circunstâncias que vão gerar esses sentimentos “[...] as experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser [...]” (Tuan 1983, p. 151). As experiências pessoais, os lugares familiares, são os lugares onde se encontram carinho e onde as necessidades fundamentais são levadas em consideração e que merecem atenção (Tuan, 1983).

Segundo Callai (2004), o lugar em que vivemos expressam vários significados através das paisagens e acontecimentos que ocorrem nele. As paisagens físicas, como montanhas, rios, florestas e praias, muitas vezes refletem a história, a cultura e até mesmo a identidade de uma comunidade ou região

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento (Callai, 2004, p. 2).

Além disso, os acontecimentos que ocorrem em um lugar também deixam sua marca. Eventos históricos, culturais, reuniões familiares, atividades sociais e até mesmo desastres naturais moldam a identidade e a memória coletiva de uma comunidade e grupos. O lugar onde vivemos é mais do que apenas um cenário físico; é um palco onde se desenrolam histórias, onde as pessoas se conectam com a natureza e entre si, e onde a identidade e o significado são constantemente construídos e redefinidos.

Para Carlos (2007), a base da reprodução da vida é caracterizada como lugar, onde pode ser observado através de três aspectos, os habitantes, a identidade e o espaço. Com isso, as relações que os indivíduos mantêm com os locais habitados se exprimem em todos os momentos no modo como são utilizados. O lugar só pode ser compreendido em suas referências que são produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso, sendo o espaço passível de ser sentido, pensado, vivido e apropriado através do corpo, o espaço pode evocar uma variedade de respostas emocionais em nós, e essas respostas, muitas vezes, estão enraizadas em nossa experiência corporal.

A autora define o lugar como um espaço onde o homem percebe o mundo, por ser o lugar o espaço de atos corriqueiros, o caminhar, as relações com a vizinhança, o cuidado, são criados

laços e identidades. É por meio do lugar que emerge a produção e a reprodução da vida. Esses atos corriqueiros não são apenas funcionais, mas também carregados de significado cultural e emocional, contribuindo para a construção de laços sociais e identidades locais. Portanto, compreender o lugar como um espaço onde ocorrem essas interações cotidianas é fundamental para entendermos não apenas a relação com o ambiente, mas também o social, e como esses aspectos se entrelaçam na construção da experiência humana no mundo. Compreendemos que, por meio das práticas de produções e manejo nos quintais produtivos, ocorrem produção de saberes, passados para gerações e socializados dentro das famílias, manifestações da cultura local, da identidade, conhecimentos tradicionais que são capazes de formar valores. Portanto, os quintais produtivos não são apenas locais de produção de alimentos, mas também espaços onde as emoções, os relacionamentos e as identidades são cultivados, tornando-se verdadeiros lugares de afetividade e conexão humana.

De acordo com Couto (2006), a existência do mundo se dá nos lugares, onde o lugar é a materialidade dos recursos e a objetividade da sociedade, lugar é cotidiano partilhado e compartilhado é base da vida em comum, de colaboração e de conflito. É onde os recursos materiais se encontram com as dinâmicas sociais e as relações interpessoais, dando origem a uma variedade de experiências compartilhadas, desde cooperação até desafios, o lugar, então, não é apenas um ponto no mapa, mas um espaço vivo de atividade humana e interação.

O lugar onde cada quintal produtivo está inserido possui um significado afetivo e desempenham um papel fundamental como locais de importância cultural, econômico e social. Para muitas famílias rurais, o quintal é muito mais do que apenas um pedaço de terra; é um meio de subsistência, uma fonte de alimento e renda. Em um nível mais amplo, os quintais produtivos também podem contribuir para o desenvolvimento econômico local, especialmente quando as famílias rurais comercializam seus excedentes de produção nos mercados locais. Isso não apenas gera renda adicional para as famílias, mas também fortalece as economias locais e promove a autonomia e o empoderamento das comunidades rurais. Dessa forma, abordaremos a seguir o quintal produtivo e sua composição, bem como sua importância através das práticas construídas ao longo de várias gerações (Couto, 2006).

## **2.4 O QUINTAL PRODUTIVO**

Ao abordar sobre as práticas realizadas nos quintais das famílias, Oliveira, et al (2019), aponta os quintais como lugar onde são produzidas práticas agroecológicas, seguindo o ciclo da natureza, as fases da lua, usando adubos de insumos naturais em suas plantações, sem

introdução de agrotóxicos. Nesses mesmos quintais onde possuem as ervas medicinais, há diversas árvores frutíferas e hortaliças, proporcionando assim o equilíbrio da microfauna e flora.

As árvores frutíferas são plantadas nos quintais e tem todo um benefício além dos frutos que servem como alimento, tanto para as famílias como para os animais, fazem sombra para os pequenos animais, para os viveiros que são construídos, para o chiqueiro dos porcos, para outras arvores e plantas que se desenvolvem melhor nos locais sombreados e úmidos. Um exemplo comum são as mangueiras, encontradas com facilidade nos diversos quintais.

De acordo com Heredia (2013), é notória a importância dos quintais que desempenham um papel fundamental na produção de alimentos, gestão dos recursos naturais, contribuindo com a renda familiar, bem como as práticas alimentares enraizadas culturalmente. O consumo da família, em grande parte, é produzido em seus próprios quintais. Além disso, cultivam plantas com diversas finalidades e todos esses cultivos e produções realizadas em quintais podem contribuir com a superação da incidência da pobreza, da fome, da desnutrição e carência alimentar.

Nas palavras de Heredia (2013), o consumo alimentar deve estar baseado em uma diversidade de alimentos que possa atender as necessidades nutricionais. Assim, o conjunto de produtos que são consumidos pelas famílias é cultivado na busca de atender tais necessidades e levar comida à mesa.

O contrário de ter comida é expresso como passar fome. No entanto, passar fome não implica necessariamente na ausência total de alimentos; com esse termo se está indicando a ausência de determinados produtos considerados como base da dieta alimentar. Ou, em outras palavras, passar fome significa sofrer a carência dos produtos socialmente reconhecidos como comida (Heredia, 2013, p. 91).

Para Heredia (2013), as atividades desenvolvidas que podem ser observadas durante o ano agrícola: períodos do ano que é marcado por uma estação úmida com chuvas frequentes ocorridas em determinados períodos, conhecido pelos agricultores como inverno. E outro período é a estação onde ocorre um período maior de seca, com diminuição das águas, enfraquecimento da vegetação e, conseqüentemente, menor produção nas propriedades, conhecido pelos agricultores como verão. Para os agricultores, o início do inverno determina o que será plantado, quando será plantado e quais alimentos e produções são favoráveis ao ano agrícola.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Um ano agrícola é um período de tempo usado na agricultura para planejamento, gestão e análise das atividades relacionadas ao cultivo de plantas e à produção de alimentos. Ele geralmente começa e termina em datas específicas designadas para atender às condições sazonais, climáticas ou de cultivo de uma determinada região.

Existem diferenças entre o que se planta no período das chuvas que precedem o inverno e o que é plantado no inverno propriamente dito, quando as chuvas são quase constantes. Dessa forma, alguns plantios se realizam no final do verão, mas sempre depois de uma chuva. Esses cultivos são os que naturalmente demoram mais tempo para estarem prontos para a colheita, de forma que, plantando-os antes, podem beneficiar-se de todas as chuvas do inverno (Heredia, 2013, p. 27).

Para essa mesma autora, o sustento e manutenção familiar durante o verão estão ligados diretamente aos produtos que foram cultivados no inverno e os que serão cultivados durante o período de seca. As produções realizadas no inverno, dependem em grande parte aos fatores externos aos produtores, tanto das chuvas que caem em maior ou menor quantidade, como do período de início dessas chuvas, mesmo que dependa também da decisão do que plantar ou não. Mesmo durante o verão as famílias que produzem não deixam de exercer algumas atividades, pois são necessárias algumas tarefas para preparação do solo antes do plantio. Preparação dos locais onde são produzidas as hortas, preparação do adubo que será utilizado, locais de armazenamento dos alimentos dos pequenos animais que são criados nos quintais, entre outros fazeres dos membros das famílias que vivem do cultivo em suas propriedades (Heredia, 2013).

Strate e Costa (2018), afirmam que a produção para o autoconsumo são práticas alimentares desenvolvidas principalmente pelas mulheres e, historicamente contribuem para a segurança alimentar. Dentro dos quintais são encontradas agrobiodiversidade que constitui uma estratégia de preservação de várias espécies e seu patrimônio genético, também auxilia na reprodução das práticas alimentares, colaborando para a sociobiodiversidade.

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, consistem em uma combinação de espécies florestais, agrícolas, medicinais e ornamentais, algumas vezes associados à pequena criação de animais domésticos, ao redor da residência. Tradicionalmente, o manejo e cuidado destes quintais é atribuído a mulher, bem como o processamento dos alimentos consumidos pela família (Strate e Costa, 2018, p. 6).

Neste contexto, é importante ressaltar que os quintais produtivos desempenham um papel fundamental na produção de alimentos, gestão dos recursos naturais, contribuindo com a renda familiar, bem como as práticas alimentares enraizadas culturalmente. O consumo da família em grande parte é produzido em seus próprios quintais. Além disso, cultivam plantas com diversas finalidades e todos esses cultivos e produções realizadas em quintais podem contribuir com a superação da incidência da pobreza, da fome, da desnutrição e carência alimentar no Brasil.

Por isso, Ferreira (2018) discorre que a produção nos quintais rurais, seja de milho, feijão, mandioca, abóbora, café e hortaliças, valoriza os produtos locais e demonstra suas características e identidade territorial, responsável também pela subsistência. O reconhecimento da riqueza cultural e diversidades existentes nesses quintais podem servir como impulso para um pensar ecológico e de desenvolvimento, uma vez que as produções

diversificadas nesses espaços servem de fator econômico promissor na busca por melhores condições de vida das famílias inseridas nesse contexto (Ferreira, 2018).

O uso de plantas medicinais sempre esteve presente na história. E isso, antes mesmo do homem se tornar um formador da sociedade, agente produtor de cultura. Foi quando surgiu a necessidade de conhecer além dos aspectos botânicos do ambiente vivido com a finalidade garantir a sua sobrevivência e suprir sua carência. O manejo realizado nos quintais requer um trabalho árduo e intenso, pois assume grande importância tanto para produção de alimentos como para os remédios que, manejados através dos conhecimentos ancestrais, permitem produzir chás, garrafadas, xaropes, compressas, entre outros que ajudam na cura ou tratamento de várias doenças (Ferreira, 2018).

O autor Abrantes (2015), ao estudar os quintais produtivos, buscou identificar as mudanças ocorridas e repercutidas na vida de nove famílias, localizadas em cinco comunidades de dois municípios do Território da Cidadania do Ceará. Após análise de cada dimensão, identificou-se na dimensão ambiental, o perfil ecológico do quintal produtivo, a partir da adoção de práticas agroecológicas que repercutem na conservação dos recursos naturais e das biodiversidades; da valorização dos saberes dos/as agricultores/as exercitado na observação e na experimentação. Na dimensão sociocultural, a tecnologia social quintal produtivo apresentou-se como alternativa de apoio à segurança alimentar e nutricional, a partir da diversificação dos sistemas produtivos. Na dimensão socioeconômica, a influência positiva do projeto na produção excedente nos quintais pesquisados, na comercialização e composição dos rendimentos dos/as agricultores/as e na permanência das famílias em suas propriedades.

Ainda nessa perspectiva, os estudos de Costa e Coelho (2021), que analisaram os quintais produtivos a partir das dimensões da sustentabilidade e a importância para as famílias da comunidade rural Baixo Grande, no município de Assaré – Ceará. Nos estudos encontraram fatores positivos na agricultura familiar, desde a renda até as práticas agroecológicas utilizadas no manejo dos quintais. Identificou-se também que, tais quintais, se caracterizam como um sistema produtivo com manejo ambientalmente adequado e socialmente inclusivos.

Durante a pesquisa, encontramos o estudo de Furtado et al. (2016) sobre os quintais produtivos para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. Em sua pesquisa, evidenciamos que a manutenção do quintal produtivo, proporciona às famílias condições para construção de sua própria capacidade, mesmo que em parte, de alimentar-se, conduzindo a melhores hábitos alimentares, sobretudo por conta da relação que fazem entre alimentação e saúde. Para além da produção de alimentos, salientam-se outras motivações para

manutenção dos quintais produtivos, como: a questão cultural; econômica; o gostar e o prazer em plantar; a importância dada a valores, costumes e hábitos rurais, o cultivo como ocupação e terapia.

Na sequência, partiremos para o estudo e a relação de análise de gênero dentro dos espaços rurais. As mulheres frequentemente desempenham papéis essenciais, muitas vezes, invisibilizados na agricultura e na gestão da casa. Esses papéis variam entre as diferentes culturas e regiões, mas há um padrão de desigualdade na atribuição de trabalhos e acesso a recursos, as mulheres enfrentaram barreiras significativas para o acesso à terra, financiamento, tecnologias e programas de capacitação. Isso reflete um desequilíbrio de poder que perpetua a desigualdade econômica. Políticas específicas podem contribuir para empoderar mulheres no espaço rural, como programas de microcrédito e assistência técnica voltada para mulheres.

## 2.5 AS MULHERES E OS QUINTAIS

Para Hirata e Kergoat (2007), existe uma divisão sexual do trabalho, que é a forma de divisão do trabalho social consequência das relações estabelecidas entre os sexos. Além disso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre o masculino e o feminino. Essa forma é modulada social e historicamente. Tem como atributo a denominação prioritária dos homens o campo produtivo e das mulheres à esfera reprodutiva e, respectivamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado seja, políticos, religiosos e/ou militares. Sobre essa definição Hirata e Kergoat (2007), articulam que:

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuais que remetem ao destino natural da espécie. (Hirata e Kergoat, 2007, p. 599).

A relação de análise de gênero dentro dos espaços rurais demonstra uma subordinação e subvalorização do trabalho das mulheres, por ser considerado como ajuda ao trabalho que é voltado ao homem. Apesar dessa colocação, as mulheres estão profundamente implicadas na produção de alimentos para o autoconsumo, nos cuidados com os pequenos animais, no cultivo das hortas, e assim, são elas que detêm grande parte dos conhecimentos tradicionais sobre as plantas, sementes e técnicas de plantio e armazenamento.

Na perspectiva do manejo dos quintais produtivos, as mulheres possuem um papel de destaque, constituindo a maior força de trabalho e cuidado em seus cultivos. Há também uma

estreita relação entre as mulheres e a segurança alimentar da família, pois são elas as responsáveis pela maior parte do trabalho de produção e preparação de alimentos.

As delimitações de espaços masculinos e femininos dentro dos quintais produtivos variam e assumem concepções diferentes dependendo do contexto em que cada família se encontra. Apesar das mulheres possuírem em grande parte a maioria das atribuições, existe uma complementaridade de responsabilidade dos membros das famílias em relação à mão de obra nas produções realizadas nesses espaços. Com isso, a relação de homens e mulheres no desenvolvimento e atuações consegue manter a unidade de produção da família funcionando (Abrantes, 2015).

Segundo Parente (2012), ao se tratar de dimensões de gênero e desenvolvimento regional é preciso consolidar a valorização das atividades realizadas pelas mulheres, já que, a maioria dos fazeres desenvolvidos por elas, são práticas sustentáveis. Trata-se de uma divisão de gênero que identifica as mulheres em uma desigualdade em relação aos homens, afinal, a elas são atribuídos certos papéis que definem como tarefas femininas como, cuidar da casa, dos filhos, dos pequenos animais e do quintal com toda sua diversidade onde essas atividades são realizadas sem remuneração e vistas como ajuda ou dever e papel apenas das mulheres.

Dessa forma, a rotina e o cotidiano dessas mulheres são impactados diretamente com os grandes empreendimentos. Grandes empreendimentos, muitas vezes, têm um impacto significativo na rotina e no cotidiano das mulheres, assim como de toda a comunidade. Por exemplo, a construção de uma grande instalação industrial ou de infraestrutura pode alterar o ambiente local, afetando o acesso a recursos naturais, como água e terra para cultivo. Isso pode ter um impacto desproporcional sobre as mulheres, já que, são responsáveis pela gestão desses recursos para suas famílias. O manejo dos quintais produtivos realizados pelas mulheres e afetados pela expansão do agronegócio possuem uma semelhança nos impactos sofridos pelas mulheres apontadas por Parente (2012).

Parente (2012), acredita que o desenvolvimento que chega às regiões através de grandes empreendimentos impacta significativamente a vida das comunidades e famílias que vivem na região atingida, em especial as das mulheres, uma vez que, estas sofrem com o processo de desenraizamento. A implantação e expansão do agronegócio na região norte do Tocantins pode provocar a saída compulsória das mulheres de seus territórios, que acabam por perder o modo de vida, os meios de subsistências, as relações sociais construídas, os saberes, os elementos culturais e o sentimento pelo seu lugar de vivência.

Nos estudos de Bernardo e Almeida (2023), observou-se a resistência das mulheres do

nordeste brasileiro através da pesquisa que buscou descrever a construção e a sistematização de indicadores de monitoramento, frutos de um recorte dos resultados do Projeto Territórios Livres, denominados “Flor de Palma Forrageira” dada importância dessa planta para os quintais e modos de vida das mulheres envolvidas. Elaborados de forma complexa, a partir de uma base teórica da economia feminista e ecológica, os indicadores demonstraram aspectos nos quais a comunidade consegue obter autonomia e liberdade a partir da (re)existência, resiliência e soberania sobre seus territórios e transformam impactos negativos em positivos, ou os minimizam ao longo do tempo.

As autoras Ribeiro et al. (2023), trazem em sua pesquisa o debate sobre a economia camponesa e feminina presente nas experiências de organização, formação, produção e manejo dos quintais produtivos de mulheres camponesas, militantes, dirigentes que participam do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC/SC. O trabalho traz alguns elementos que foram discutidos e aprofundados na dissertação de mestrado de uma das autoras. A pesquisa teórica e as experiências práticas, vivenciadas no cotidiano pelas mulheres camponesas contribuíram para as questões e reflexões sobre os desafios enfrentados na construção de uma economia baseada em novos princípios pelas mulheres. As autoras enfatizam a importância dos processos formativos e organizativos desse movimento como meio de visibilizar, reconhecer e valorizar o trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas em seus quintais produtivos.

“Mulheres na agricultura familiar” é o título do estudo de Rodrigues et al. (2017), que caracteriza o perfil da mulher na agricultura paraense. A pesquisa apresenta características gerais, produtivas e tecnológicas dos locais gerenciados pelas mulheres, assim como apresenta o nível de escolaridade dessas mulheres, pois elas se dedicam, principalmente, ao cultivo de lavouras temporárias, quintais produtivos e a criação de pequenos animais, buscando atender a necessidade alimentar da família e autonomia das produtoras.

Os resultados indicam a necessidade de maior equidade de gênero, pois a “invisibilidade” da mulher e o baixo acesso às políticas públicas, ainda é traço marcante no meio rural. Destacam-se os baixos percentuais de acesso dessas mulheres aos serviços de assistência técnica e extensão rural e aos financiamentos via crédito rural, instrumentos fundamentais para a inovação e sustentabilidade dos sistemas de produção. Conclui-se que as lacunas de gênero continuam a se configurar como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento rural sustentável.

No capítulo seguinte, acometeremos os quintais produtivos na região conhecida como Baixão dos Cocos no município de Darcinópolis. Abordaremos os caminhos percorridos para elaboração do presente estudo; a localização e composição da região onde as famílias participantes estão localizadas e como são compostas. Explanaremos o cotidiano das famílias

envolvidas e a representação que os espaços, chamados de quintal produtivos, possuem para cada mulher que maneja e desenvolve saberes no lugar escolhido para viver.

Apontaremos os caminhos e etapas do processo de construção da pesquisa e as trocas de informações entre o pesquisador e os participantes. As caminhadas realizadas nos quintais produtivos das duas famílias em meio à conversação e diálogos sobre os modos de vida tradicionais seguidos pelos membros de cada famílias. E ainda a construção da cartografia social por meio de um croqui do quintal desenhado pelas mulheres que representaram os elementos de suas memórias e aqueles presentes nos espaços no entorno da casa. Essa abordagem participativa e inclusiva da cartografia social promove a voz e a agência das mulheres, permitindo que expressem suas próprias narrativas e contribuam para uma compreensão mais abrangente e diversificada do ambiente que as rodeia.

## **CAPÍTULO III**

### **3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratória, caracterizada por aspectos subjetivos e contextuais das experiências que envolvem os sentidos, as crenças e os valores correspondentes ao espaço das relações, dos processos e dos fenômenos que, do ponto de vista da análise que será desenvolvida na presente pesquisa, não se concentra em dados numéricos, mas sim em narrativas, entrevistas e observações que revelam as nuances das experiências dos participantes (Minayo, 2001). Ao focar nos sentidos, crenças e valores, busca-se compreender as relações sociais e os fenômenos que permeiam a vida dos camponeses rurais.

O caráter exploratório permite uma abordagem abrangente, capturando a complexidade das interações e significados que as famílias participantes deste estudo atribuem às suas práticas e ao ambiente em que vivem. A pesquisa prioriza a análise das percepções individuais e coletivas, reconhecendo que as experiências vividas no lugar são moldadas por suas histórias, culturas e contextos sociais. Ao investigar as dinâmicas sociais e os processos que influenciam a vida rural, a pesquisa revela como as relações interpessoais e comunitárias impactam as práticas agrícolas e a convivência.

As etapas da pesquisa constituíram um processo de troca de informações entre as famílias que manejam os quintais e o pesquisador. Durante a realização da pesquisa ocorreram diversas oportunidades de contato e coleta de informações através de diálogos com as duas mulheres e seus esposos, onde compartilharam suas próprias experiências e conhecimentos

enriquecidos de saberes culturais e identitários. Realizamos uma caminhada dentro dos dois quintais que inspiraram conversas sobre a forma como manejam, a preocupação com a preservação ambiental; pensamentos sobre a vida; as boas lembranças e recordações do início da produção e das plantas que foram sendo inseridas no espaço que foi delimitado como quintal.

A técnica de coleta de dados permitiu ao pesquisador uma participação ativa no processo de observação. Foram realizados registros fotográficos, anotações e gravações de áudios durante as conversas, diálogos e caminhadas com informações e percepções que a pesquisador considerou relevantes para o trabalho. A observação das atividades realizadas pelas famílias e as entrevistas foram realizadas entre os anos de 2022 e 2024, envolvendo participação em atividades no quintal e na casa das duas famílias.

As escutas e observações no campo proporcionaram a obtenção de dados sobre o manejo realizado pelas mulheres dessas famílias nos seus quintais, revelando valiosas histórias e contribuições sobre a preservação de variedades tradicionais de plantas, na promoção da biodiversidade local e na transmissão de conhecimentos ancestrais das comunidades rurais. O mapeamento das duas propriedades foi utilizado como técnica exploratória para reflexão sobre os vários aspectos da realidade de forma ampla e específicas nos quintais pesquisados.

Nesse sentido, conhecer o território através da representação que cada grupo constrói sobre ele é identificar também as diversas identidades e conformações desse território. A cartografia social, como meio técnico, busca registrar relatos e as representações no processo de automapeamento, além de identificar situações de conflitos na forma de uso do território em questão (Lima e Costa, 2012 p. 5).

A metodologia usada na construção dos mapas sociais dos quintais das famílias do Baixão dos Cocos, apontou características da realidade vivida em um determinado espaço. Além de ser uma ferramenta importante para compreender a realidade social e espacial desse ambiente específico, ao mapear os quintais, foi possível identificar características como a distribuição de recurso, a organização familiar, as práticas culturais e as relações sociais presentes no lugar. O mapa construído pela Sr.<sup>a</sup> Tereza revelou informações sobre as dinâmicas de interação entre a família, os vizinhos, os amigos e filhos com o seu quintal produtivo.

A cartografia social tem por base a representação dos espaços e sujeitos que representam sua identidade no lugar das práticas e vivências. Esse mapeamento envolve a percepção, concepção e representação, se torna social por não se limitar a localizar elementos do espaço representado, mas em expressar as relações estabelecidas e conflituosas existentes e dão vida ao território (Abreu, Silva e Castrogiovanni, 2021).

Na contramão da cartografia tradicional, surge a cartografia social que, ao apresentar novos elementos de práticas cartográficas e ao construir um campo de possibilidades no qual o mapa é resultado de uma relação entre pesquisadores e agentes sociais,

indaga prática cartográfica legitimada pelas academias como oficial. A cartografia social envolve pesquisadores de diferentes formações e possui, como elemento fundamental, a participação dos agentes sociais no processo de feitura dos mapas (Dos Santos, 2017 p. 284).

Como forma de produção cartográfica, a cartografia social destaca a valorização da participação e o conhecimento dos sujeitos sociais na elaboração dos mapas. Busca criar mapas mais precisos e significativos que reflitam as perspectivas e necessidades das pessoas que vivem e interagem naquele espaço. Isso não apenas aumenta a precisão dos mapas, mas também empodera as comunidades, permitindo que expressem suas próprias histórias e identidades através da representação cartográfica. Os mapas representam o produto das relações sociais que se manifestam no cotidiano das famílias, configurando a importância de cada item representado nos desenhos (Lima e Costa, 2012).

Para Neto et al (2016), ao se tratar da Cartografia Social, deve-se levar em consideração a participação e protagonismo das pessoas envolvidas no ato do mapeamento, uma vez que os mapas são construídos por, com e para eles, no qual, o pesquisador participa como mediador no processo a partir de incentivos e laços com as famílias, incentivando a demonstração das percepções em relação ao espaço e ao cotidiano dessas pessoas. Assim, o objetivo da Cartografia Social está pautado na construção do conhecimento integral do território a partir das percepções e representações das populações no processo de mapeamento do espaço e suas características pelas pessoas que nele vive.

A ideia central do entendimento da Cartografia Social é a participação dos sujeitos envolvidos no contexto social, (Neto et al, 2016), neste caso, as famílias que possuem e fazem o manejo nos quintais produtivos no Baixão dos Cocos. Dentro dessa abordagem, a metodologia reconhece os sujeitos envolvidos como únicos e valiosos no seu próprio contexto. Portanto, ao envolvê-los no processo de construção de um mapa, buscamos capturar uma imagem mais completa e precisa da realidade social e das vivências, levando em consideração múltiplas visões e interpretações. Além disso, a participação da Sr.<sup>a</sup> Tereza e da Dona Antônia no processo de mapeamento, não apenas aumenta a relevância dos resultados, mas também promove o fortalecimento das comunidades e famílias que usam os espaços no entorno da casa para o cultivo e reprodução da cultura.

A técnica de Caminhada Transversal foi empregada nos dois quintais pesquisados com grande riqueza de informações coletadas. Além do levantamento das ações e manejo no quintal, foram identificadas e discutidas as principais limitantes ambientais. Durante a própria caminhada, discutiram-se ainda os problemas ambientais oriundos da expansão do agronegócio. Essa técnica foi utilizada também para uma definição da área delimitada como quintal. Com

isto, realização desta técnica tornou-se, um momento extremamente rico para as reflexões.

A Caminhada Transversal consiste em percorrer uma determinada área, acompanhado de informantes locais e que conheçam bem a região. Nessa caminhada, observa-se todo o agroecossistema por onde se passa. Todo o percurso deve ser representado e anotado. Deve-se estar atento à paisagem e indagando ao informante sobre questões pertinentes àquele local, como problemas ambientais, situação no passado, realidade presente, perspectivas, potencialidades e limitações. Em alguns casos esta atividade pode ser útil também para coletar amostras de vegetação, solo etc. Um gravador pode ser utilizado para que os técnicos não se preocupem muito com as anotações e as informações sejam mais fidedignas. Podem ser utilizados, também, esquemas ou desenhos representativos das características geomorfológicas da área (Souza 2009 p. 10).

Obedecendo a um roteiro previamente estabelecido, foram feitas entrevistas semiestruturadas com quatro (4) participantes, envolvendo duas mulheres que fazem manejo nos quintais produtivos e dois homens que são seus esposos. O registro das entrevistas foi realizado por meio de anotação simultânea e gravador (autorizado pelos entrevistados). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas presencialmente na residência das duas famílias. A entrevista foi orientada por um roteiro sob a coordenação do pesquisador que abordou questões gerais sobre o dia a dia das mulheres, as produções no quintal, a produção de farinha realizada pelas famílias entre outros aspectos da cultura local. A atividade objetivou compreender a percepção das famílias em estudo em relação à importância e às diversas estratégias desenvolvidas no espaço denominado com quintal.

Os participantes deste estudo discutiram as diversas estratégias que utilizam para otimizar o uso do espaço do quintal, levando em conta fatores como a diversidade de cultivos, a troca de saberes entre gerações, e as técnicas específicas para a produção de alimentos e outros produtos derivados. Além disso, foi possível perceber as relações existentes entre os familiares, vizinhos e amigos com suas dinâmicas que refletem a importância da conexão com a terra e o cultivo para a manutenção da identidade local.

### **3.1 - A REGIÃO**

Os 139 municípios que compõem o Estado do Tocantins foram divididos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em duas mesorregiões – ocidental e oriental – e em oito microrregiões. A mesorregião ocidental é formada por cinco microrregiões: Araguaína, Bico do Papagaio, Gurupi, Miracema do Tocantins e Rio Formoso e a mesorregião oriental é constituída pelas microrregiões de Dianópolis, Jalapão e Porto Nacional (Medeiros, Santos e André, 2018).

O Tocantins é o Estado mais jovem da Federação, sua criação como um estado separado

resultou de um processo de divisão territorial, visando melhor administrar e desenvolver regiões que estavam distantes dos centros urbanos e políticos de Goiás, uma região esquecida pelo estado e não era, praticamente, beneficiada pelas políticas públicas de natureza tanto federal quanto estadual, colocando-se, pois, como fruto da divisão do Estado de Goiás. Em decorrência da ausência dessas políticas, o Tocantins nasceu com uma forte dependência financeira da União, tendo em vista a necessidade de fortalecer sua infraestrutura e promover seu desenvolvimento socioeconômico.

Localizado na região Norte no Brasil, o estado do Tocantins foi criado em 1988. Além de Palmas, capital do estado, outros 138 municípios integram o estado. De acordo com IBGE (2022), a população é de 1.511.460 habitantes, distribuída em uma área de 277.423,627 km<sup>2</sup>. Os principais componentes do Produto Interno Bruto – PIB do Tocantins são: agropecuária, indústria e serviços. A agropecuária é a atividade responsável por grande parte das exportações, e a bovinocultura de corte, destaca-se como principal elemento econômico do estado. A produção agrícola possui importante lugar na elevação da economia, com foco no cultivo de milho e soja. O setor industrial está concentrado nas maiores cidades como Palmas, Gurupi, Porto Nacional, Araguaína e Paraisópolis do Tocantins com as principais indústrias de produtos minerais, agroindustrial e alimentícia, onde a produção é para o consumo interno (IBGE, 2024).

Após a expansão do agronegócio na primeira década do século 21, nessa região e, a expansão das fronteiras agrícolas principalmente para a produção de soja, o estado recebeu investimentos e se tornou uma atração para os grandes produtores de grãos. De acordo com Medeiros, Santos e André (2018), a microrregião de Jalapão, Dianópolis e Miracema estão entre os maiores produtores de soja, a região do Bico do Papagaio também se destacou por atrair capital.

A cultura da soja tem atraído investimentos nessas áreas, impulsionando a economia local e contribuindo para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) do Tocantins. A agricultura, especialmente a produção de grãos como a soja, tem sido uma importante fonte de desenvolvimento econômico nessas regiões, mas também atividade com grandes impactos negativos sociais e culturais. (Medeiros, Santos e André, 2018).

O agronegócio enquanto atividade priorizada pelos espaços privilegiados de decisão do país tem resultado na marginalização da agricultura familiar no campo das políticas públicas, as quais são desenhadas sob a orientação dos grandes empreendedores agrícolas ou seus representantes que insistem em desprezar o papel da agricultura familiar na consolidação da segurança alimentar da sociedade (Jesus, Kunz, Serradourada, 2013 p. 4).

De acordo com Oliveira (2016), a região do Bico do Papagaio recebeu investimentos e

projetos visando o seu crescimento econômico. A transformação do território que era considerado uma área com baixo nível populacional e uma área com pouco interesse por parte do setor industrial, situação diferente do sudeste brasileiro, passou a atender as novas tendências de mercado e a política do agronegócio. É comum que regiões em desenvolvimento recebam investimentos em diversos setores, como infraestrutura, educação, saúde e agricultura, para impulsionar o crescimento econômico e melhorar a qualidade de vida da população local.

Jesus, Kunz, Serradourada (2013), apontam a necessidade de promover e debater políticas públicas no âmbito dos interesses dos pequenos produtores, das comunidades para eliminar a concepção elitista da política agrária como modo de vida e dando lugar para as práticas e interesses manifestados pelos camponeses. Faz-se necessário investir em ações e projetos que buscam garantir a sustentabilidade, o progresso da agricultura familiar considerando os conhecimentos tradicionais, bem como os saberes e formas de produção e uso da terra nas pequenas propriedades. É importante que haja políticas e iniciativas para garantir que o desenvolvimento econômico seja equitativo e sustentável, beneficiando não apenas os grandes proprietários, mas também as comunidades locais e o meio ambiente.

Atualmente a região norte do Estado do Tocantins vive uma implementação na sua economia, porém atendendo na maior parte os grandes proprietários de terras, onde o agronegócio tem cada vez mais se expandido levando pequenos agricultores a perderem as suas pequenas propriedades que são destinadas ao desenvolvimento da agricultura familiar e de subsistência. As mudanças na economia de uma localidade impactam diferentes segmentos da sociedade de maneiras diversas. Tal área é palco de grandes plantações de soja e outros grãos para exportação, assim, torna cada dia mais evidente que a economia aumentou, no entanto, a distribuição da riqueza foi concentrada nas mãos de poucos (Marinho, 2017). Essa situação levanta questões sobre a distribuição justa dos benefícios econômicos e o impacto ambiental da expansão agrícola.

Para Petarly (2021), os dados do censo agropecuário de 2017 apontaram que os estabelecimentos agropecuários no estado do Tocantins formavam 44.955 unidades sob propriedade de agricultores familiares. Já os 18.853 estabelecimentos pertenciam a agricultores não familiares. Esses dados são importantes para entender o perfil da produção agropecuária no estado, destacando a predominância da agricultura familiar, que costuma estar mais vinculada à produção para o consumo local e à diversificação de culturas. A agricultura não familiar, por outro lado, geralmente está mais voltada para a produção em larga escala, muitas vezes voltada para a comercialização em mercados externos ou para grandes cadeias de valor.

A partir de 1995 ocorrem as principais transformações nas políticas públicas brasileiras

para a agricultura familiar, ano em que foi instituído o Pronaf. A partir disso, fatos marcantes como a criação do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, em 1999 e a publicação, em 2006, de legislação específica que rege a Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais (Lei nº 11.326), contribuíram para o reconhecimento institucional da categoria sociopolítica da agricultura familiar.

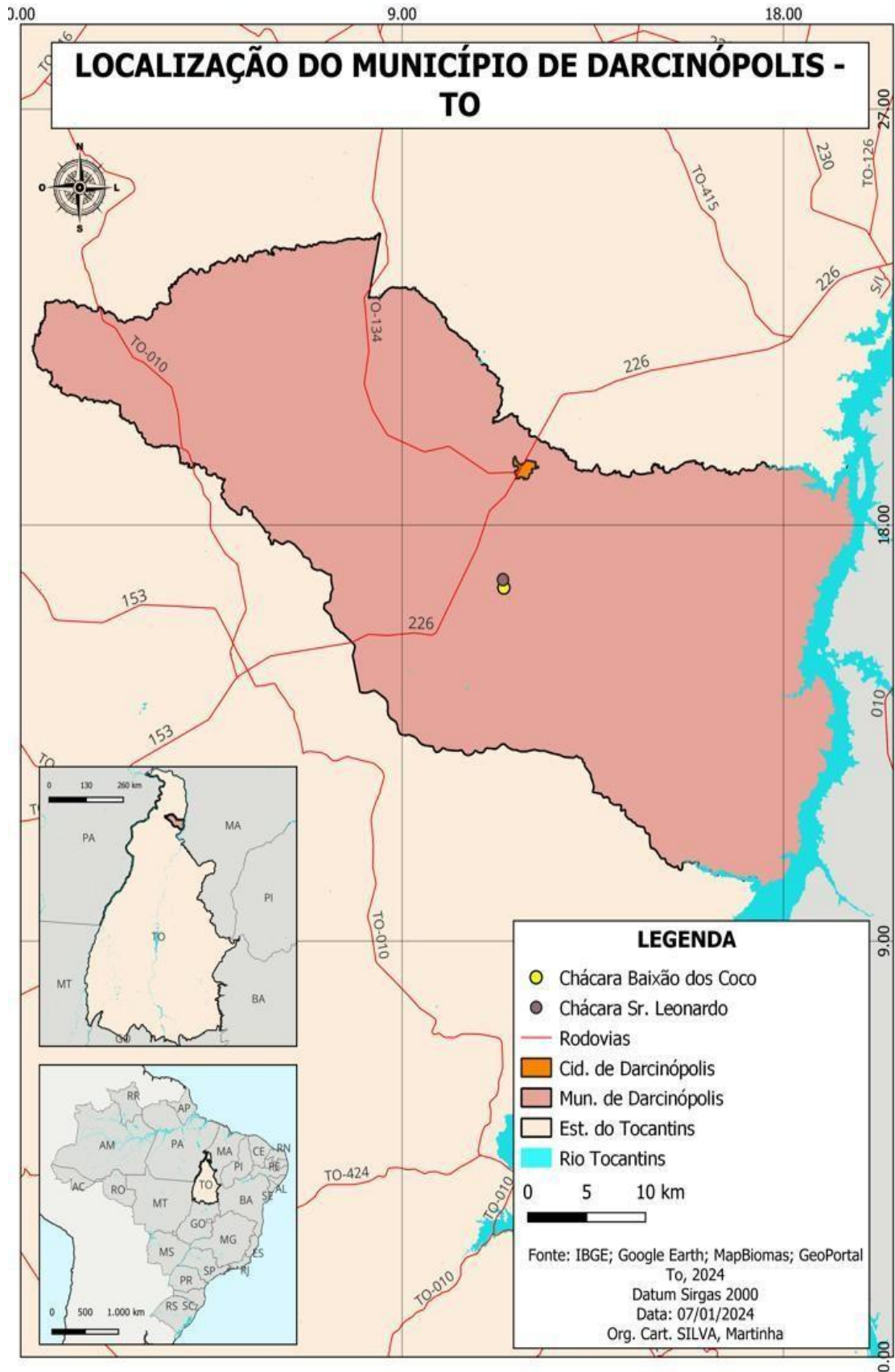
Na década de 1990 a existência de duas realidades do mundo rural brasileiro esteve majoritariamente orientada pela lógica entre os grandes proprietários de terra com grandes produções agropecuárias e os pequenos (e pobres) “improdutivos”. Esta pauta sustentava as ações do Estado, cuja prioridade pactuada era dada à produtividade agrícola. A partir da década seguinte, os parâmetros deste dualismo se reconfiguram em outra lógica, organizando-se entre Agricultura Familiar e agronegócio. Estas duas categorias sociopolíticas emergem a necessidade de uma agenda sobre o desenvolvimento rural. Agricultura Familiar encontrou respaldo pela importância econômica e social que passou a representar na sociedade, que influenciaram o espaço rural brasileiro nas últimas décadas marcado por mudanças no cenário global (Soldera, 2017).

Os agricultores familiares do Tocantins contribuem com 40% do valor bruto da produção agropecuária total do estado e geram cerca de 120 mil postos de trabalho que incluem principalmente a participação da família nas atividades realizadas. Outro ponto relevante é que 50% das terras destinadas às atividades agropecuárias são ocupadas pelas próprias famílias dos agricultores, ao passo que os assentados de reforma agrária estão distribuídos em 540 projetos de assentamentos rurais. Outro fator em destaque é o potencial agrícola registrado no estado, visto que 60% de sua área é de solos agricultáveis e, deste total, 25% apresentam condições de produção se for utilizado produtos e adubos na preparação do solo (Soldera, 2017).

### **3.2- APRESENTAÇÃO DO CAMPO**

Darcinópolis está localizada no norte do estado do Tocantins a 465 km da capital, Palmas. O município faz divisa com os municípios de Wanderlândia, Palmeiras do Tocantins, Angico, Riachinho, Babaçulândia e Piraquê. A cidade está localizada às margens da rodovia BR 226, e faz parte da microrregião do Bico do Papagaio, na região norte do estado do Tocantins.

Mapa 01 – Darcinópolis e os quintais das famílias participantes da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado por Abreu (2024).

A cidade de Darcinópolis/TO possui uma área de 1.641,770 km<sup>2</sup> e, de acordo com o último censo, realizado em 2022, a população era de 5.827 pessoas. O clima predominante é do tipo tropical, caracterizado por uma estação chuvosa (de outubro a abril) e outra seca (de maio a setembro), solo arenoso, vegetação de cerrado, relevo de planície. Além do mais, a precipitação pluviométrica média é de 12 mm, a temperatura média anual varia de 18 °C a 35 °C, com o valor médio anual de 27°C, e a umidade relativa do ar com valores oscilando de 40% a 80% (IBGE, 2024).

Por influência da construção da rodovia Belém/Brasília, os primeiros moradores chegaram à localidade chamada Regalo que, logo em 1977, passou a ser conhecida como povoado Ribeira, denominada hoje como Darcinópolis-TO. Ribeira é o nome ‘histórico/afetivo’ usado pelos moradores de Darcinópolis para se referir ao município. O povoado da Ribeira permaneceu por décadas como distrito de Tocantinópolis. Depois de emancipado, no ano de 1992, passou a ser denominado Darcinópolis, em homenagem a Darcy Marinho, político de tradicional família de Tocantinópolis desde os tempos da Boa Vista <sup>5</sup>(Silva, 2017).

A zona rural de Darcinópolis possui várias regiões, Varjão, Brejão, Destilaria, Fuzil, São Miguel, Laranjeira, Sucupira, Craúno, Baixão dos Cocos, Larges, Mata, Cascavel e, em parte dessas regiões, possuem comunidades de produtores rurais e famílias que usam os quintais para cultivar (Oliveira, 2022). Na área conhecida como Baixão dos Cocos, as famílias em estudo são de duas pequenas propriedades, das quais são as mulheres e seus esposos que fazem o manejo dos quintais com uma variedade de cultivos e criações de pequenos animais. Os principais produtos cultivados nessas propriedades são: milho, mandioca, feijão, arroz e a criação de poucos gados para consumo do leite, galinhas, porcos, porém em pequena escala.

As propriedades das famílias em estudo estão localizadas a 15 km da sede do município de Darcinópolis, as unidades familiares se constituem de quintais com uma extensão variada entre 201 e 246 m<sup>2</sup> situados na zona rural. Os quintais estão localizados em propriedades cercadas pelas grandes plantações de soja e outros grãos. Para Dias (2021), por estarem próximas às grandes plantações de monoculturas como soja e outros grãos as famílias evidenciam ainda mais a importância dos quintais produtivos manejado pelas famílias rurais.

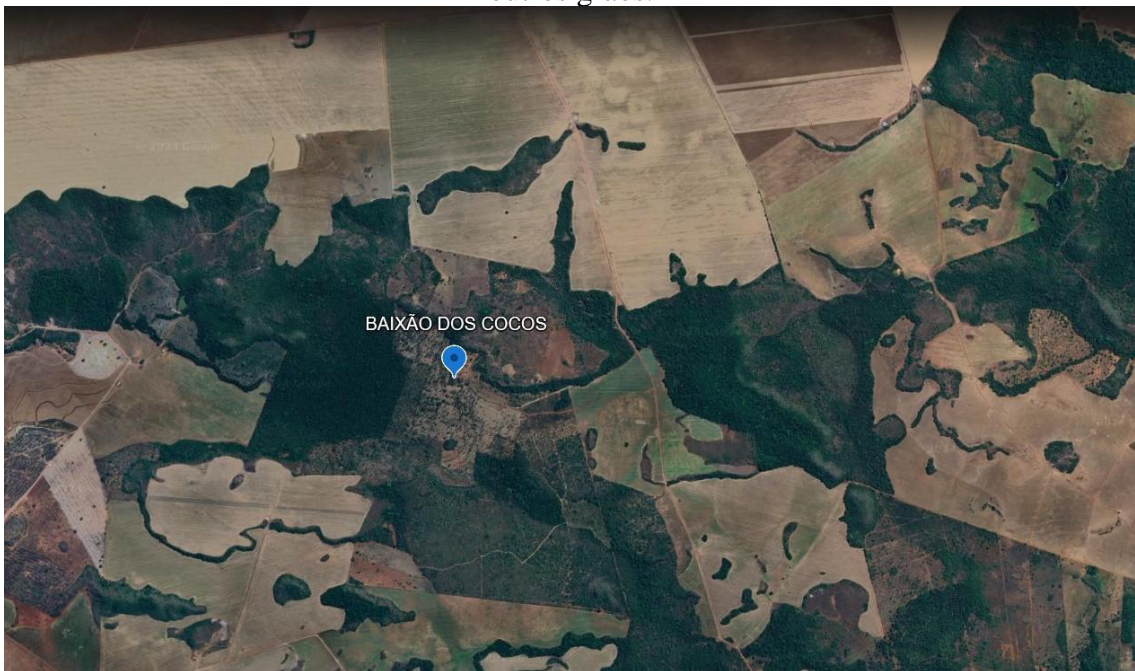
Enquanto as monoculturas podem dominar as áreas circundantes, os quintais familiares

---

<sup>5</sup> No ano de 1818, tendo partido de Pastos Bons (MA) uma bandeira com intuito de conquistar índios, dois de seus componentes, Antônio Faustino e Venâncio, que se dedicavam a lavoura, dela se desligaram, e, com suas famílias, fixaram residência à margem esquerda do Tocantins, a que, dada a sua altitude deram o nome de Boa Vista. Atual Tocantinópolis-TO.

representam um fator essencial para biodiversidade, oferecendo diversidade de cultivos, segurança alimentar localizada e um refúgio para a biodiversidade. Além disso, as práticas sustentáveis das mulheres nos quintais contribuem para mitigar os impactos negativos das monoculturas, como erosão do solo, uso intensivo de agrotóxicos e perda de biodiversidade. como mostra a imagem a seguir.

**Figura 2-** Quintais localizados em propriedades cercadas pelas grandes plantações de soja e outros grãos.



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado por Abreu, 2023.

Conforme Silva (2017), no município de Darcinópolis, existe uma média de 11 (onze) grandes propriedades rurais produzindo em larga escala milho e soja para exportação. Essas fazendas foram se instalando na área e ‘agregando’ outras pequenas propriedades rurais. Esse processo é comum em áreas rurais, onde fazendeiros adquirem ou integram terras menores às suas propriedades para expandir seus negócios ou aumentar a eficiência agrícola. Esse termo "agregar" muitas vezes denota a união ou incorporação dessas propriedades menores à estrutura de uma fazenda maior. Nesse contexto, isso pode significar adicionar terras adjacentes para expandir a área cultivável ou incorporar novas técnicas ou recursos para melhorar a produtividade e eficiência da operação agrícola como um todo. É uma palavra bastante versátil que pode ser aplicada em diversos contextos para descrever a ação de agregar valor, recursos ou elementos.

## **CAPÍTULO IV - OS QUINTAIS PRODUTIVOS PARA AS FAMÍLIAS ENVOLVIDAS**

As famílias têm sido reconhecidas como a base da sociedade, desempenhando papéis cruciais na transmissão de valores, tradições e conhecimentos de geração em geração. No entanto, o conceito de família não é estático; ele evolui constantemente em resposta a mudanças nas normas culturais, estruturas sociais e avanços tecnológicos. As duas famílias participantes deste estudo vivem em duas pequenas propriedades no município de Darcinópolis, nas proximidades da rodovia 226 na zona rural, na área conhecida como Baixão dos Cocos.

### **4.1 – A FAMÍLIA DE LUIZ E TEREZA**

A família 1, participante deste estudo é constituída por sete pessoas, o casal formado pelo Sr. Luiz Abreu e a Sr.<sup>a</sup> Tereza, pais de três mulheres e dois homens, nasceram no Norte do Tocantins. Filhos de pais ocupados no trabalho rural, também participaram com os irmãos nas tarefas desempenhadas nas roças de toco e nas produções dentro do quintal da família, nos municípios de Wanderlândia e Darcinópolis.

Os cinco filhos não moram mais com o casal no Baixão dos Cocos, devido terem saído muito cedo para trabalhar e estudar nas cidades próximas da chácara<sup>6</sup>. Os dois filhos mais velhos do casal vivem na cidade de Darcinópolis, uma das filhas casou-se e reside no município de Marabá no estado do Pará, outro filho também mora na cidade de Darcinópolis e trabalha como caminhoneiro, por fim, o filho mais novo é o pesquisador desse estudo e reside atualmente na cidade de Araguaína, onde é professor de Geografia da rede estadual de ensino e estudante no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Apesar dos filhos não residirem na chácara da família, todos participam de maneira intermitente das atividades realizadas. Hoje, com a chegada dos netos, os saberes culturais e tradicionais são continuados por eles que, também participam dos cuidados com os quintais.

O Sr. Luiz Abreu está com 68 anos e vive com sua esposa na chácara desde o início dos anos 2000. Desde criança, ajudava seu pai nas atividades realizadas nas roças de toco com as plantações de arroz, feijão, milho, abóbora, mandioca e na produção de farinha, onde aprendeu com seu pai, todo o processo de manejo e produção da farinha de mandioca para consumo da

---

<sup>6</sup> Uma chácara é uma área de terra menor do que uma fazenda, usada para cultivo de alimentos ou criação de animais, mas também pode ser voltada para lazer ou turismo.

família e também para a venda do excedente, oferecendo uma fonte adicional de sustento. Assim, os quintais familiares não apenas satisfazem as necessidades alimentares das famílias de maneira sustentável, mas também fornecem uma oportunidade econômica valiosa, destacando seu papel crucial não apenas na subsistência, mas também na dinamização das economias locais. Embora o Sr. Luiz Abreu viva em sua propriedade, hoje, ele já desenvolveu diversas outras atividades, sempre no meio rural, trabalhou como vaqueiro por boa parte da sua vida, passando em diversas fazendas e construindo relações de amizades e conhecimentos.

Antes da mudança para a sua terra, Luiz Abreu viveu e trabalhou como vaqueiro na Fazenda Guaraci, localizada na mesma localidade em que reside hoje, no qual conseguiu, com autorização do dono da Fazenda, criar alguns gados, plantar roças em algumas áreas da Fazenda onde estava sem uso, criar porcos, galinhas e cultivar plantios no quintal. Com isso, ele reuniu recursos suficientes para adquirir sua terra e logo começou a abrir espaços para o cultivo das roças em sua própria propriedade. A mudança para sua propriedade só aconteceu após a chegada do agronegócio e a monocultura da soja na área que fez com que os grandes proprietários de terras substituíssem a criação de gado pelas grandes lavouras de soja.

A mudança para o Baixão dos Cocos, fez com que a família abandonasse uma rotina de trabalho árduo, o que para alguns, deixou boas lembranças e para outros, o início de um sonho. Nas palavras de Luiz Abreu, essa nova oportunidade de morar “no que é seu” é evidenciado no sentimento que ele coloca ao falar sobre os modos de vida e o cotidiano em sua chácara.

A Tereza sempre diz que tem saudade lá da Guaraci, eu não tenho, porque vivia trabalhando nas terras dos outros. Hoje eu vivo no lugar que é bom para plantar, é perto dos meus vizinhos que me ajudam no tempo das roça e eu ajudo eles colher o arroz, plantar o feijão e aqui é o lugar que eu quero ficar até o fim (Entrevista, 25/12/2023).

A vivência da vida no campo não possibilitou ao Sr. Luiz Abreu a oportunidade de frequentar uma escola e estudar, trabalhou com seu pai e aprendeu toda lida no trabalho rural, isso reflete uma realidade comum a muitas pessoas que cresceram em ambientes rurais, onde as oportunidades educacionais podem ser limitadas. Sua vivência no campo, embora não tenha proporcionado acesso à escola, certamente contribuiu para seu desenvolvimento por meio do trabalho ao lado de seu pai. Ao trabalhar com seu pai no ambiente rural, Luiz teve a oportunidade de aprender diversas habilidades práticas relacionadas ao trabalho agrícola e rural. Essa educação prática é tão valiosa quanto a educação formal, pois oferece conhecimentos específicos e experiências que podem ser aplicados diretamente no cotidiano. Crescer em um ambiente rural estabeleceu uma compreensão profunda da terra, dos ciclos naturais e das práticas agrícolas, que são habilidades valiosas em si mesmas e tornou possível a continuação das práticas culturais da família (Heredia, 2013).

A força da mulher nas famílias que vivem no rural é um aspecto crucial e, muitas vezes, subestimado. Nas comunidades rurais, as mulheres desempenham papéis multifacetados que contribuem significativamente para o bem-estar da família e para o funcionamento eficiente das atividades agrícolas. As mulheres são as guardiãs dos conhecimentos tradicionais e práticas agrícolas. Elas desempenham um papel importante na transmissão desses conhecimentos às gerações mais jovens. Reconhecer e valorizar essas contribuições é essencial para promover a igualdade de gênero e o desenvolvimento sustentável nessas áreas (Heredia, 2013).

A Sr.<sup>a</sup> Tereza é aposentada, tem 67 anos e vive no Baixão dos Cocos com seu marido. Durante sua infância, viveu com seu pai, sua mãe e seus oito irmãos na zona rural do município de Wanderlândia, Tocantins. Cresceu na lida com seu pai cultivando nas roças de toco, pois era uma das filhas mais velha do casal. Por esse motivo, participava das atividades mais pesadas como plantar e colher arroz, também ajudava nas atividades domésticas e no manejo do quintal com sua mãe e sua irmã mais nova, onde aprendeu a cultivar algumas ervas medicinais, hortaliças, e todos os elementos que compõem o seu quintal em sua chácara<sup>6</sup>.

Quando criança, não frequentou a escola. Seu pai contratou um professor para ensinar a ler e escrever e, isso ocorria em sua casa durante um mês com todas as filhas mulheres reunidas na sala de sua casa. O tempo era dividido entre a lida, o estudo e a palmatória<sup>7</sup> utilizada para corrigir quando alguma delas não estavam aprendendo a lição do professor. Depois de dias de dedicação e esforços, Tereza conseguiu aprender a ler e escrever e isso possibilitou outras aprendizagens. Em 1975, aos 19 anos de idade, casou-se e foi morar com seu marido em um sítio no município de Darcinópolis, local que viveram por um período e, logo, começaram a trabalhar em algumas fazendas. Sr. Luiz como vaqueiro e a Sr.<sup>a</sup> Tereza com os cuidados domésticos e com os filhos.

Nas fazendas não era fácil o trabalho, enquanto o Luiz passava o dia no campo com os outros vaqueiros que ajudava ele a prender, separar, vacinar e cuidar do gado eu precisava dar conta da casa, dos filhos e tinha que cozinhar pra todo mundo. Eu fui aprendendo com o tempo e fazia tudo com muito amor, cuidamos de muitas fazendas, mas sempre sonhando com o nosso pedacinho de terra que um dia a gente ia ter. A gente fez nossas economias juntos, eu sempre aconselhando para ajudar ne tudo que precisava, quando o Josias ofereceu um pedaço da sua terra para a gente comprar eu e o Luiz vendemos nosso gadinho e juntamos tudo que tinha e comparamos, foi uma alegria pra nós (Entrevista, 25/12/2023).

---

<sup>6</sup> As vivências dela com os quintais quando ainda era jovem será melhor abordada no capítulo das análises.

Com as mudanças ocorridas após a expansão do agronegócio na localidade, o casal ainda permaneceu na fazenda Guaraci esperando a demissão de acordo com os direitos trabalhistas. Sem salário fixo, a renda da família passou a ser da venda de bananas que eram cultivadas na fazenda e vendidas em Darcinópolis e, continuaram cultivando arroz, feijão, abóbora e outros alimentos para o consumo. Então, decidiram organizar a sua terra para a família migrar.

Eu queria que a casa fosse lá na parte de cima porque lá é plano e bonito, mas o Luiz falou que era melhor na baixada onde as terras eram melhor, ele falou que tinha a grota que passava aqui do lado e ficava mais fácil de usar a água, aí fizemos uma casa de palha com um fogão de lenha e todo final de semana a gente ia, limpava o quintal e plantava alguma coisa, laranja, manga os pé de café e assim foi nascendo o meu quintal (Entrevista, 25/12/2023).

No início do ano de 2007, a família migrou para a propriedade própria onde já havia uma plantação de banana e mandioca que, nos primeiros anos após a mudança, foi a fonte de renda do casal que ainda não tinham conseguido a aposentadoria. O cultivo de mandioca e banana no Baixão dos Cocos, iniciou ainda quando a família morava na fazenda Guaraci, onde, todos os filhos e o casal, usavam o tempo livre para o cultivo. A escolha do local e delimitação do espaço da casa e do quintal foi determinado por meio dos conhecimentos da família relacionado ao uso das terras de baixadas, que são terras férteis para o cultivo, tanto nas roças de toco como nos espaços próximos da casa, tornando possível o cultivo de várias plantas e árvores frutíferas como os cacauzeiros e outros que produzem frutos de qualidade devido aos solos ricos em nutrientes.

Já tivemos dificuldade aqui, mas quando mudamos não tinha poço aí mandamos cavar um e ele deu gás aí não prestou mais porque quando não tava no tempo da chuva não tinha água no poço e o Luiz buscava todo dia na Ribeira, eu enchia os potes pra beber e fazia a comida o resto das coisas eu fazia com a água da grota, tomava banho, molhava as plantas e botava as mandiocas de molho também porque nessa época a gente fazia muita farinha e era como nós comprava o açúcar e os outros que a gente não planta, hoje tá ruim porque depois que tiraram as mata para plantar soja, nossa grota secou, ficou ruim pro gado beber, pra gente banhar quando o dia tá quente, aí nós usa a água do poço pra tudo (Entrevista, 25/12/2023).

Atualmente, o Sr. Luiz Abreu e a Sr.<sup>a</sup> Tereza são aposentados e vivem em sua propriedade, cultivam arroz na roça de toco e ainda utilizam o mesmo terreno para plantar abóbora, fava, feijão e milho. Essa produção em pequena escala é utilizada na alimentação da família, na troca com vizinhos, doação para as visitas como forma de demonstração de carinho e na venda do excedente.

<sup>7</sup> Peça circular de madeira com cinco orifícios, formando uma cruz e provida de um cabo, us. para bater na palma da mão de pessoa castigada durante o ensino.

A criação de gado também é algo que marca os modos de vida da família, uma vez que, o gado é uma forma de poupança, pois nesse sentido, a venda só aconteceria caso houvesse uma emergência, seja ela de tratamento de doenças, compra de sementes para produção de pastos e outros que a venda do gado poderia suprir. Estudos apontam, que o gado é uma estratégia de poupança familiar, Zelizer, (2011); Heredia, (2013); Petarly e Pedroso Neto, (2021). Além disso, o gado criado pela família fornece o leite que é tirado todos os dias do ano com exceção do “Dia de Todos os Santos”<sup>8</sup> que, para a família, é um dia sagrado onde todos devem permanecer em casa sem ir para a lida do dia a dia.

O leite produzido na chácara pela criação de gado que a família possui é utilizado na fabricação de queijo, requeijão, doce de leite e no consumo diário. Todos esses produtos são feitos pelo Sr. Luiz Abreu e sua esposa a Sr.<sup>a</sup> Tereza, que durante o preparo do queijo, utilizam o soro para a alimentação dos porcos que, são criações que vivem dentro do chiqueiro no quintal. O queijo, requeijão e o doce de leite são produzidos para o consumo da família, mas também são vendidos na cidade de Darcinópolis. A partir das narrativas do Sr. Luiz Abreu, a família aprendeu a fazer esses produtos para agregar a alimentação, mas que, por questões financeiras, passaram a vender e garantir uma renda.

Ele conta como é as atribuições de cada um no preparo: “eu faço o requeijão porque é um serviço mais pesado e fico com o dinheiro da venda para colocar gasolina no carro e comprar o que falta no dia a dia, a Tereza faz o queijo e o doce de leite para comprar as coisas dela”. Para Zelizer (2003), o dinheiro possui significado social além do significado financeiro. A autora menciona o dinheiro como um fenômeno social profundamente enraizado em relações humanas, afetivas e pelos contextos culturais em que circula, dotado de significados que vão além do seu valor econômico. Nesse sentido, a autora reforça que o dinheiro também é marcado pelos valores sociais, neste caso, pelas diferenças de gênero.

Na sequência a Sr.<sup>a</sup> Tereza diz que todos esses produtos manejados no seu quintal e na terra deles são importantes para a permanência no lugar que escolheram para viver.

---

<sup>8</sup> O Dia de Todos os Santos é uma celebração cristã que honra todos os santos e mártires reconhecidos pela Igreja Católica. No Brasil, essa data é comemorada em 1º de novembro. No entanto, é importante notar que, embora seja uma festividade cristã, algumas pessoas no Brasil podem adotar tradições culturais locais ou regionais para celebrar o Dia de Todos os Santos.

Eu faço o doce de leite e não dou conta de tanta encomenda que tem, não faço só pelo dinheiro, mas tenho prazer de fazer e ver as pessoas que eu gosto dizendo que quer outro. Eu costumo mandar pelo Luiz para vender porque é ele que traz os pedidos aí ele leva e já compra um alho, a cebola, as verduras e tudo que eu vou falando que acabou aqui em casa. As coisas foi ficando difícil e a gente arrumou esse jeito de ganhar dinheiro e continuar morando na nossa terra porque eu não saio daqui por nada. Ele vende o requeijão dele e eu vendo o queijo e o doce de leite e assim vamos vivendo. Meus filhos também aprenderam a fazer, quando eu não tiver mais aqui eu deixei os ensinamentos pra eles (Entrevista, 25/12/2023).

A criação de pequenos animais como as galinhas, que são criadas soltas no quintal, fornece ovos frescos, adubo natural e controle de pragas. São criadas para o consumo nas refeições da família, principalmente, nos finais de semana quando os filhos e amigos estão reunidos. Para a Sr.<sup>a</sup> Tereza, as galinhas possuem uma importância significativa no seu quintal e isso, é compreendido na sua narrativa: “eu sempre criei galinha no meu quintal, não gosto de vender porque eu gosto de matar para os meus filhos que vem e já sebe que vou fazer pra eles, tem algumas que eu não mato de jeito nenhum porque eu ganhei da minha nora, do meu vizinho aí são de estimação”. Ainda dentro dessa perspectiva, a Sr.<sup>a</sup> Tereza relata:

Quando meu filho mais velho tinha 16 anos ele sofreu um acidente e ficou entre a vida e a morte, eu fiz uma promessa pra Deus curar ele e eu ia rezar todo ano enquanto vida eu tiver para São Sebastião, ele ficou perfeito e eu rezo todo ano dia 20 de janeiro. O Luiz separa um porco e passa o ano engordando ele para matar no dia da reza, aí vem o genro e o vizinho para ajudar, eu separo no cercado umas dez galinhas e deixo engordando para matar também na reza e assim a gente faz comida pra todo mundo, eu faço um café da manhã porque tem muitos que chega cedo pra reza, eu faço doce, requeijão a gente reza e agradece a Deus pela saúde de todo mundo (Entrevista, 25/12/2023).

Além da criação de pequenos animais no quintal, a família possui muitas árvores frutíferas, plantas para uso alimentar, plantas medicinais, e árvores nativas que foram deixadas durante a escolha do local onde está inserido o quintal produtivo. Todos esses aparatos, e a área utilizada no quintal para o cultivo, dão à família condições de vida e permanência na terra. O uso de vários objetos e a área do quintal para o cultivo podem oferecer uma série de benefícios para as famílias como, proporcionar uma fonte local e fresca de produtos, reduzindo a dependência de supermercados e contribuindo para uma dieta saudável; pode ajudar a economizar dinheiro, já que os custos associados à compra de alimentos podem ser reduzidos. Além disso, o uso desses elementos eficientes, como ferramentas agrícolas adequadas, pode otimizar o processo; ter uma fonte local de alimentos e recursos pode ser crucial em tempos de crise, contribuindo para a

resiliência da família diante de eventos inesperados e o uso inteligente de dispositivos e a utilização eficiente da área do quintal podem criar um ambiente sustentável, econômico e autossuficiente para uma família, promovendo uma vida mais conectada à terra.

Os quintais produtivos representados na cartografia são da família da Sr.<sup>a</sup> Tereza e seu esposo Sr. Luiz Abreu e da família da Dona Antônia e seu esposo Leonardo, onde fazem manejo nos espaços próximos as casas. Os quintais compõem uma paisagem da produção familiar que é desenvolvida com o cultivo de plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, leguminosas, medicinais, produção de abóboras, bananas, mandioca e criação de pequenos animais como os porcos, as galinhas e patos.

A diversidade de alimentos produzidos nos quintais das famílias participantes desse estudo foi evidenciada durante as visitas e caminhadas realizadas com as mulheres que cultivam no entorno da casa. No quintal da Sr.<sup>a</sup> Tereza, os pés de café compõem uma paisagem com seus frutos vermelhos que oferece às famílias e amigos produtos orgânicos, a composição de pés de cupuaçu, cacau, laranja lima, limão, mamão, goiabas, abacate, araçá-boi, ameixa, mexerica, mangas, entre outros que fazem desses espaços, um local cheio de riquezas alimentares e possibilitam uma mesa nutritiva. Também, são produzidos nesses espaços alimentos como abóboras, macaxeira, feijão e as pequenas hortas com produção de cebolinhas, coentro, pimenta, pimentão, tomate e outros que permite que essas famílias tenham acesso a alimentos frescos e saudáveis diretamente do seu quintal.

Além da produção dos alimentos nos quintais, há uma variedade de ervas que são cultivadas para uso medicinal, como o mastruz, o capim santo, a erva cidreira, o açafraão, alfavaca, erva santa, alecrim, gervão, a romã e a babosa que, para as donas dos quintais, cada uma dessas plantas tem propriedades únicas que podem ajudar a tratar uma variedade de condições de saúde. O mastruz, por exemplo, é utilizado por possuir propriedades anti-inflamatórias, enquanto o capim santo tem um efeito calmante e alivia dores de cabeça. A erva cidreira é ótima para aliviar o estresse e curar febre, enquanto o açafraão tem efeito anti-inflamatório. “O alecrim é excelente para melhorar a memória e a concentração, e a babosa é famosa por suas propriedades cicatrizantes e hidratantes para a pele” (Observação de campo, maio/2023).

A partir da identificação de cada quintal, através do mapeamento das propriedades, selecionaram-se os caminhos a serem percorridos durante a caminhada transversal dentro dos quintais para identificar diferentes aspectos e benefícios dos quintais. Para Lima Filho et al (2019), a caminhada transversal é uma ferramenta para descrever e mostrar a localização e a classificação dos recursos, os aspectos, a paisagem e os vários usos da terra ao longo de um

determinado corte transversal.

As caminhadas foram realizadas com a Sr.<sup>a</sup> Tereza, uma das mulheres que manejam os quintais e a proprietária do quintal da família pesquisada 1. Observando os diferentes elementos da paisagem e uso do espaço, bem como contando histórias e relatos sobre cada árvore, planta, objetos, sobre os animais, sobre a casa e os móveis ali inseridos com foco, principalmente, na relação que a família possui com o lugar que vivem. Durante a caminhada, também foram reconhecidas as paisagens de relevo, como as serras, o caminho que liga a sua casa com a casa da família da Dona Antônia, contando histórias sobre o período em que passavam naquele mesmo local e não sentiam a temperatura tão alta como agora com poucas árvores para cobrir o caminho (Observação de campo, maio/2023).

No percurso entre uma propriedade e outra, as conversas nos levaram a identificar diversas árvores que possuem significados importantes para a Sr.<sup>a</sup> Tereza. Uma delas é um cajueiro, chamado por ela, Caju de Janeiro. Fizemos uma pausa da caminhada na sombra desse cajueiro e ali o sentimento pelo lugar foi demonstrado através de histórias, relatos, suspiros e lembranças compartilhadas.

Esse caju de janeiro me lembre meu pai, que lá na lagoa a gente tinha muito dele e meu pai gostava de fazer as roças onde os pé de caju de janeiro tava, porque ele falava que era as terra boa. Quando nós mudemo pra cá, eu logo vi que nossa terra ia da muitos fruto, eu passava aqui para lavar roupa na grota ali em cima e via ele carregado de caju, eles são bem vermelhos, esse lugar pra mim é muito importante porque eu sei que é aqui que eu quero viver com o Luiz até o dia que a gente se for. Hoje eu não lavo roupa mais na grota porque tem água encanada lá em casa e porque eu não dou conta mais de subir essa ladeira, mas de vez em quando eu subo aqui só pra ficar nessa sombra e aproveitar esse lugar (Entrevista, 27/05/2023).

Outro ponto identificado no percurso foi o pequeno córrego que atravessamos, onde ela diz “bati muita roupa aqui [sic] seu pai me acompanhava e eu passava de manhã toda aqui [sic] e ele me ajudava a voltar com as roupas na bacia carregando na cabeça”. A utilização desse córrego era frequente antes da perfuração do poço na propriedade da família, ali era o único local onde os animais podiam beber, onde a família tomava banho, lavavam roupas e irrigavam as plantações do quintal. A água para preparação dos alimentos e consumo, por muito tempo era buscada nos vizinhos que já haviam poços artesianos com água potável e na cidade próxima, onde utilizavam vários tambores para a coleta e armazenamento dessa água.

Após a caminhada nas duas propriedades, da identificação dos quintais, uma maior aproximação com as famílias tornou possível a realização do recorte espacial dos quintais e a construção dos mapas e/ou croquis feitos pelas mulheres. Durante a construção do croqui pela Sr.<sup>a</sup> Tereza, representando o quintal de sua propriedade, são elencados elementos da paisagem ali existente e depositado naquele papel, todo sentimento e apego pelo lugar.

Eu vou desenhando aqui mas tem coisa que eu não sei direito colocar no papel mas eu sei cada lugar do meu quintal e as plantas que tem nele, gosto de ficar mexendo e adubando e cuido de cada uma delas porque depois que a soja foi chegando pra perto da gente tem umas plantas que adoçero e eu tive que fazer mistura de adubo, como as terras debaixo da dormida das galinhas misturadas com folhas secas e o esterco do curral, assim a gente consegue salvar elas e fazer elas produzir mais ainda. Eu fui ganhando as mudas e plantando no quintal sempre organizando o lugar com o que a fruta se dá melhor, algumas gosta mais da sombra e já outras tem que ta no lugar que o sol bate mais (Entrevista, 26/05/2023).

Ao iniciar o desenho, a Sr.<sup>a</sup> Tereza começa falando da escolha do local para construção de sua casa e revela que o desejo dela era construir a casa na parte alta da terra, mas seu esposo não concordou, justificando que seria inviável morar na parte alta e precisar descer para o Baixão para cultivar suas roças, uma vez que as terras do Baixão são mais produtivas. Em seguida, ela fala que ele estava correto e que hoje, se morassem na parte alta da propriedade, estariam mais perto da soja e, conseqüentemente, dos defensivos que são usados nas plantações.

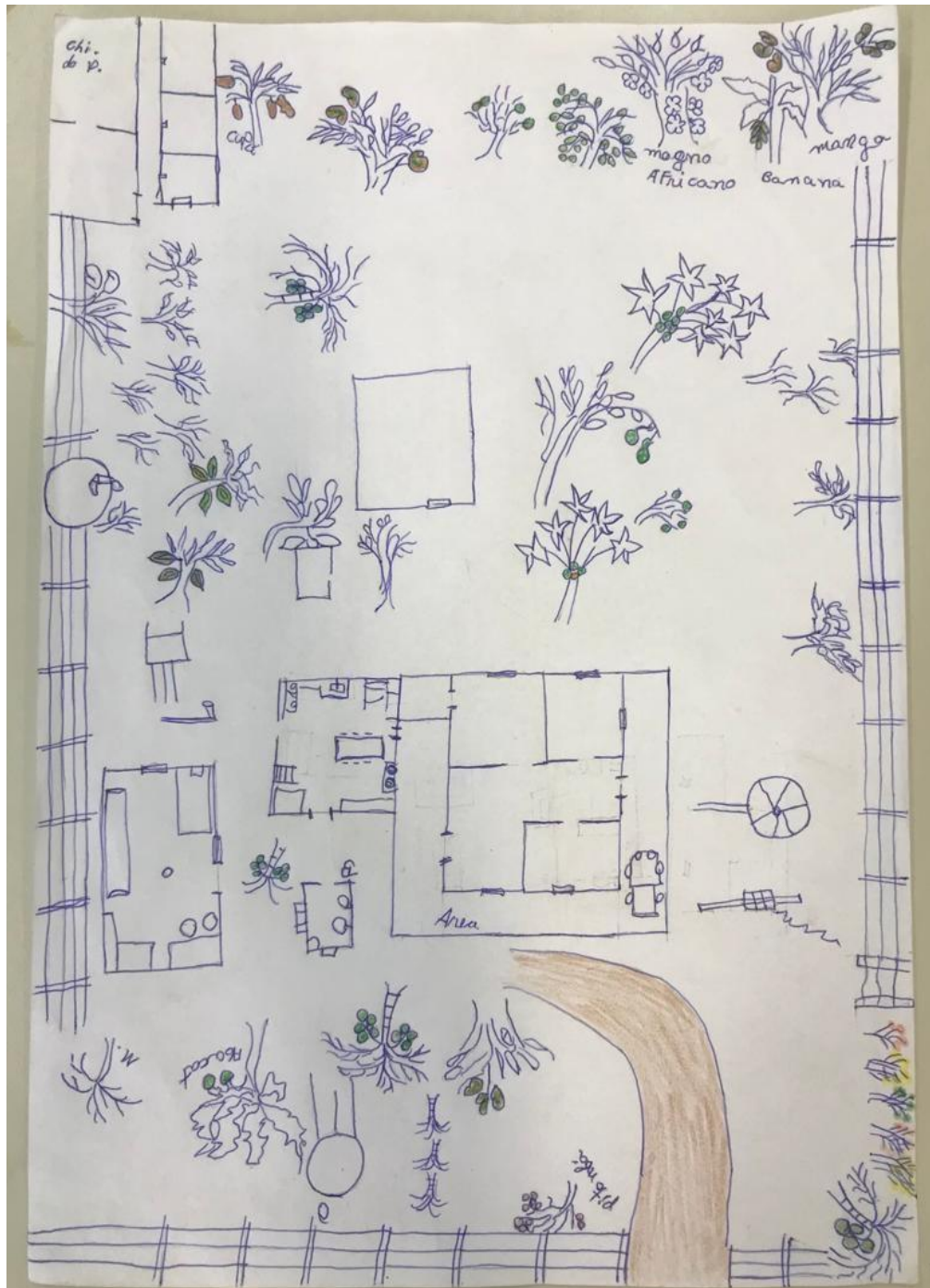
Todas as plantações e cultivos existentes no quintal da família em estudo possuem um significado e são elencadas na fala da mulher que escolheu cada pedaço de chão para plantar as sementes, as mudas, que eram ganhas dos vizinhos, dos amigos, dos parentes e que hoje fazem parte da vivência e compõem trajetórias e momentos importantes para ela. Ao desenhar seu quintal, a Sr.<sup>a</sup> Tereza inicia com uma árvore que ela nomeia como mogno Africano e cita que essa árvore foi doada pelo seu irmão Justino, hoje falecido, mas que trouxe a muda para ser plantada para deixar o quintal mais bonito. Logo, ela escolheu o lugar onde seria plantada a muda. Um lugar onde pudesse enfeitar e ao mesmo tempo fazer sombra, pois seu irmão havia dito que ficaria uma árvore bastante grande.

De acordo com Tuan (1983), o lugar é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos, são criados para atender às necessidades humanas. Afirma ainda que há uma relação entre experiências e permanência, na medida em que o senso de lugar raramente é adquirido pelo simples ato de passarmos por ele. Seria necessário, então, um período maior de contato com ele, onde então houvesse um profundo envolvimento. No entanto, seria possível um indivíduo envolver-se por um lugar à primeira vista (Tuan, 1983). Ele enfatiza que o lugar reflete a relação íntima entre seres humanos e seu ambiente. Não é apenas um palco para a vida humana, mas um produto das interações, emoções e valores que os humanos projetam nele.

Callai (2004) aborda a dimensão afetiva dos quintais produtivos, especialmente no contexto das práticas espaciais e na relação entre os indivíduos e os espaços utilizados. O quintal surge como um espaço que transcende sua função prática e se torna um território de vivências e significados profundos, contribuindo para a formação de identidades e relações humanas, é um lugar carregado de memórias, associado a momentos de infância, convivência familiar e

vivências pessoais. Essas memórias tornam o quintal um espaço afetivamente significativo. Destacamos as diferentes áreas e funções de sua propriedade, de forma simples e simbólica através da figura a seguir, construído pela Sr.<sup>a</sup> Tereza.

**Figura 3-** Representação de mapa (croqui) de uma propriedade familiar realizado pela Sr.<sup>a</sup> Tereza



Fonte: Elaborado pela Sr.<sup>a</sup> Tereza, maio de 2023.

Na sequência, ela continua o desenho a partir da casa onde é o lar da família, construída de alvenaria sendo dividida em três quartos, uma sala e área em volta que, segundo ela, foi

construída pelo amigo de infância da família. A cozinha da casa também foi desenhada e, durante os riscos e rabiscos, ela conta que a cozinha, feita de madeira rústica e coberta de palha de coco babaçu, ainda é a mesma de quando seu esposo construiu para servir como rancho (espaço para repouso e depósito da colheita), durante o processo de mudança para essa área em estudo. Hoje, esse espaço serve como cozinha e mantém o formato de construção de acordo com o que foi ensinado pelos seus pais.

Tal como afirma Amorozo (2002), a relação de afetividade que as mulheres possuem com seus quintais ficaram perceptíveis durante a construção do mapa, à medida em que ela vai desenhando cada item que faz parte daquele espaço e não deixa passar nenhum detalhe, comentando sobre a importância, de onde veio, quem deu, porque plantou e a relação que construiu com o lugar. As árvores frutíferas são desenhadas em diversas partes do quintal, o cacauieiro é uma das árvores que a Sr.<sup>a</sup> Tereza aborda em seu desenho e lembra a importância de colorir no mapa os frutos que são os cacaus para que todos possam diferenciar das demais frutas existentes ali.

A casa de farinha presente no desenho é construída com estrutura tradicional e desempenha um papel fundamental no processo e manuseio da mandioca para elaboração da farinha, um alimento básico presente na mesa das famílias dessa localidade. A casa de farinha é construída e operada de forma artesanal, onde utiliza-se palha de coco babaçu na cobertura e paredes; forno de barro, cocha de madeira e ferramentas, como pá feita de ossos e madeiras. O Sr. Luiz Abreu é o responsável pela casa de farinha e as tomadas de decisões relacionadas à produção, negociação do excedente e recebimento. Esse espaço, no quintal das famílias, representa um espaço de encontro e socialização para a família, amigos e vizinhos que se reúnem para compartilhar saberes, simboliza a preservação cultural e o uso sustentável dos recursos locais.

Outro ponto importante no desenho da Sr.<sup>a</sup> Tereza é a cerca que limita o quintal, que desempenha várias funções e que são expressas por ela durante a criação desse desenho. Primeiramente, ela expõe que essa cerca marca o local onde ela vai plantar as árvores que darão frutos, fazer sua horta, cultivar ervas medicinais e criar seus pequenos animais. Em seguida, ela fala da segurança que a cerca oferece ao impedir a entrada de animais indesejados ou a saída daqueles de criação. No sentido cultural, as cercas podem marcar os limites de cada quintal dentro da propriedade familiar, demonstrando o cuidado e pertencimento com o espaço. Tais cercas são construídas com madeiras locais e algumas realizadas de maneira tradicional. Dessa forma, as cercas não apenas têm uma função prática, mas são elementos culturais e socialmente significativo para as famílias.

A entrada para o quintal, apesar de existir uma porteira, no desenho ela não foi inserida, apenas o desenho da estrada que dá acesso ao quintal e a casa da família. Essa entrada para o quintal, não apenas define os limites físicos do quintal, mas também pode ter um significado simbólico, representando a fronteira entre o espaço doméstico e o ambiente natural ao redor. Outro fator que explica o desenho é a porteira estar sempre aberta esperando visitas de amigos e vizinhos visto que a família possui boas relações de amizade com os vizinhos e sempre tendem a se apoiar em momentos de necessidade, seja em situações como colheitas, construções ou emergências.

Na cozinha da casa da família, possui alguns móveis com formato e modelo antigo, cheios de histórias e boas lembranças que são expressas durante a produção do mapa. Um deles é uma mesinha com suporte para copos que fica localizada no canto do cômodo e é usada para colocar dois filtros de barro e, de acordo com a autora do mapa, os filtros possuem mais de vinte anos e têm um valor inestimável, pois é um lembrança da casa de sua mãe que usava esse mesmo modelo de filtro e que ensinou suas filhas como lavá-los, a quantidade de água correta de se colocar e, principalmente, como é citado por ela “ariar [sic] os copos para deixar limpos e demonstrar que a casa é simples, mas é limpa” (Observação de campo, maio/2023).

Tudo aquilo que expressam sentimentos e emoções para a Sr.<sup>a</sup> Tereza foram revelados no desenho realizado por ela. O galinheiro é um dos itens que compõem o mapa e expressa o formato de manejo que a família possui com a criação de galinhas no quintal, onde a Sr.<sup>a</sup> Tereza relata que elas são criadas sempre soltas, mas que o galinheiro é utilizado quando alguns precisam ser separados ou apartados.

O quintal produtivo da Sr.<sup>a</sup> Tereza está situado em uma área de baixada, onde possui uma menor altitude e recebe as águas, folhas secas, galhos e todos os resíduos de origem vegetal. Com isso, essas regiões de baixadas são ricas em solos férteis e propícias ao cultivo de uma diversidade de plantas e alimentos. Em uma área de aproximadamente 200 m<sup>2</sup>, a reprodução dos saberes da família se desenvolve com a composição de viveiros, casas para os pequenos animais, casa de farinha, casa com fogão a lenha e casa com dormitórios. Esses espaços vão se formando e dando lugar para a reprodução dos meios de vida e culturas tradicionais. Segundo a Sr.<sup>a</sup> Tereza, o chiqueiro onde ficam a criação de porcos do casal foi construído no local mais afastado da casa, pois são animais que causam bastante sujeiras e odores. Além disso, isso também ajuda a minimizar o risco de atrair insetos e outros animais indesejados para perto da residência.

A casa de farinha foi construída de materiais retirados do próprio sítio da família, cercada com talas e palha em algumas laterais e em outras, com tela. A cobertura é composta de palha de

coco babaçu que possui uma durabilidade de aproximadamente dez anos e, quando o telhado começa ter goteiras, os vizinhos realizam uma prática solidária que são as trocas de favores, onde realizam a troca da cobertura, tanto das casas de animais e casa de farinha, como da cozinha do casal que também possui cobertura de palha. Essas trocas podem fortalecer os laços comunitários e criar um senso de apoio mútuo entre os moradores da vizinhança. Isso também acontece durante a produção da farinha de mandioca que é realizado no quintal da família e que recebe a ajuda dos vizinhos no preparo e processo de fabricação.

#### **4.2 – A FAMÍLIA DE LEONARDO E ANTÔNIA**

A família 2, participante nesta pesquisa, é formada por 5 pessoas. Dona Antônia e o Seu Leonardo são os proprietários da chácara e são pais de 3 filhas que já estão casadas e moram com seus respectivos esposos no município de Darcinópolis. Antônia Dias Negreiros, conhecida pelos amigos e vizinhos como dona Antônia, tem 64 anos. Nascida na fazenda Larges, onde foi criada com seus pais na terra que pertencia a seu avô desde a década de 70. Leonardo Aires Negreiros, seu Leonardo, como é conhecido na área, tem 65 anos e nasceu na fazenda Riacho dos Campos, na mesma localidade. Casou-se com a dona Antônia e foi morar na propriedade do seu sogro que cedeu lugar para cultivar e manter sua família. Após o falecimento do seu sogro, os filhos dividiram a terra e venderam para os produtores de soja da localidade. E Leonardo e sua esposa, ficaram com um pedaço que não foi vendido em uma localidade dentro de uma área chamada de Baixão dos Cocos.

Seu Leonardo conta, que a mudança para o Baixão dos Cocos ocorreu com muitas possibilidades e sentimentos de perdas. “Deixei para trás aquele pedaço de chão que era do meu sogro, mas que formei minha família e criei um apego, e hoje to aqui no lugar que é nosso” disse ele. E, deixar para trás um lugar significativo, especialmente aquele onde você constituiu sua família e desenvolveu um forte apego emocional, pode ser uma experiência desafiadora e emotiva. Essa transição, muitas vezes, envolve uma mistura de nostalgia, tristeza e ansiedade em relação ao desconhecido. Apesar das emoções envolvidas, seu Leonardo encarou a mudança como uma oportunidade para novos começos e visualizou o futuro com otimismo.

Num pensei nunca ir pra cidade, pensei agora vou ficar nesse pedacinho de chão até eu morrer, se eu for pra cidade logo eu fico doente de ficar quieto e as doença pega a gente. Aqui eu vivo doente véi, mas assim mermo eu não paro quieto, mexo numa coisa, ne outa e vou cuidando. Nós tem uma casa lá na Ribeira e dia de ir pra igreja a gente fica lá, mas é ruim até pra dormir, tem barulho de carro na rua, tem muriçoca e logo eu quero voltar pra cá (Entrevista, 23/12/2023).

Desde criança, o casal vive na zona rural do município de Darcinópolis e isso tornou possível que eles frequentassem a escola apenas durante as séries iniciais do primário, atual ensino fundamental I, e logo, a lida na terra foi a ocupação principal do seu Leonardo e os afazeres da casa e do quintal, tarefa da dona Antônia, os ensinamentos e vivências com seus pais e seus avós foram imprescindíveis na manutenção dos costumes e tradições da família. A renda da família é composta pela aposentadoria do casal, que vivem em sua propriedade e cultivam nas roças de toco, produzem diversos alimentos em seu quintal e criam galinhas.

As três filhas do casal, concluíram o Ensino Médio na cidade de Darcinópolis e uma delas possui ensino superior. Apesar de morarem em outras regiões, como uma delas que mora na área conhecida como laranjeira, as três estão sempre visitando e participando das atividades na chácara com seus pais. Para Silva (2017), a transmissão de conhecimentos e tradições dos pais para os filhos foram oportunizadas através de histórias, conversas, demonstrações práticas e participação ativa em atividades tradicionais. Essa transferência de conhecimento cultural, valores e práticas desempenha um papel significativo no desenvolvimento da identidade e na preservação da herança cultural (Silva, 2017).

A escolha do espaço onde está inserido o quintal da família ocorreu a partir da localização mais próxima na propriedade com acesso a estrada que liga até cidade de Darcinópolis. O quintal produtivo desta unidade familiar é semelhante aos quintais da localidade, com uma diversidade de plantas, árvores frutíferas e criação de galinha. De acordo com o seu Leonardo, durante a mudança de uma chácara para outra, ele e sua esposa resolveram construir sua casa no local mais alto da sua terra para facilitar o acesso, já que, no Baixão teria que usar maiores recursos financeiros para a abertura de estrada “aqui onde é a casa é um lugar bunito, todo plano e um barro bunito, bom pra plantar as coisa” (Referência da entrevista). A criação de galinhas da família permanece em um cercado construído de tela com a cobertura de palha feito pelo seu Leonardo, pois a cerca de arame divide o quintal da plantação de soja. Ao reviver suas memórias, seu Leonardo diz na sequência:

Quando mudemo pra cá a soja não tava na porta ainda né? os bichos vivia tudo solto e nois era mais sussegado. Adepois foi avançando e hoje essa cerca aqui serve pa separar a nossa terra de toda essa lavoura ai. A casa ficou bom aqui porque o poço deu água foi razo, mas a Antônia diz que tem medo dum dia esse veneno que tão jogando ai chegar no poço né? Até agora a gente vive tranquilo aqui, eu mexo com meu gadinho, com minhas roça, planto mandioca e faço farinha, planto uma coisa aqui outra aculá e só vamu sair daqui mermo se não tiver outro jeito (Entrevista, 23/12/2023).

O manejo do quintal dessa unidade familiar é realizado pela dona Antônia, que tem uma dedicação com cada planta e cada detalhe desse espaço que é um lugar de cultivo, de vivências

e reprodução cultural dos saberes transmitidos pelos seus pais. Dessa forma, algumas árvores frutíferas que foram plantadas por ela já dão frutos e complementam a alimentação da família, como os pés de limões, de laranjas, de abacate, manga entre outros que compõem o quintal. A mandioca plantada pelo seu Leonardo é cultivada fora do quintal em uma área maior, mas o manejo e o preparo da farinha de mandioca são realizados na casa de farinha construída de madeira com cobertura de palha dentro do quintal da família, como o consumo é pouco, por ser apenas o casal e as três filhas a consumirem a farinha, o excedente é vendido na feira da cidade de Darcinópolis aos domingos.

A criação de gado para essa família é semelhante às outras dessa área, criam em pequena quantidade como poupança para qualquer eventualidade financeira, de saúde ou outra que seja necessário a utilização da venda do gado para custear as despesas. Outra fonte de renda presente nesta família é a venda de bananas, que desde quando a terra foi dividida para os filhos, seu Leonardo começou a sua plantação no Baixão onde as terras são férteis e assim, essa produção tem contribuído na alimentação, na troca com os vizinhos e na venda para complementação da renda do casal que também são aposentados.

A narrativa de dona Antônia sobre as atribuições de cada um dos membros da família no labor, demonstra a relação de afetividade com o lugar, mesmo as filhas que, frequentam a chácara apenas nos finais de semana e feriados, possuem um sentimento pelo lugar que foram criadas. As plantas ornamentais que enfeitam a casa são de cuidado das filhas, já a escolha dos locais onde foram plantados as árvores frutíferas e o manejo com as mesmas são atribuições da dona Antônia que diz fazer isso com muito cuidado e dedicação. A dona Antônia revela a preocupação com a saúde de sua família, com os alimentos que são cultivados no quintal e a permanência na localidade após a expansão do agronegócio. Ela conta que, no período de plantio,

O avião passa jogando veneno em tudo e nós aqui do lado, o vento trazendo o cheiro forte e eu fico com medo de doença. O Leonardo deixou umas árvores grande ali na frente pra tentar proteger o resto das plantas, são nativas e já tava ai quando a gente mudou pra cá. Quando a gente colhe arroz, feijão, abobora a gente guarda tudo na casa do forno porque lá é fechado e fica protegido, a farinha também quando o Leonardo faz ele ensaca e guarda lá né? Então a gente não sabe até quando essa soja vai ficar ai, o jeito é ir aprendendo a viver com ela do lado porque nem eu e nem ele sabe viver longe desse lugar (Entrevista, 23/12/2023).

Percebemos que, mesmo com todas as questões relacionadas aos problemas oriundos da expansão do agronegócio na área, dona Antônia e o seu Leonardo, com suas experiências adquiridas durante a vida na ruralidade e expressadas durante as conversas, construíram saberes que são ferramentas essenciais para a permanência e continuação dos modos de vida tradicional.

Isso destaca a resiliência e a capacidade de adaptação das comunidades rurais diante das mudanças e pressões externas. As experiências de vida do Seu Leonardo e de Dona Antônia capacitaram-nos a lidar com os desafios específicos que surgem devido à expansão do agronegócio. Pode-se inferir que esses saberes adquiridos ao longo do tempo são valiosos recursos para enfrentar as transformações na paisagem rural e na dinâmica socioeconômica.

O quintal da Sr.<sup>a</sup> Tereza possui uma maior variedade de cultivo e plantas comparado ao quintal da Dona Antônia. Isso porque a área onde está localizado o quintal é uma área de baixada com solos férteis propícios para as atividades camponesas desenvolvidas nos quintais, enquanto o quintal da Dona Antônia está na área mais elevada com uma topografia regular com a vegetação do cerrado e fácil acesso para os produtores de soja da área. Esse último, possui uma diversidade de árvores frutíferas que a família cultiva, além da plantação de mandioca que o seu Leonardo produz para a fabricação da farinha, que é feito todo o processo de preparo no seu quintal, onde contém uma casa de farinha feita de cobertura de palha de coco babaçu, composta por vários utensílios usados durante a torra da farinha. Um grande problema apontado pelo seu Leonardo e Dona Antônia na escolha do local onde construíram sua casa e seu quintal, tem sido o avanço das plantações de soja, milho, entre outros grãos nas proximidades da sua propriedade, visto que, a cerca que divide seu quintal é a mesma que é utilizada na proteção das plantações contra o gado.

Dessa forma, a família é atingida pelos defensivos agrícolas que são usados durante o cultivo da soja que chega à sua porta. Segundo o casal, alguns produtos utilizados chegam a matar algumas espécies de plantas que são atingidas e que não resistem. Alguns herbicidas, por exemplo, são projetados para matar plantas invasoras nas plantações de soja, mas podem afetar também as plantas desejadas.

Como o quintal está localizado em uma área com menor umidade, uma vez que, se encontra na parte mais alta do Baixão, torna necessária a irrigação das plantas do quintal durante o período de seca. Desse modo, o seu Leonardo utiliza um poço caipira para retirada de água para consumo e para irrigação das plantas e árvores do seu quintal.

Algumas árvores existentes nos quintais são nativas e permanecem embelezando os espaços com suas sombras e frutos, elas também são uma parte importante da identidade e beleza natural do cerrado. De acordo com os relatos das duas famílias, grande parte dessas árvores do cerrado possuem em suas cascas, folhas e raízes funções na medicina tradicional e são utilizadas no preparo das garrafadas, dos melados, chás, xaropes e óleos cicatrizantes que tratam desde resfriados até problemas de pele. Esses são os conhecimentos adquiridos pelos seus antepassados e utilizados até os dias de hoje, complementando, muitas vezes, a medicina

convencional. Na sequência, a figura 4 ilustra o croqui da propriedade familiar da Dona Antônia, destacando o quintal produtivo.

**Figura 4-** Representação de mapa (croqui) de uma propriedade familiar realizado pela Dona Antônia.



Fonte: Elaborado pela Dona Antônia, maio de 2023.

Dentro da delimitação do espaço onde está inserido o quintal da Dona Antônia, foram inseridos casas e cercados para criação de pequenos animais. A casa de farinha fica ao lado da cozinha que é feita com paredes de alvenarias e cobertura de palha. A casa com os dormitórios foi construída recentemente, mas o casal não abandonou seus costumes em usar as construções com materiais retirados da própria terra, como os cercados de tala de coco, as paredes de palha da casa de farinha, o banheiro com apenas um chuveiro no meio do quintal embaixo de uma árvore e cercado com palha, a comida feita no fogão à lenha, o forno construído de barro e todo modo tradicional de viver no campo.

A localização desses quintais é importante para entendermos as dinâmicas de uso das terras pelos grandes produtores de soja da localidade, que buscam áreas com terrenos planos

para o cultivo, pois os custos com a produção e escoamento dos grãos acabam por serem mais viáveis e atrativo, dado ao contexto agrícola e econômico. As áreas dos quintais são baixadas, isso torna mais frequente a permanência das famílias que vivem e cultivam nos quintais produtivos, uma vez que, essas localidades não são de interesse dos produtores de soja. Ainda assim, as famílias que manejam os quintais produtivos sofrem pressão para venderem suas terras para que elas se tornem áreas de proteção e reservas legais (Gomes, 2019).

No quintal da Sr.<sup>a</sup> Tereza e da Dona Antônia possuem pequenas casas reservadas para a criação de galinhas, essas mesmas casas são utilizadas apenas para separar aquelas aves que serão consumidas pelos amigos e parentes que visitam os sítios. Isso é bastante comum em muitas áreas rurais, onde os proprietários de sítios ou fazendas criam aves para consumo próprio ou para compartilhar com amigos e familiares durante visitas. A separação das aves em diferentes casas pode ser uma prática para garantir que as aves estejam prontas para o consumo ou para facilitar o acesso durante o tempo de visita. Para as donas dos quintais, essa também é uma maneira de garantir que haja uma alimentação adequada para as aves e uma proteção contra possíveis sujeiras que as aves, estando soltas, poderiam consumir.

A casa de farinha é um importante espaço de historicidade, pois nela contém peças e artefatos que retratam a cultura tradicional e os saberes dos antepassados da família da Sr.<sup>a</sup> Tereza e do seu esposo, o Sr. Luiz Abreu e, também, do Seu Leonardo. Esses locais não apenas representam uma atividade econômica importante, mas também são repositórios vivos da história e tradições locais. Os artefatos encontrados na casa de farinha, como a prensa, a peneira, o forno de barro, pás e outros utensílios construídos pelos próprios produtores ou recebidos de vizinhos e, até mesmo, alguns de seus pais, não são apenas ferramentas para o processamento da mandioca, mas símbolos da cultura e do conhecimento transmitido de geração em geração. Cada peça tem sua própria história e função específica, e muitas vezes, são acompanhadas por técnicas e práticas transmitidas oralmente ao longo do tempo.

Além disso, a própria atividade de fabricação de farinha de mandioca desempenhou um papel fundamental nas relações estabelecidas entre as famílias locais, moldando sua identidade e estilo de vida. As casas de farinha se tornaram também um local de encontro social, onde as pessoas se reúnem para trabalhar, conversar e celebrar suas tradições compartilhadas. Nesse mesmo espaço, as mulheres que fazem manejo nos quintais se reúnem para quebrar cocos para a fabricação do azeite. Durante esse processo, elas trocam conhecimentos e compartilham experiências. Assim, a casa de farinha não é apenas um espaço físico, mas também um símbolo vivo da história, cultura e sabedoria dos antepassados, que continua a ser valorizado e preservado na área do Baixão dos Cocos.

Enquanto espaço de produção de alimentos, os quintais são ainda arrimos de memórias e afetividade que ativam subjetividades e sentidos de pertencimento socioecológico. As práticas cotidianas que ali acontecem são políticas, porque afirmam a centralidade da reprodução da vida, e porque colocam em xeque a rigidez das fronteiras impostas pelo capitalismo patriarcal entre o produtivo e o reprodutivo, entre natureza e cultura, entre conhecimento e afeto, dentre outras dicotomias (Silva, 2023, p. 14).

Contudo, seja como produção, venda do excedente e complementação da renda familiar ou relações culturais e modos de vida, os quintais produtivos, localizados na área do Baixão dos Cocos no município de Darcinópolis, são uma das formas socioecológicas de utilização da terra. Nesses quintais, são as famílias que fazem, dos pequenos espaços, uma paisagem cheia de memórias. Cada planta e cada fruta colhida, conta uma história sobre as pessoas que ali vivem e as que, de alguma forma, deixaram memórias que perduram ao longo do tempo. Nas entrevistas com as duas mulheres participantes do estudo, evidenciou-se as experiências nas relações estabelecidas com os seus quintais e as formas de manejo. As práticas cotidianas que possibilitaram o conhecimento sobre o tempo de plantio, o tempo de colheita, o adubo orgânico a ser utilizados nas plantas e árvores do quintal assim como a construção de conhecimento sobre as condições ecológicas do solo.

A pesquisa realizada até o momento, consegue demonstrar que apesar da grande força que os grandes produtores exercem na área, as famílias que usam suas terras para produzir seus alimentos mantêm suas atividades e seus modos de vida. Dessa forma, os quintais produtivos são espaços que promovem uma variedade de alimentos, os quais, as famílias conseguem manter suas tradições e modos de vida, mesmo em face da influência dos grandes produtores da localidade, como a monocultura da soja. Os quintais produtivos desempenham um papel crucial nesse sentido, promovendo não apenas uma variedade de alimentos, mas também preservando práticas agrícolas tradicionais e a autonomia alimentar das famílias. Eles representam uma forma de resistência e resiliência frente à homogeneização da agricultura e à concentração de poder nas mãos de poucos (Souza, 2016).

Além disso, eles contribuem para a segurança alimentar das famílias, fornecendo uma fonte confiável de alimentos frescos e saudáveis. Essa coexistência entre os grandes produtores e as famílias agricultoras, evidencia a diversidade e a complexidade do cenário agrícola. Enquanto os grandes produtores, muitas vezes, operam em larga escala, aproveitando economias de escala e tecnologias avançadas, as famílias agricultoras, geralmente, adotam métodos tradicionais e cultivam em menor escala.

Na sequência, abordaremos os quintais produtivos para as famílias do Baixão dos Cocos,

como forma de promoção da autonomia alimentar das famílias, reprodução cultural dos saberes, além de proporcionar um contato mais próximo com a natureza. Nesse sentido, elencamos os elementos que compõem os quintais e a relação de afetividade que esses espaços representam para quem está presente no manejo, carregados de significado e memórias afetivas para muitas pessoas. Eles são compostos por uma variedade de elementos que contribuem para a construção desse ambiente especial.

Para as duas famílias, é no quintal que está a maior parte dos alimentos que são consumidos, tanto por eles, como pelos filhos que ajudam no cultivo e levam alimentos produzidos nos quintais para as suas famílias. É nesse espaço que a presença das mulheres se destaca como protagonistas na participação das atividades que são realizadas no entorno casa. A relação das mulheres das duas famílias em estudo com os quintais produtivos é determinante na luta pela permanência na terra e atuam como construtoras de pontes entre diferentes grupos ou indivíduos em conflito. Para Haesbaert (2009), o território é espaço das relações de poder, de questões sociais, lutas e conflitos por direitos, dos enfrentamentos às violações dos direitos humanos. Dessa forma, as mulheres, por meio de suas experiências e vivências, desempenham um papel fundamental na promoção da paz e da justiça social em suas comunidades e sociedades.

As unidades familiares acompanhadas se constituem de quintais, com uma extensão variada entre 201 e 246 m<sup>2</sup>, situados na zona rural. Esses quintais, estão localizados em propriedades cercadas pelas grandes plantações de soja e outros grãos. O avanço do agronegócio tem provocado o desmatamento nessa área e, a partir da observação da figura 2, é possível notar a falta de arborização em algumas pastagens. Na grande parte da localidade, existe uma área enorme sem vegetação, no qual, o desmatamento das florestas, resultou em diversos problemas ambientais, como perda de biodiversidade e eliminação de espaços da fauna e flora, mudanças climáticas locais, erosão dos solos e perda da qualidade e quantidade da água.

No mapa da figura 5, podemos observar as diferentes áreas de cultivo de soja na localidade, e os quintais em destaque, cercados pela monocultura da soja. A distribuição geográfica mostra que essa área tem se destacado na produção, especialmente pela expansão das grandes plantações de soja, que têm impulsionado o crescimento da agricultura local e alterado a dinâmica do uso da terra.





**Figura 5-** Propriedades onde os quintais estão inseridos



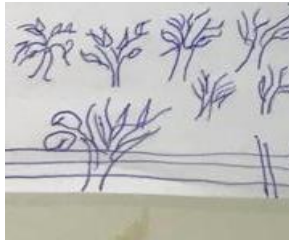



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado por Abreu, 2023.

É possível destacar que as famílias conservam a tradição do cultivo nos quintais produtivos nessas áreas. Dessa forma, como é possível visualizar na Figura 2, estão garantindo a cobertura verde do solo. Infere-se, então, que essas famílias estão conseguindo garantir a conservação do ambiente através do manejo correto dos espaços e o uso da terra com recursos naturais como, os adubos orgânicos, a diversidade no cultivo produzido no quintal e a continuidade das técnicas tradicionais usadas pelas mulheres durante o manejo. De acordo com os relatos das entrevistas, as famílias desenvolvem uma agricultura de subsistência utilizando técnicas tradicionais de cultivo, capazes de estimular a manutenção da biodiversidade e garantem a manutenção da vida e a permanência no lugar que construíram enraizamentos.

**Quadro – 1.** Cultivo e representação das plantas e árvores do quintal produtivo da Sr.<sup>a</sup> Tereza

Árvore/ Planta	Recorte do croqui	Foto	Sua Importância	De onde veio?	Quem deu?	Por que plantou?
Cacaueiro			O cacau é utilizado pela família na produção da pamonha de cacau, um modo de fazer, ensinado pela mãe e uma tia da Sr. <sup>a</sup> Tereza.	As primeiras mudas vieram do “Barro Branco”, sítio da família materna do esposo da Sr. <sup>a</sup> Tereza.	As primeiras mudas de cacau foram recebidas da mãe de criação do Sr. Luiz Abreu.	A família sempre cultivou cacau nas fazendas por onde trabalhavam, e o cultivo no próprio sítio, foi uma oportunidade e uma realização para as mulheres.
Mogno Africano			A árvore compõe o quintal da Sr. <sup>a</sup> Tereza e possui um papel importante na decoração, pois contém exuberantes flores e frutos. Também é utilizada para fazer sombra para outras plantas.	A muda veio da região de Wanderlândia onde, a família que possuía essas árvores, havia colhido as sementes no Sul do Brasil e trazido para plantar, por conter uma aparência muito agradável.	De acordo com a Sr. <sup>a</sup> Tereza, foi o seu irmão Justino que a presenteou com a muda. E que, indicou também o local onde deveria ser plantada no quintal.	A árvore possui um significado sentimental para toda família por ter sido um presente de um ente querido. E ela também faz parte do início da construção e mudança para o sítio.

Flores Ornamentais			<p>As famílias sempre buscam deixar seus quintais organizados e decorados com flores que são cultivadas neles. Essas flores foram plantadas na entrada do quintal para que os visitantes, ao chegarem, entrem com uma vista bonita do espaço.</p>	<p>Foram trazidas da casa da mãe da Sr.<sup>a</sup> Tereza e são cultivadas pelas suas irmãs no quintal da sua casa na cidade e no quintal em seu sítio.</p>	<p>As mudas foram trazidas pela sua irmã mais nova chamada Nilde. Ela cultiva e trouxe as batatas para serem plantas com o objetivo de enfeitarem os quintais. Logo, cresceram e surgiram as folhas e flores.</p>	<p>Como foram recebidas como presente de uma irmã, as mudas foram acrescentadas ao seu quintal e tornaram-no mais belo para aqueles que admiram flores. Foram plantadas para decorar e deixar o espaço ainda mais bonito.</p>
Café			<p>O processo de cultivo e preparo do café é totalmente orgânico e, com isso, a família produz o café para o consumo por não possuir resíduos químicos nos grãos.</p>	<p>As sementes dos pés de café foram colhidas em um sítio da família do Sr.<sup>o</sup> Luiz Abreu. Após os primeiros frutos, a família produziu as próprias mudas que hoje compõem e fornecem para os vizinhos e amigos.</p>	<p>As primeiras sementes de café foram colhidas e preparadas para em um sítio na região do Barro Branco no município de Darcinópolis. Seu José, pai do Sr.<sup>o</sup> Luiz Abreu, foi quem doou as sementes.</p>	<p>O cultivo de café no quintal da família desempenha um papel econômico e cultural, pois a produção é usada no consumo diário e o manejo é realizado com técnicas próprias ensinadas pelos mais velhos.</p>

Verificou-se que os elementos expostos no quadro acima esboçam a noção de proximidade entre os saberes culturais desempenhados nos quintais produtivos e a relação com cada item que compõem o espaço. O quadro evidencia a valorização da participação da família, dos amigos e vizinhos na construção desse espaço produtivo, com doações de mudas, trocas de saberes e afetividade.

Para Santos (2023), os quintais produtivos, em sua maioria, são manejados pelas mulheres e a escolha dos locais onde cada item são inseridos no quintal parte da relação de importância e afetividade que possui com quem ofertou, isso contribui, de forma significativa, para a construção do quintal e a vida da família como um todo. Assim, através da valorização e sentimento pertencente aos envolvidos no processo de doação, de onde veio, quem doou, onde plantou, passa a ter um significado que demonstra a amplitude de possibilidades que o quintal proporciona às pessoas envolvidas.

Há uma diversidade de alimentos e plantas cultivadas no quintal. Apresentado no quadro acima, a mangueira plantada na frente da casa, também é uma das árvores que ela desenha e relata que foi uma das primeiras árvores a ser plantada no quintal, com a finalidade de fazer sombra “aqui é onde todo mundo senta nas cadeiras de macarrão quando tá muito quente”. Além da mangueira, outras árvores e plantas estão localizadas na frente da casa e possui significado afetivo, como as lembranças das histórias contadas pelo seu irmão quando chegava com uma muda de alguma planta para ser inserida no quintal ou até mesmo quando os vizinhos presenteavam com as plantas medicinais.

Cultivar e cuidar das plantas, em comunidades agrícolas tradicionais, é algo que se aprende muito cedo na vida, à medida que as crianças acompanham os adultos às roças e tomam parte nas tarefas cotidianas. E quem se acostuma a plantar, dificilmente deixa de exercer tal atividade, mesmo quando migra para áreas mais urbanizadas (Amorozo, 2002, p. 2).

As plantas nativas do cerrado são espécies que também fazem parte desse espaço de cultivo e estão dentro dos quintais com finalidade de prover alimentos e habitat para a fauna circundante. A função de produzir sombra proporcionada pela copa da árvore é uma função ecológica bastante importante e valorizada pelos moradores devido ao intenso calor que faz na área.

Segundo Amorozo (2002), as variedades de plantas e cultivos mantidos nos quintais possuem motivações que são reflexos de concepções de mundo e necessidades do grupo familiar, relacionado à forma que serão utilizadas, produtividade, sabor, forma de manutenção. A alimentação da família é uma das mais importantes motivações dos cultivos e criações nos quintais, oferecendo uma maneira econômica e saudável de suprir suas necessidades

alimentares básicas.

Animais silvestres como passarinhos, insetos e alguns mamíferos se alimentam das frutas que nascem no quintal e faz uso desses espaços como local de abrigo, o que reforça a importância ecológica que esses ambientes proporcionam para a distribuição e sobrevivência da fauna natural (Silva e Silva, 2022).

As funções que cada planta exerce nos quintais estão intimamente ligadas à relação que a unidade familiar possui com o ambiente e o espaço no quais estão inseridos. Com a diversidade de cultivo, essas plantas complementam a dieta da família melhorando a alimentação quando não possuem recursos suficientes para comprar as frutas e hortaliças necessárias. Elas fornecem, além dos frutos, sombra, abrigo e proteção contra os ventos fortes; proporcionam melhores condições e conforto, ornamentação e recreação para a família.

Os quintais assim mantidos por populações no interior fazem parte de um modo de vida onde as relações de vizinhança e parentesco são intensas. Eles contribuem para o estreitamento destes laços, na medida em que fornecem elementos (plantas medicinais, frutas, hortaliças, mudas de plantas, etc) que circulam pela rede social, juntamente com informações sobre seus empregos e significados (Amorozo, 2002, p. 3)

Para as famílias dessa localidade, os quintais produtivos são espaços onde ocorrem transformações de acordo com os modos de vida e as vivências de cada um que os utilizam. Esses quintais são mais do que simples áreas de terra; são locais onde as pessoas aplicam seus conhecimentos, habilidades e práticas culturais para cultivar ou até mesmo para reunir a família. Eles refletem as tradições locais, os hábitos alimentares, as necessidades e os valores das comunidades que os mantêm e, muitas vezes, desempenham um papel importante na continuidade dos saberes e técnicas tradicionais. Além disso, os quintais produtivos também podem ser espaços de aprendizado e troca de conhecimentos, onde as gerações mais velhas repassam suas práticas e saberes para as mais jovens, contribuindo assim para a preservação da cultura e da biodiversidade local (Observação de campo, maio/2023).

Os quintais produtivos de Dona Antônia e Sr.<sup>a</sup> Tereza contém uma variedade de plantas que são utilizadas em seus quintais para ornamentação, algumas espécies são presentes das filhas e amigas que as visitam. Enquanto outras, foram compartilhadas pelas duas como mudas para serem plantadas. As árvores frutíferas que compõem os dois quintais foram plantadas quando as famílias escolheram o espaço na terra onde seria construído as casas e todo o quintal. A maioria delas foram mudas que os familiares e vizinhos levavam, como as diversas espécies de manga, os cacauzeiros, entre outros que existem em ambos os quintais.

Em entrevista com a Sr.<sup>a</sup> Tereza (dezembro/2023), percebemos que o apego pelo seu

quintal é demonstrado nas suas falas quando ela relembra de todas as plantas e árvores do seu quintal “[...] não deixo cortar elas porque eu lembro do meu irmão; aquela outra eu plantei porque minha mão dizia que curava diabete [...]” e ela vai citando cada uma delas, desde como foram escolhidos os lugares onde foram plantadas a até como recebeu cada uma delas.

#### **4.1 DESCREVENDO OS QUINTAIS E QUEM FAZ O QUÊ**

Os quintais produtivos apresentam inúmeras espécies cultivadas e, cada item inserido nesse espaço, é cuidado pelos membros da família, onde as tarefas desenvolvidas no quintal tem um papel essencial na manutenção desses espaços. Essas tarefas são geralmente distribuídas, de acordo com as habilidades e interesses de cada um. As mulheres cuidam da casa, mas também desenvolvem a maior parte das atividades. O cuidado e a gestão dessas áreas envolvem uma série de atividades, desde o plantio e a irrigação, até a colheita e o controle de pragas. Cada tarefa tem sua importância para garantir a produtividade e a saúde do quintal.

Segundo Arcanjo (2020), os quintais produtivos são espaços multifuncionais inseridos no contexto das famílias produtoras. Em suas produções, as famílias apresentam e expressam suas características culturais, através de manejos específicos de plantas, ervas, árvores, entre outros cultivos regionais contribuintes para caracterização de um quintal produtivo. Dentro dos quintais são cultivados uma variedade de espécies com diferentes tempos de colheita, isso justifica-se pela necessidade que a família possui em ter alimentos disponíveis durante todo o ano.

Os quintais produtivos localizados na área conhecida como Baixão dos Cocos compõem uma área de baixada, fator determinante durante a escolha dos locais onde as famílias que residem nessa área ocupariam seus espaços para viver e construir seus quintais. As áreas de baixadas, segundo os relatos das famílias, são compostas por solos férteis, vegetação propícia para a manutenção dos recursos naturais, como os córregos da localidade e para o cultivo de alimentos.

Os quintais produtivos fazem parte da composição da paisagem vivida pelas famílias do Baixão dos Cocos, onde encontramos, em diversos quintais, as mesmas plantas, árvores frutíferas, plantas medicinais e ornamentais, cultivo de mandioca, criação de pequenos animais. Isso justifica-se pela proximidade e amizade que as famílias possuem uma com as outras. Dessa forma, as produções dos quintais acabam por tornar-se presentes e trocas entre eles. E, durante o cultivo e manejo de alguns produtos e alimentos como a preparação da farinha de mandioca,

o cultivo e colheita do arroz, os vizinhos participam com a troca da mão de obra. Assim, quando a colheita de um termina, seu serviço é ofertado ao seu vizinho como retribuição e companheirismo.

Para Pedrosa (2016), é no quintal que está a maioria dos alimentos que as famílias produtoras usam em seu consumo do dia a dia. É também nesse espaço que a toda a família desempenha as atividades de produção e cultivo com funções e papéis para cada membro da casa. A autora destaca a importância da participação da mulher como protagonista e principal colaboradora na composição de tudo que planta e produz no quintal e na criação dos pequenos animais.

O quintal da família da Dona Antônia e Seu Leonardo é cercado com estacas de madeira e fios de arame para proteger as plantações, a casa e os elementos que estão inseridos no quintal, dos invasores como o gado, animais indesejados e, além do mais, serve também como delimitação do espaço onde é, sobretudo, de trabalho das mulheres. O curral de madeira para manejo do gado, fica localizado ao lado do quintal e isso, porque facilita o trabalho de prender os bezerros no final da tarde para, na manhã seguinte, tirar o leite das vacas. O formato de algumas cercas ainda segue um formato de construção ancestral, com madeiras retiradas na própria propriedade.

As árvores nativas que se encontram no quintal permanecem ali desde o período em que o casal se instalou naquele espaço. Servem como sombra para amenizar as altas temperaturas decorrentes do desmatamento que ocorreu na localidade para dar lugar ao agronegócio e algumas, como sombra para os viveiros que são construídos embaixo delas. Além disso, outras árvores estão presentes no quintal, como as mangueiras, os cajueiros, os pés de laranja, limão, banana, coqueiros entre outras. A horta, construída pelo casal no quintal, é suspensa e feita de madeira, cercada com talas e tela para proteger o coentro, a cebolinha, a alface, o pepino e outros alimentos, das galinhas e passarinhos que compartilham desse espaço.

Outro elemento importante presente, tanto no quintal da Dona Antônia e Seu Leonardo como no quintal da Sr.<sup>a</sup> Tereza e seu esposo o Sr. Luiz Abreu, é a casa de farinha, um local cheio de memórias, vivências e práticas culturais. A casa de farinha é construída com palha de coco babaçu na cobertura e paredes e possui um forno feito de barro usado para torrar a farinha. Tem também uma cocha de madeira, utilizada para lavar a massa de mandioca para retirar a tapioca e usar a massa no preparo da farinha. As pás que são usadas durante o torrar da farinha, são de ossos retirados de algum gado que os proprietários abateram, ossos esses, que têm formato de uma pá e servem para mexer a farinha e não deixar queimar, normalmente, retirado

na parte óssea da escápula ou como é conhecida, “ombro” da vaca.

Diversos utensílios são usados no processo de torra da farinha, como uma pequena cocha de madeira que é usada para colocar a farinha no momento que sai do forno. De acordo com o Sr Luiz Abreu, a utilização de cocha de madeira permite que a farinha mantenha o sabor e a crocância necessária e também não deixa a farinha passar do ponto. Para Ramos Júnior e Silva (2022), alguns utensílios presentes nestes espaços têm sido usados por décadas.

Aos olhos de uma pessoa não familiarizada com a atividade, o espaço da casa de farinha e o seu entorno parecem preenchidos com objetos aleatórios e desorganizados. Estão ali pedaços de ossos, peças de madeira em formatos imprecisos, pedaços de troncos de árvore escavados, tábuas de madeiras muito grossas, varas finas cortadas em tamanhos mais ou menos regulares, pedaços de malhas de fibra vegetal trançadas, embalagens vazias de lata ou plástico, entre outros materiais. Nada disso é, entretanto, aleatório, desorganizado e menos ainda inútil, já que todos ganham sentido e utilidade na prática da produção da farinha (Ramos Júnior e Silva, 2022 p. 11).

Todos os utensílios e itens citados, fazem parte da composição da paisagem dos quintais produtivos participantes deste estudo. O quintal comporta uma diversidade de cultivos e criação de pequenos animais que, faz-se necessário, a divisão do trabalho e do cuidado com esse espaço. Essa cultura do cultivo em quintais foi passada de geração em geração e, junto a isto, os papéis desempenhados por cada membro da família. Para Santos (2023), as mulheres da zona rural desempenham funções que vão além de cuidar da casa e dos filhos, elas participam do trabalho e preparo da farinha, do trabalho no campo e, principalmente, nos quintais produtivos, como podemos observar na figura a seguir.

**Figura 6-** Família no preparo da farinha de mandioca



Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado por Abreu (2023).

Dona Antônia e a Sr.<sup>a</sup> Tereza, realizam atividades em seus quintais como o cuidado com as plantas ornamentais, o cultivo da horta, o cuidado com as galinhas e a alimentação dos porcos, assim como, no manejo das árvores frutíferas e as ervas medicinais cultivadas e que contribuem de forma significativa para o bem-estar da família. No entanto, esse trabalho executado por elas, ainda é pouco visibilizado como um trabalho de suma importância para a manutenção desse espaço.

A jornada das mulheres camponesas em cuidar da casa e do quintal tornou-se tão habitual que uma parcela acredita que a função exercida seja apenas uma ajuda ao marido, pai ou irmão, e não se reconhecem como realmente são, agricultoras e trabalhadoras rurais, protagonistas de sua história. (Santos, 2023. p. 2).

A participação das mulheres nos quintais, vão desde o momento da escolha dos locais onde serão delimitados como quintal. Na maioria das vezes, são elas que escolhem onde serão plantadas as árvores e toda a diversidade de cultivo e até a escolha do espaço onde está inserida a casa da família, a casa de farinha e o chiqueiro dos porcos, assim como os viveiros construídos para as galinhas. Ao reconhecer o trabalho das mulheres nas atividades de produção e cultivo dentro dos quintais, reconhece-se que não se trata apenas de uma ajuda ao marido e aos filhos, ou seja, são atividades que mantêm a alimentação, a geração de renda e a permanência e continuidade da cultura e dos saberes ali reproduzidos (Santos, 2023).

Essas mulheres são quem mantêm o sítio funcionando em ordem. Quando os maridos saem, à procura de auxílio por exemplo, ou quando vão à rua resolver demandas de casa e da família, são elas que ficam e zelam desde a retirada do leite até a alimentação dos porcos. O zelo com a horta, para mantê-la limpa; a adubação de plantas e a colheita de frutas, que posteriormente, retiram as popas; o cuidar das galinhas como alimentar, coletar ovos, deitar as galinhas chocas e organizar os pintinhos, são delas a responsabilidade. Não deixamos de fora a representação masculina no campo, mas nos quintais produtivos, são as mulheres que têm se destacado na produção.

Dessa forma, o trabalho desempenhado dentro desses espaços é dividido pelos membros e cada um executa sua tarefa, trabalhando em conjunto e compartilhando experiências. As mulheres fazem o manejo e o cuidado com as plantas ornamentais, cuidam da alimentação dos pequenos animais, como as galinhas, plantam as hortas e ervas medicinais, cultivam as árvores frutíferas, cuidados com a casa e preparam a refeição da família e, ainda por cima, compartilham com os homens o serviço e preparo da farinha de mandioca além do serviço de limpeza e manutenção do quintal.

Já os homens, são responsáveis pelo cuidado com o gado, alimentação dos porcos, construção de viveiros, poda das árvores, roçado do quintal, juntamente com o trabalho das mulheres, e tarefas que requerem maior esforço físico. A divisão das tarefas no quintal pode se transformar, à medida em que as relações de gênero evoluem e as atividades no espaço ganham novos significados.

De acordo com Paulilo (1987), os trabalhos desempenhados pelas mulheres podem até serem vistos como trabalho “leve”, porém, não significa que possuem pouca importância ou que seja desnecessário ou até mesmo pouco exigente em termos de tempo ou de esforço. Pode ser cansativo, demorado, ou mesmo causador de problemas de saúde, mas é “leve”. Essa situação ocorre a partir da valorização social do homem enquanto “chefe de família”, responsável pela reprodução de seus “dependentes” (Paulilo, 1987).

O trabalho exercido pelas mulheres colaboradoras deste estudo nos quintais produtivos, promove a preservação e conservação do meio natural, visto que, utilizam técnicas de adubação em seus quintais totalmente orgânicas, não fazem uso de defensivos químicos, preservam árvores nativas, atraem pássaros com os frutos e alimentos presentes nos quintais e contribuem para o equilíbrio do sistema agroecológico. As mulheres colaboradoras desta pesquisa são constituídas de suas histórias e resistência nos espaços rurais que já construíram vivências e saberes produzindo em pequenos espaços ao redor da casa. Nos quintais produtivos desta localidade, são os homens que administram a produção nas roças de toco, no manejo do gado, no cultivo da mandioca e em grande parte do processo de preparação da farinha de mandioca, no cuidado com os porcos e na construção de casas e viveiros.

Segundo Santos (2023), as mulheres camponesas enfrentam alguns desafios impostos pela sociedade machista e patriarcal que coloca o trabalho da mulher nos quintais como uma ajuda ao marido e não reconhecem e não valorizam seu trabalho, trabalho este, que enfrenta a dependência econômica, aumenta a renda familiar e realizam práticas sustentáveis que permitem a permanência dos recursos naturais e de seus saberes culturais reproduzidos e transmitidos para as futuras gerações.

No trabalho de Paulilo (1987), ele expõe que os homens estão incumbidos do trabalho “pesado”, o homem deixa de se ocupar de outras atividades, “mas a mulher que faz trabalho “leve”, continua a cuidar da casa e dos filhos”. Mesmo que uma mulher tenha atividades que seja considerada “leve”, em termos de esforço físico, muitas vezes, ela continua assumindo a maior parte das responsabilidades domésticas, como cuidar da casa, dos filhos e, em alguns casos, até de outros familiares. As mulheres participam de quase todas as atividades desenvolvidas nesses espaços (Paulilo, 1987).

Durante a pesquisa evidenciou-se a união e a relação de companheirismo existente entre as famílias e entre os dois casais, Dona Antônia e Seu Leonardo e a Sr<sup>a</sup> Tereza e seu esposo o Sr. Luiz Abreu, que fazem manejo nos quintais e compartilham das vivências no cultivo e no cuidado com a variedade de espécies. O trabalho realizado pelos dois homens colaboradores da pesquisa, vai desde o cuidado com o gado, o leite que é tirado todos os dias pela manhã e utilizado para a produção de queijo e requeijão. Essas produções têm a participação tanto dos homens como das mulheres e filhos.

Outro produto derivado do leite produzido nas duas propriedades é o doce de leite que também tem a participação do casal durante a produção, principalmente, das mulheres que realizam a maior parte do trabalho no preparo do doce. O processo de fabricação do doce de leite é demorado, com isso, a participação do casal nesse processo torna mais fácil a produção. O doce produzido é para o consumo da família, dos amigos e vizinhos e, não menos importante, para a venda do excedente.

Para tanto, algumas atividades são realizadas dentro dos quintais produtivos e dentro dos espaços onde são cultivadas as roças de toco das famílias, com a participação tanto dos homens como das mulheres. Como é o caso da produção da farinha de mandioca, onde as mulheres têm um papel ativo na preparação, desde a retirada da casca da mandioca até a lavagem da massa e, por fim, na torra da farinha. Outros feitos como colheita do feijão, da fava e outros alimentos produzidos nas propriedades, também são executados com a participação efetiva das mulheres.

As tarefas exercidas no espaço do quintal variam quanto à divisão entre homens e mulheres, dependendo de fatores individuais, como serviços mais pesados e serviços mais leves, fisicamente falando. Tradicionalmente, algumas atividades realizadas no quintal são associadas a papéis de gênero específicos, mas essa divisão nem sempre é rígida. A escolha dos locais onde são plantadas as árvores frutíferas é uma tarefa que a mulher compartilha com o homem e, a colheita dos frutos também é algo realizado pelos dois.

Dessa forma, as mulheres além dos serviços realizados na casa e no cuidado com a família, ela compartilha diversos serviços e atividades com os homens. Isso é muito comum no espaço rural quando compartilham tarefas agrícolas, como plantar, colher, cuidar dos animais e preparar alimentos, além das atividades domésticas. Embora o compartilhamento de atividades com os homens seja um avanço, muitas vezes, ele ainda é visto apenas como uma ajuda, isto é, uma mão de obra barata e com menos custo monetário sem que haja um reconhecimento por parte da sociedade.

## **5.0- QUINTAL COMO RESISTÊNCIA CAMPONESA: VENDER PARA NÃO VENDER**

A relação que o camponês estabelece com a sociedade é de maneira particular, assim a combinação de vários elementos torna possível a compreensão da condição social que nos permite observá-los e identificá-los em seus modos de vida. O dia a dia do camponês é marcado pela flexibilidade e adaptação com o propósito da reprodução cultural e dos saberes. A forma de vivência do camponês não é tipicamente capitalista, uma vez que, não tem seus objetivos pautados na acumulação, mas na reprodução de estratégias de manutenção dos seus modos de vida, elementos que marcam a cultura camponesa (Wanderley, 2004). Por meio da produção para subsistência, a venda do excedente e a reprodução material e cultural os camponeses expressam suas características nos espaços rurais.

Os camponeses formam a maioria da população do Brasil, ao longo da história essa classe foi “esmagada” pelo peso cruel do latifúndio. Por muito tempo, intelectuais tentaram refletir sobre o surgimento do campesinato brasileiro, comparando-o ao campesinato europeu, interpretação errônea, que dificultou os estudos acerca da classe camponesa brasileira. No Brasil o campesinato se formou através de uma relação com a terra bastante distinta do campesinato Europeu, uma vez que desde o início da colonização brasileira se depara com a concentração fundiária e com um modelo de propriedade para poucos, que tornou precário o acesso à terra (Oliveira e Sollazi, 2019. p. 57).

Para Oliveira e Sollazi (2019) o modo de vida do camponês brasileiro é transmitido por gerações, onde os vínculos criados com a própria terra permitem que os saberes e culturas sejam transmitidos para as gerações futuras. Na história do Brasil, o campesinato participou ativamente de sua construção, contudo, a sociedade capitalista provocou mudanças que atingiram as famílias, restringindo o direito e acesso à terra e deixando a classe camponesa desfavorecida dentro da reforma agrária.

Com as dificuldades que os camponeses encontram em conseguir uma renda suficiente para o sustento da família, devido à falta de políticas públicas e incentivos, muitas famílias que nasceram e criaram seus filhos na área do Baixão dos Cocos, venderam suas propriedades para tentar a vida em outros locais com mais recursos e com possibilidade de uma renda melhor. Alguns dos moradores participantes deste estudo relataram que tiveram que vender uma pequena parte de suas terras para garantir a permanência e continuidade no lugar que escolheram para viver.

Com base nos diálogos e nas relações desenvolvidas durante a pesquisas, podemos constatar que poucas famílias conseguiram permanecer na localidade e na sua propriedade sem que precisasse vender parte de suas terras para investir no restante e assim garantir que a família

continuasse com seus modos de vidas e com a continuidade da cultura dentro do manejo dos quintais produtivos. Essa venda, muitas vezes, se torna uma necessidade para investir em outras áreas, como plantação de pastos, compra de equipamentos de trabalho e investimento na propriedade, garantindo a continuidade dos modos de vida e a preservação da cultura associada ao manejo dos quintais. Esse cenário ressalta os desafios enfrentados pelas famílias para equilibrar a tradição e a sobrevivência econômica em um contexto cada vez mais complexo nos espaços rurais.

Vender uma porção da terra para não vender a terra inteira e assim realizar investimentos no restante e na aquisição de materiais, passou a ser uma alternativa para os camponeses que vivem na área conhecida como Baixão dos Cocos. As famílias que permanecem nessa área, vivem do cultivo da terra para o sustento onde alguns componentes são idosos aposentados. Com isso, a falta de recursos para investimento na propriedade e as ofertas de compra pelos grandes proprietários que cercam as pequenas chácaras e sítios das famílias que fazem manejo dos quintais produtivos, passam a ser uma possibilidade de permanência no lugar que escolheram para viver.

Eu sempre pensei em ter minha própria terra, fui trabalhando nas fazendas e pensando que uma hora eu ia comprar a minha. Quando consegui juntar um gadinho e as economias comprei essa terra de um amigo que era como irmão, ele fez um preço bom pelo tamanho da terra. Eu não tinha planos de vender nem um pedaço, mas a gente sabe que tem coisa que acontece e não tem como mudar. Ai eu vendi pra dar conta de cuidar do resto e melhor (Entrevista, 27/07/2024).

As narrativas do Sr. Luiz Abreu sobre a venda de uma pequena parte de sua terra, revelam o desejo de permanecer com os saberes que são reproduzidos através da cultura desenvolvida na localidade. Para ele, o lugar onde vive é constituído de histórias, tradições e práticas que sustentam a identidade de sua família e das futuras gerações. Ao considerar a venda de uma parte da terra, há uma preocupação em preservar esses conhecimentos e a forma de vida que eles representam. Sua narrativa destaca a importância de encontrar meios de melhorar a produção, a necessidade de desenvolvimento econômico e a preservação da herança cultural, evidenciando como as relações sociais e afetivas são fundamentais para a manutenção dos saberes coletivos.

Assim, a venda, embora represente uma transição, uma perda, é também uma oportunidade para refletir sobre como esses saberes podem ser transmitidos e revitalizados, garantindo que as tradições continuem a florescer. Essa tensão entre mudança, permanência e continuidade é central nas narrativas do Sr. Luiz, que busca, acima de tudo, melhorar as

condições de vida da sua família e garantir a manutenção dos serviços e a melhoria do que é produzido e cultivado em sua terra.

Minha terra era maior, mas eu não dava conta de plantar em tudo e não tinha como fazer pasto nela toda porque eu não tinha tanto recurso. Meu gado é pouco e eu queria aumentar porque é o que a gente usa quando chega a necessidade, aí quando foi chegando as fazendas de soja e os preços das terras foram melhorando eu vi ali que eu podia vender um pouco e fazer mais pastos com o dinheiro, comprar arame para cercar e comprar mais um pouco de gado (Entrevista, 27/07/2024).

De acordo com o Sr. Luiz, a venda de uma porção da terra oportunizou a compra de um trator para uso nos trabalhos no próprio sítio e, também nos serviços realizados nas chácaras dos produtores rurais da área. O trator adquirido, não apenas facilitou as atividades no sítio, mas também possibilitou a prestação de serviços para os vizinhos, gerando uma nova fonte de renda. Essa mudança trouxe um alívio temporário para a família, mas também levantou questões sobre a perda de autonomia e a conexão com a terra. Além disso, durante as conversas familiares, ficou claro que havia um forte apego emocional à terra. O Sr. Luiz expressava a relação de afeto com os vizinhos e amigos. Esse dilema entre a necessidade econômica e o desejo de preservar o legado familiar criou um ambiente de reflexão sobre o futuro da propriedade e das relações familiares. A narrativa da família se transforma, destacando tanto os desafios quanto as possibilidades que surgem a partir de uma decisão difícil.

O sítio do Seu Leonardo, também localizado em uma área de baixada, é uma herança de família. Para ele, o sítio representa não apenas uma fonte de sustento, mas também a preservação da história familiar e das tradições que moldaram sua vida. Seu Leonardo sente um profundo orgulho de cultivar a terra que seus antepassados cuidaram, mantendo viva a conexão com suas raízes. Apesar das dificuldades econômicas e das tentações de vender partes da propriedade, ele sempre encontrou formas de se adaptar e inovar. O sítio é um espaço de aprendizado para seus filhos e netos, onde eles aprendem sobre agricultura, cuidado com a natureza e a importância de cuidar do ambiente.

A determinação das famílias que vivem nessa localidade em manter os sítios intactos é um reflexo do cuidado e amor pela família e pela terra e, a cada colheita, com práticas sustentáveis, diversificando os cultivos e implementando métodos que respeitem o meio ambiente, elas reafirmam o compromisso com o legado que pretendem deixar para as futuras gerações. A venda da terra, muitas vezes, é uma medida extrema, motivada por diversos fatores, como a falta de recursos para manter a produção ou para investir em outras áreas. Essa decisão pode trazer consequências profundas, não apenas no aspecto financeiro, mas também na vida familiar e na continuidade dos saberes culturais.

Embora a venda possa oferecer uma solução temporária para as famílias, muitas vezes, ela não resolve os problemas subjacentes e pode levar a um sentimento de perda, afetando a saúde emocional e social dos indivíduos e suas famílias e isso, ficou evidente na fala das mulheres durante a pesquisa. Todas elas demonstraram o apego com o lugar que vivem e a dificuldade em se desfazerem de parte de suas terras. As informações fornecidas pelas famílias no momento da pesquisa revelaram que outras famílias dessa área já venderam suas propriedades por completo e migraram para as cidades vizinhas. Dona Antônia conta como um dos vizinhos precisou vender sua propriedade e deixar a localidade onde sempre morou.

Seu José, antigo morador da região precisou vender seu sítio porque já estava ficando velho e não dava conta de cuidar sozinho, os filhos todos já moravam na cidade e ele acabou ficando sozinho e não podia mais trabalhar na roça, não tinha mais idade para plantar o arroz na roça de toco que ele sempre fazia e também não podia mais cuidar do gado. Ele não queria vender, mas foi necessário. Hoje a terra tá lá largada porque quem comprou não plantou nada, eu sei que ele não queria mudar pra cidade, mas não tinha outro jeito. Nós aqui já falamos, vamos viver aqui até quando de, não sabemos morar longe daqui e não gostamos da cidade pra morar (Entrevista, 08/07/2024).

Alguns moradores dessa localidade deixaram suas terras por falta de recurso para investir, ou por outros fatores, como é o caso de outras três famílias que já não residem mais nos sítios e chácaras. A saída dessas famílias pode ser atribuída a vários fatores, como a dificuldade de acesso a recursos financeiros para manter as propriedades, a falta de infraestrutura e serviços básicos, a questões relacionadas a idade ou até mesmo questões sociais e econômicas mais amplas. Essas mudanças não apenas impactam a dinâmica familiar, mas também afetam as questões ambientais, visto que as famílias possuem práticas de cultivo que promovem a conservação do ambiente.

Para Dona Antônia, o que levou uma das famílias a migrar para zona urbana deixando seu sítio, foram as dificuldades em continuar cultivando e produzindo na terra.

A Maria morou por muito tempo ali na terra dela, criou os filhos, tinha um quintal cheio frutas, mas quando a gente vai ficando velho não dá pra trabalhar mais do mesmo jeito. Os filhos foram crescendo e mudaram para a cidade para estudar e por lá foram ficando, logo seu esposo ficou adoentado com aquela doença feia e deixou ela sozinha. Ela não quis vender a terra por que é o lugar que ainda se reúne com os filhos de vez em quando, hoje não tem mais gado lá, os pé de fruta não tem mais quase nada por que não tem o cuidado do dia a dia dela, a Maria já tem uns oitenta e poucos anos e a gente sempre acompanhou o cuidado dela com aquele lugar, por isso eu sei que ela nunca vendeu, por tem sentimento ali e também por que tem os filhos que gostam de lembrar que foi ali que foram criados (Entrevista, 08/07/2024).

Dentre as famílias que permanecem em suas terras, muitas delas enfrentam desafios, como a falta de acesso a recursos para manutenção e investimento, mudanças no ambiente como

a seca nos córregos e o desmatamento nas áreas vizinhas pelos grandes produtores de soja que provocam tanto a escassez de água como as altas temperaturas. No entanto, o enfrentamento à essas dificuldades são perceptíveis na fala das famílias participantes deste estudo, quando relatam que não deixarão de cultivar e buscar meios para continuarem produzindo e mantendo as práticas culturais e sociais dentro de suas chácaras e sítios no Baixão dos Cocos.

A resiliência das famílias no Baixão dos Cocos é evidente em seus relatos, mostrando como elas se empenham em superar os desafios. O cultivo e a manutenção das práticas culturais e sociais são fundamentais para sua identidade e para continuação dos modos de vida e saberes. Essas ações refletem não apenas a busca pela sobrevivência, mas também um forte desejo de preservar suas tradições e fortalecer os laços entre a família, amigos e vizinhos. Isso é explícito na fala do Seu Leonardo.

Apesar da gente ficar aqui do lado da soja e correr o risco de ficar doente por causa dos venenos que joga ai direto, nós não queremos sair e ter que começar tudo de novo em outro lugar da terra, é aqui que já temos nossa casa, nossas frutas, nosso quintal com tudo que plantamos, as plantas da mulher e fica perto da cidade também. Quando a gente planta a mandioca para fazer a farinha não é só pela venda da farinha não, a gente pensa nos filhos que estão aprendendo pra quando nós não tiver mais aqui, pensa no vizinho que me emprestou um pouco da farinha dele, pensa na hora de torrar que junta todo mundo pra ajudar e vira uma festa (Entrevista, 08/07/2024).

A dedicação em continuar produzindo, mesmo diante dos desafios, é um testemunho da força e do desejo em permanecer e criar raízes. Sem o recurso da produção de subsistência e a concentração fundiária, algumas famílias tiveram que vender partes de suas terras, mas esse fator, não os impediu de continuar com suas práticas culturais e sua grande capacidade produtiva. Colocando-se na perspectiva dos sujeitos analisados, eles têm uma experiência acumulada de estratégias e de práticas sociais no campo produtivo e nas relações estabelecidas entre as famílias, que revelam sua capacidade de sobreviver, enfrentando situações de grandes desafios.

De acordo com Almeida (2022), as práticas realizadas no cuidado dos quintais com todas as produções e formas de uso desse espaço resultantes do trabalho familiar e saberes, principalmente, expressados pelas mulheres, são formas de resistências cotidianas. As formas de resistência cotidiana se constituem em luta entre camponeses e aqueles que querem utilizar o trabalho, extrair a liberdade e impostos de grupos menores. As maneiras de lutar e resistir, possuem semelhanças na forma de que requerem pouca ou nenhuma coordenação e planejamento, evitam qualquer tipo de confronto e desenvolvem de forma individual, de autoajuda.

O quintal é fruto do trabalho das famílias rurais. É um local de agrobiodiversidade e de invenção. Assim, consiste em espaços políticos e de resistência e, apesar destes serem essenciais

para a reprodução da cultura local, saberes e tradições, são, historicamente, invisibilizados, tanto pelos grandes empreendimentos, como pelo meio acadêmico. O quintal é um lugar de saberes. Saber onde plantar e a época de plantar; o que plantar e se a lua está boa para o plantio; os usos para a cura e os procedimentos de cultivo, colheita e armazenamento. As práticas de troca, são fundamentais para assegurar o patrimônio genético, garantindo autonomia alimentar e produtiva da família e dos vizinhos e amigos que compartilham desses bens. Essas práticas cotidianas e contínuas nos quintais, apesar de silenciosas, informam a respeito de resistências, de regimes, outros de saber, de pensar e se relacionar com a terra (Almeida, 2022).

Para compreender o quintal como espaço de resistência é preciso observar os processos de mudanças ocorridas no território e a historicidade das transições advindas do período de expansão do agronegócio na área em estudo, pois os quintais são lugares que não podem ser observados de forma isolada, mas em conexão com o lugar e as práticas desenvolvidas no ambiente. A partir dos saberes e experiências desenvolvidos nos quintais, as trocas, o fazer tradicional, as famílias vão construindo paisagens e tecendo resistência ao modelo de agricultura imposto pelo capitalismo. Toda atividade desempenhada nos quintais contribui para a reprodução social e cultural das famílias.

Nesse processo de resistir, vemos a importância de considerar a ancestralidade e a cultura repassada por gerações, pois ela é a memória de um grupo, a preservação de si em um mundo complexo. A tentativa capitalista de apagamento das memórias provoca um isolamento das pessoas e da natureza, importando apenas com o progresso e o desenvolvimento, enfraquecendo e diminuindo nossa existência. A resistência só se faz presente quando nos sentimos pertencentes a uma unidade familiar e/ou grupo e conhecemos as histórias de quem lutou antes pelo que temos e ainda lutamos no presente. Para Petarly (2021), a forma de produção deve ser entendida de maneira específica em cada caso.

Sendo assim, o primeiro elemento a ser levado em consideração é que a unidade familiar de produção agrícola não deve ser comparada com uma unidade de produção capitalista, visto que possui princípios gerais de funcionamento interno divergentes. Ao contrário de uma empresa capitalista propriamente dita, a unidade familiar não se organiza objetivando a exploração máxima da mais-valia. Sua organização se baseia no trabalho dos próprios proprietários, ou seja, da própria família (Petarly, 2021 p. 267).

Quando se tem então um local em que se pode fazer um contraponto a essa perspectiva violenta que o capitalismo exerce através do agronegócio nas comunidades, nos camponeses e agricultura família, a força dele tende a aumentar em importância social e política. Durante o processo de pesquisa, os relatos da Dona Antônia e do Seu Leonardo é uma forma resistência

aos desafios de permanecer em uma área tão próxima as plantações de soja e isso é evidenciado na fala da Dona Antônia.

É difícil ficar assim tão perto da lavoura de soja sabendo do tanto de veneno que é jogado ai, as vezes também a gente se sente perdido aqui no meio parece que eles estão só esperando nós sair para plantar em tudo isso aqui. Mas estamos aqui plantando nossa roça, criando nosso gado, cuidando das plantas do quintal, criando as galinhas presas pra não comer a soja deles e assim vamos levando nossa vida simples e alegre de viver aqui (Entrevista, 08/07/2024).

O espaço em questão, cenário onde se desenvolve nossa narrativa documental, situado no Baixão dos Cocos no município de Darcinópolis, é um local fundamental para a reprodução dos meios de vida da população rural que cultivam nos quintais produtivos e manifestam suas culturas tradicionais por meio das práticas de manejo nos quintais. Nas narrativas exploradas desta pesquisa, percebeu-se que as famílias participantes possuem enraizamento com o lugar vivido e isso torna a luta pela permanência nestes espaços algo constante, uma vez que, o desejo em permanecer com as práticas culturais e os saberes ali manifestados estão presentes no cotidiano dessas pessoas. Assim como os ensinamentos passados para os filhos e netos, que numa tentativa de não permitir o apagamento da cultura local, resistem ao recorrente uso das terras para a expansão das monoculturas pelos grandes proprietários de terra da localidade.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa investigou o papel dos quintais produtivos como estratégia de resistência frente à expansão do agronegócio e como garantia da territorialização das famílias, explorando suas práticas, impactos socioeconômicos e culturais no Baixão dos Cocos no município de Darcinópolis-TO, revelando os saberes e forma de uso e manejo nos quintais. Os quintais produtivos têm uma relação estreita com a territorialização, pois se referem à prática de cultivo de alimentos e plantas em espaços rurais, sendo uma atividade não apenas para proporcionar uma alimentação saudável, mas também promove o uso sustentável dos recursos naturais e estão associados a práticas culturais e saberes locais.

Durante a pesquisa evidenciamos, através dos relatos dos participantes deste estudo, como percebem e utilizam o espaço no entorno da casa. O quintal pode servir como um local de encontro para a comunidade, a família, os vizinhos e amigos. É onde trocam-se experiências, saberes, sementes e até mesmo ajudam uns aos outros nas colheitas ou em atividades agrícolas. Esse espaço promove a coesão social e a solidariedade entre os membros da comunidade. O quintal também pode ser um local onde as histórias das famílias

são preservadas. Árvores antigas, marcos, estruturas específicas podem representar memórias e identidades culturais, servindo como um espaço onde as tradições são mantidas vivas.

As considerações e percepções das famílias participantes da pesquisa acerca dos quintais produtivos, permitiram observar que a particularidade e as estruturas, assim como, os processos de reprodução da cultura nesses ambientes, é um fator determinante na continuidade e permanência na área de expansão do agronegócio, evidenciando aspectos que, comumente, são vistos nas pesquisas sobre os grupos camponeses, onde as famílias, os meios, os materiais e as formas de reprodução são exercidos e manejados de maneira semelhante. É por meio da terra e da força de trabalho que as famílias garantem sua sobrevivência.

É comum que as famílias usem esses espaços para cultivar alimentos para autoconsumo, como hortaliças, frutas e ervas medicinais. Além disso, o quintal pode abrigar criações de animais menores, como galinhas, porcos ou cabras, que fornecem carne, ovos e leite para a família. A tradição do manejo dos quintais produtivos com produção de frutas e espécies típicas da produção nas roças de tocos, como o exemplo da mandioca, demonstra a relação simbiótica entre as famílias, o cultivo na terra e a riqueza alimentar que esses alimentos fornecem. Desempenham um papel essencial, não apenas em nossas necessidades físicas, mas também tem uma dimensão social significativa.

Durante o estudo, buscamos identificar a territorialização das famílias por meios de seus quintais, utilizando a cartografia social para uma compreensão mais completa da dinâmica espacial e social das famílias. As famílias puderam construir mapas e/ou croqui onde tornou perceptível a relação de afetividade que possuem com seus quintais. Desenharam cada item que fazem parte daquele espaço, a importância, de onde veio, quem deu, porque plantou e a relação que construiu com o lugar vivido. As árvores frutíferas são desenhadas em diversas partes do quintal, o cacauero, a casa de farinha, os viveiros dos animais, as plantas ornamentais, entre outros abordados nos desenhos que demonstram o pertencimento e sentimento pelo lugar.

Temos presente a representação da casa de farinha no mapa que é construída com estrutura tradicional e desempenha um papel fundamental no processo e manuseio da mandioca para a produção da farinha, um alimento básico, mas presente na mesa das famílias dessa localidade. A casa de farinha é construída e operada de forma artesanal, onde utiliza-se palha de coco babaçu na cobertura e paredes, forno de barro, cocha de madeira e ferramentas como pá feita de ossos e madeiras. Esse espaço, no quintal das famílias, que representa um espaço de encontro e socialização para a família, amigos e vizinhos que se reúnem para compartilhar saberes, simboliza a preservação cultural e o uso sustentável dos recursos locais.

Outro ponto importante nos mapas, são as cercas que limitam os quintais e desempenha várias funções que são expressas pelas mulheres durante a criação desses mapas. Durante a produção, elas expõem que as cercas marcam o local onde plantam as árvores que darão frutos, fazem suas hortas, cultivam ervas medicinais e criam seus pequenos animais. Em seguida, falam da segurança que a cerca oferece ao impedir a entrada de animais indesejados ou a saída daqueles de criação. No sentido cultural, as cercas podem marcar os limites de cada quintal dentro da propriedade familiar, demonstrando o cuidado e pertencimento com o espaço.

Em alguns casos, as cercas também fazem a divisão do quintal com as produções do agronegócio que atualmente tem provocado a expansão de grandes fazendas com adoção de práticas intensivas de produção, o que impacta negativamente os pequenos agricultores e as comunidades tradicionais. A expansão do agronegócio pode provocar a concentração de terras, uso extensivo de agrotóxicos e monoculturas, deslocamento de comunidades locais e redução da diversidade agrícola. Além disso, as políticas voltadas para o agronegócio, muitas vezes, privilegiam a exportação e a produção em larga escala em detrimento da agricultura familiar e dos métodos de cultivo tradicionais, o que pode minar a segurança alimentar e a resiliência das comunidades locais.

Os espaços dominados pelos grandes proprietários rurais, principalmente aqueles voltados para a produção do agronegócio, frequentemente refletem um modelo de concentração fundiária que negligencia os direitos e necessidades das pequenas propriedades e da agricultura familiar. A negligência em reconhecer a importância e a presença dos agricultores familiares pode ter várias origens, incluindo políticas que favorecem grandes proprietários de terras, falta de apoio governamental para redistribuição de terras de forma mais equitativa ou simplesmente uma cultura arraigada que prioriza certos interesses em detrimento de outros.

A agricultura familiar, que é responsável por uma parte significativa da produção de alimentos básicos no Brasil, como feijão, mandioca e milho, muitas vezes, enfrenta falta de apoio governamental, acesso limitado a crédito rural, assistência técnica precária e pouca infraestrutura. Por outro lado, os grandes pecuaristas, geralmente, contam com incentivos econômicos e políticos mais consistentes. Os pequenos produtores são pressionados a vender suas terras frequentemente e, na maioria das vezes, por valores abaixo do mercado ou são deslocados para áreas menos produtivas.

Portanto, a partir das informações apresentadas, podemos identificar as mudanças ocorridas no contexto social, econômico e cultural das famílias envolvidas na pesquisa e a permanência das mesmas com as práticas nos quintais mesmo com a expansão do agronegócio. Apesar das mudanças significativas causadas por esse modelo de produção em larga escala, é

notável a resistência e a permanência das práticas tradicionais nos quintais familiares, que desempenham um papel crucial na manutenção do modo de vida e da segurança alimentar dessas famílias.

A chegada do agronegócio, muitas vezes, resulta em mudanças nas redes sociais e nos vínculos entre as famílias, que passam a lidar com desafios como a redução da terra disponível, escassez de água, uso excessivo de agrotóxicos e conflitos agrários. Apesar da pressão para adoção de práticas padronizadas pelo agronegócio, os quintais continuam sendo espaços de interação social e preservação de tradições que refletem conhecimentos passados entre gerações.

Identificou-se, com o estudo dos quintais dessas famílias, que eles podem complementar a renda ao fornecer alimentos, plantas medicinais e, em alguns casos, produtos para comercialização local. Mesmo em um cenário de expansão do agronegócio, a produção em quintais contribui para reduzir a dependência de insumos e alimentos externos, gerando maior estabilidade econômica para as famílias. Os quintais dessa área também promovem a diversidade de espécies, que é fundamental para a cultura alimentar, a territorialização e a identidade local.

Algumas abordagens podem ser desenvolvidas nessa realidade para melhorar a compreensão dos espaços denominados como quintais produtivos, como os tipos de recursos que os moradores têm para implementar e manter os quintais, que políticas públicas ou incentivos para a criação desses espaços e quais tecnologias ou conhecimento técnico podem influenciar a produtividade. Essas dimensões podem ampliar a análise, tornando possível uma maior visibilidade da cultura desenvolvida por essas famílias e a importância dos quintais no âmbito local e regional.

Ainda que essa pesquisa tenha sido realizada em um estudo com algumas famílias do Baixão dos Cocos e, não podendo generalizar, identificamos que as famílias usam suas terras para produzir seus alimentos, mantêm suas atividades e seus modos de vida. Dessa forma, os quintais produtivos são espaços que promovem uma variedade de alimentos e as famílias conseguem manter suas tradições e modos de vida mesmo em face da influência dos grandes produtores da área com a monocultura da soja. Além do material que se produz nesses quintais, esses lugares são espaços de vida e para a vida, já que, transformam as experiências dos camponeses e os modos de subsistência rural, em traços e marcos que contam essas vivências e neles, existem vida.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Karla Karolline de Jesus. **Caminhos estratégicos para o desenvolvimento rural sustentável: uma análise da dinâmica sociotécnica dos quintais produtivos**. 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15325/1/2015\\_dis\\_kkjbrantes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15325/1/2015_dis_kkjbrantes.pdf). Acesso em: 02 mai. 2023.
- ABREU E SILVA, Paulo Roberto Flôrencio de Abreu e Silva. CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **A cartografia social no contexto escolar: estudando espaços vividos a partir das representações de paisagens**. v. 15, n. 1, p. 01-15, 2021.
- ACSELRAD, Henri. **Agronegócio e povos tradicionais**. LEMONDE diplomatique BRASIL. Editora Lamparina, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/agronegocio-e-povos-tradicionais>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- ARAÚJO, Isabelle Maria Mendes de; OLIVEIRA, Ângelo Giuseppe Roncalli da Costa. **Agronegócio e agrotóxicos: impactos à saúde dos trabalhadores agrícolas no nordeste brasileiro**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 15, p. 117-129, 2016.
- BISPO, Mariléia Oliveira. **O cerrado tocantinense: agronegócio e o prodoeste**. Produção acadêmica, v. 1, n. 1, 2015.
- BRAGA, Lara de Queiroz Viana. **Agronegócio cercando Agroecologia: modo de vida e conflito sócio-ambiental em comunidades agrícolas de Tabuleiro de Russas, Ceará**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Fortaleza, 2010.
- BRASIL. **Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989**. Brasília: Presidência da República, 1989. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7802.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7802.htm). Acesso em: 04 ago. 2023.
- CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do Lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo o lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.
- CERQUEIRA, Eder. **O processo de territorialização do capital monopolista no Estado do Tocantins: a chegada da monocultura da soja**. GOT: Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n. 15, p. 97, 2018.
- CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento. **Boletim de Monitoramento Agrícola**, Brasília, DF, v. 12, n. 12, dez. 2023.
- CONCEIÇÃO, Francilene Sales da. **Da territorialização camponesa à territorialização do agronegócio: um estudo geográfico da questão agrária em Santarém e Belterra/PA**. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/diony/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/DISSERTA%C3%87%C3%83O/DA%20TERRITORIALIZA%C3%87%C3%83O%20CAMPONESA%20%C3%80%20TERRITORIALIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20AGRONEG%C3%93CIO.pdf>.

Acesso em: 20 nov. 2023.

COUTO, Marcos Antônio Campos. **A visibilidade do invisível: conceitos e organização do ensino de geografia.** Revista Tamoios, v. 2, n. 2, 2006.

DELGADO, Nelson Giordano. **Agronegócio e agricultura familiar no Brasil: desafios para a transformação democrática do meio rural.** 2012.

DIAS, Patrícia, Fonseca. **Os impactos do avanço do agronegócio para os camponeses residentes no município de Goiatins/TO.** 2021. Monografia – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Geografia. 2021.

DOS SANTOS, Dorival. **Cartografia Social: o estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia.** Ciências, v. 2, n. 6, 2017.

DUTRA, Rodrigo, Marciel, Soares; SOUZA, Murilo, Mendonça, Oliveira de. **Cerrado, revolução verde e evolução do consumo de agrotóxicos.** Disponível em: [Dutra e Souza 2017.pdf](#). Acesso em: 20 nov 2023.

FERREIRA, Ortelina Maiara Farias. **O uso dos quintais produtivos pela agricultura familiar na comunidade rural João Ferreira no município de Ribeirópolis-SE.** – São Cristóvão, 2018.

FERREIRA, Ortelina Maiara Farias. **O uso dos quintais produtivos pela agricultura familiar na comunidade rural João Ferreira no município de Ribeirópolis-SE.** 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2018.

FILIPAK, Alexandra. **Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Brasil (2003-2015): análise a partir da percepção de mulheres rurais e de movimentos sociais mistos.** 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

FLORES, Bruno Calzavara. **Contribuições teóricas sobre quintais: memória (bio) cultural, vinculação afetiva e qualidade de vida.** 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida. 2018.

GAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** 1998.

GOMES, Jannine Castelo Branco. **Direito à terra e conflitos agrários: narrativas dos camponeses atingidos por processos de expulsão na Serra do Centro, município de Campos Lindos -TO.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult. 2019.

GONÇALVES, Sérgio. **A globalização do agronegócio e a destruição do campesinato no século XXI.** 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** São Paulo: Expressão Popular, p. 95-120, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** 2004.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida. Trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil.** 2013. Biblioteca virtual de ciências humanas.

HIRATA Helena; KERGOAT Daniele. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmndsBWQ/?format=pdf>. Acesso em 01 jul. 2023.

IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. 2024.

IZÁ PEREIRA, Lorena. **MATOPIBA: dos ajustes espaciais do agronegócio ao território de esperança do campesinato.** 2019.

JESUS, Sidinei Esteves de Oliveira de; KUNZ, Sidelmar Alves da Silva; SERRADOURADA Renata Nasser. **Políticas agrícolas na agricultura familiar: reflexões sobre o projeto de assentamento amigos da terra (Darcinópolis-TO).** 2013.

LEAL, Larissa Sapiensa Galvão; FILIPAK, Alexandra; DUVAL, Henrique Carmona; FERRAZ, José Maria Gusman; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. **Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais.** 2020.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa; COSTA, Solange Maria Gayoso da. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. Revista Geografares, n°12, 2012 p.76-113

LIMA FILHO, Marcelo Rodrigues; CARVALHO, Carlos Anderson Sousa de; BRITO, Aline Dias; MODESTO, Tiago Dantas; SILVA, Félix Lélis da. **Caminhada transversal: interpretação das diferentes unidades de uso dos solos presente no ifpa – campus castanhal.** 2019. Disponível em: <https://cointer.institutoidv.org/inscricao/pdvagro/uploadsAnais2020/CAMINHADA-TRANSVERSAL:-INTERPRETA%C3%87%C3%83O-DAS-DIFERENTES-UNIDADE-DE-USO-DO-SOLOS-PRESENTE-NO-IFPA-%E2%80%93-CAMPUS-CASTANHAL.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2023.

LISBOA, Marijane Vieira. **Violência institucional e globalização econômica: o caso brasileiro.** 2009.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade.** 2002.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no brasil: Por uma antropologia da territorialidade.** Brasília 2002.

MARINHO, Jaison Ribeiro. **Uma análise sobre as fronteiras agrícolas da região do bico do papagaio.** 2017.

MARQUES, A. R; FERNANDES, M. L. B; BEZERRA, J. F. R; SILVA, Q. D. **Abordagens sobre o território e a territorialidade das comunidades sertanejas do cerrado da chapada das mesas / MA.** 2014. Disponível em: [Vista do Abordagens sobre o território e a](#)

[territorialidade das comunidades sertanejas do Cerrado da Chapada das Mesas / MA \(ufu.br\)](#). Acesso em: 23 jul. 2023.

MATHEUS, Andréia Cristina. **Agricultura camponesa e o direito às sementes frente a financeirização do sistema agroalimentar**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós Graduação em Engenharia Agrícola. 2023.

MEDEIROS, Ana Lucia; SANTOS, Luana Borges dos; ANDRE, Claudomiro Moura Gomes. **Desenvolvimento Municipal das Microrregiões do Estado do Tocantins: uma análise a partir do Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal** Desenvolvimento em Questão, vol. 16, núm. 45, 2018 Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=75257033004>. Acesso em: 10 set. 2023.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista/Presidente Prudente, Programa de Pós Graduação em Geografia. 2004.

MENDONÇA, Maria. Luisa. **O Papel da Agricultura nas Relações Internacionais e a Construção do Conceito de Agronegócio**. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/Yjs35KhVFpmN7wVpTCCjgyJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MENDONÇA, Maria. Luisa. **O papel da agricultura nas relações internacionais e a construção do conceito de agronegócio**. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cint/a/Yjs35KhVFpmN7wVpTCCjgyJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MOTTER, Ana Elisete. **Representações da Identidade do Tocantins na Literatura e na imprensa (1989-2002)**. Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo, RS, 2010.

NASCIMENTO, S. M. V. **O desenvolvimento do capital no campo no contexto atual e os impactos nas relações de gênero**. Revista de Políticas Públicas. São Luiz. Número especial. Pp. 273-282, 2012.

NETO, Francisco Otavio Landim; SILVA, Edson Vicente da; COSTA, Nátane Oliveira da. **Cartografia Social Instrumento de Construção do Conhecimento Territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo**. Revista Casa da Geografia de Sobral, v. 18, n. 2, p. 56-70, 2016.

OAKLEY, Emily. **Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural**. Revalorizando, p. 37, 2004.

RIBEIRO NETO, Caio Pompeia. **Formação Política do Agronegócio**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Campinas, SP. 2018.

OLIVEIRA, Antônio Miranda de. **O mundo rural na literatura regional de Goiás e Tocantins**. 2016.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e territorialidade nos limites do rural e urbano, na comunidade quilombola dona Juscelina em Muricilândia – TO.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult. 2018.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de.; COSTA, Kenia Gonçalves; SILVA, Paloma Pereira da. **Quintais medicinais: território e territorialidades de práticas agroecológicas na Comunidade Quilombola Dona Juscelina – Muricilândia (TO).** 2019. Disponível em: [https://www.copenenorte2019.abpn.org.br/resources/anais/12/copenenorte2019/1565827324\\_ARQUIVO\\_cfa0df56b4706cfcc045b66409185fe6.pdf](https://www.copenenorte2019.abpn.org.br/resources/anais/12/copenenorte2019/1565827324_ARQUIVO_cfa0df56b4706cfcc045b66409185fe6.pdf). Acesso em: 01 dez. 2022.

OLIVEIRA, Jorlan Lima. **O desenvolvimentismo na pré-amazônia: o caso da região do bico do papagaio no norte do estado do Tocantins.** Revista CEREUS v. 8, n. 2, mai/ago. 2016 UnirG, Gurupi, TO, Brasil.

OLIVEIRA, José Manoel Miranda de. **Educação e a ação comunicativa na recepção de habermas diante da dualidade rural e urbano.** 2014.

OLIVEIRA, Kellyo Carneiro de. **Estratégias de logística reversa adotadas por produtores rurais na região da mata no município de Darcinópolis.** 2022.

PAIVA, Luiz Alexandre Canavezi de. **Agricultura familiar e desenvolvimento humano: desafios e possibilidades.** Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais. 2022.

PARENTE, Temis Gomes. **Desenvolvimento regional na perspectiva de gênero.** Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 269-284, dez. 2012.

PASSOS, Carlos José Sousa; ELOY, Ludivine; SOUZA, Cláudia de; SILVA, Andréa Leme da. **Políticas ambientais seletivas e expansão da fronteira agrícola no Cerrado: impactos sobre as comunidades locais numa Unidade de Conservação no oeste da Bahia.** 2019.

PAULILO, Maria, Iñez S. **O Peso do Trabalho Leve.** Departamento de Ciências Sociais-UFSC Revista Ciência Hoje- nº 28/1987. Disponível em: [opesodotrabalholeve.pdf](#). Acesso em: 29 nov 2023.

PEDROSA, Rosangela, Aparecida. **A importância dos quintais produtivos na economia familiar.** 2016. Disponível em: [Rosangela Pedrosa 2016- QUINTAIS PRODUTIVOS.pdf](#). Acesso em: 10 nov 2023.

PEIXE, Rita Inês Petrykowski; CANONICA, Rosangela. **Saberes e fazeres de Mulheres Rurais: Algumas narrativas.** Revista Educación, Política y Sociedad, v. 5, n. 1, p. 104-123, 2020.

PEREIRA NETO, Marcos. Antonio. **Novos lugares e olhares: as trajetórias socioespaciais dos estudantes quilombolas da Universidade Federal do Tocantins – câmpus Araguaína nos anos de 2016 e 2017.** 2018.

PEREIRA, Lorena Izá; PAULI, Lucas. **O processo de estrangeirização da terra e expansão do agronegócio na região do MATOPIBA.** 2016. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/30684/18932>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PETARLY, Renata. Rauta. **Meios de vida das famílias rurais**: um estudo da influência das políticas públicas de inclusão produtiva na divisão sexual do trabalho rural. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas – Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. 2021.

PINILLA, Nara Nara; OLIVEIRA, Maria do Socorro Lima. **A percepção sobre os quintais rurais por mulheres agricultoras do sertão do Pajeú- PE**. 2019.

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio; SILVA, Harley. 2022. **Da reprodução social da unidade familiar camponesa**: um estudo de caso no vale do Tocantins. Disponível em: [https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/esa30-2\\_02](https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/esa30-2_02). Acesso em: 10 Mar. 2023.

SANTOS, Roberto Souza. **(DES)envolvimento regional, fronteira e o espaço do agronegócio no tocantins**: crescimento econômico sem distribuição de renda. 2020.

SANTOS, Valéria Pereira; BRITO, Fernanda Pereira de. Mulheres e quintais produtivos: desafios e alternativas do uso da água para o cultivo de alimentos *in*: LEVORATO, Danielle Mastelari; RIBEIRO Priciane Cristina Correa; TAVARES, Tatiane Marinho Vieira; PEREIRA, Bruno Lopes; SOUSA, Janderson Henrique Mota de. Anais do VI e VII Seminários Bem Viver Indígena 2017-2018. **Os impactos dos grandes empreendimentos nas fontes de água dos Povos do Cerrado**. 2018.

SCHNEIDER, Sergio. Território, Ruralidade e Desenvolvimento. Disponível em: [726.pdf \(ufvgs.br\)](https://ufvgs.br/726.pdf). Acesso em: 07 ago. 2023.

SILVA, Elton Negreiros da. **Memórias de uma territorialização na construção do lugar e da paisagem**: Cultura e modos de viver dos Narradores da Ribeira. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCult. 2017.

SILVA, Idelma Santiago da. **Quintais Produtivos**: um saber-fazer das mulheres para um futuro presente camponês no sudeste do Pará. Revista observatório de la economia latino-americana Curitiba, v.21, n.12, p. 23756-23780. 2023.

SILVA, Geisa, Luisa Macêdo. **Quintais agroecológicos: um panorama sobre o assentamento serra verde em senhor do Bonfim-BA**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Extensão Rural. Juazeiro–BA 2023.

SILVA, Márcia Regina Farias da; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. **Quintais agroecológicos**: tradição, cultivo, conhecimento São Paulo: Livraria da Física, 2022. Disponível em: [https://www.uern.br/controladepaginas/ppgeo-documentos/arquivos/3652ebook\\_quintais\\_agroecola%C2%B3gicos\\_\(1\).pdf](https://www.uern.br/controladepaginas/ppgeo-documentos/arquivos/3652ebook_quintais_agroecola%C2%B3gicos_(1).pdf). Acesso em: 01 mai. 2023.

SILVA, Mariele de Oliveira; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Os contornos da resistência**: agricultura camponesa familiar no limite da expansão do monocultivo de eucalipto no território rural do Bolsão/MS. 2017. Disponível em: [admin,+08\\_Artigo+08+\[2016\].pdf](https://www.uern.br/admin,+08_Artigo+08+[2016].pdf) . Acesso em: 29 nov 2023.

SOARES, Zaré Augusto Brum. **Agricultura familiar, movime tos sociais e dese volvime to rural a região do bico do papagaio - Tocantins**: um estudo sobre as relações entre sociedade civil e desenvolvimento. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2009.

OLIVEIRA, Igor Gabriel Reis de; José, Luis, SOLLAZI. **Os camponeses e a questão agrária - a luta pela terra no brasil. 2019**. Disponível em: [OLIVEIRA E SOLLAZI 2019.pdf](#) Acesso em: 29 nov 2023.

SOLDERA, D. **A instabilidade do referencial de políticas públicas para a agricultura familiar no Brasil: uma análise das narrativas dualistas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUSA, Marcos Vinícius Lopes da Cruz. **A expansão do agronegócio via MATOPIBA**: as consequências socioambientais da grilagem de terras no Tocantins. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós Graduação em Serviço Social. 2022.

SOUZA, Artur Costa de. **Quintais produtivos e agricultura familiar: relacionamentos com o Desenvolvimento Regional Sustentável**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Cariri – UFCA, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável. 2016.

SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de. **A utilização de metodologias de diagnóstico e planejamento participativo em assentamentos rurais: o diagnóstico rural/ rápido participativo (DRP)**. 2019. Disponível em: [admin,+REE-2008-51.pdf](#). Acesso em: 25 jan. 2025.

STRATE, Mirian Fabiane; COSTA Sonia Maria da. **Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS –Brasil**. 2018. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/387/331>. Acesso em: 10 Mar. 2023.

TAVARES, Silvaldo Quirino; BISPO, Marciléia Oliveira; SILVA, Reijane Pinheiro da. **Modos de vida tradicionais e as implicações da “modernidade” sobre os sujeitos sociais no Tocantins**. 2017.

TAVARES, Silvaldo Quirino; BISPO, Marciléia Oliveira; SILVA, Reijane Pinheiro da. **Modos de vida tradicionais e as implicações da “modernidade” sobre os sujeitos sociais no Tocantins**. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.  
VIA CAMPESINA DO BRASIL. **O campesinato no século XXI** possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no brasil. 2004.

VIEIRA, Fernanda Rodrigues. **Valoração econômica de quintais rurais – O caso dos agricultores associados à cooperafi (cooperativa de agricultura familiar de itapuranga-go)**. Piracanjuba-GO editora conhecimento livre, 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade**. 2004. Disponível em: [Vista do Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade \(revistaesa.com\)](#). Acesso em: 05 out. 2023.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O campesinato brasileiro:** uma história de resistência. *Revista de economia e sociologia rural*, v. 52, p. 25-44, 2015.